

Universidade da Maia

Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento



O papel da relação professor-aluno na motivação escolar:
perceção de jovens em risco e professores

Catarina Silva Resendes, 40887

Dissertação de Mestrado em Psicologia Escolar e da Educação

Orientação: Professora Doutora Mónica Soares

Coorientação: Professora Doutora Helena Azevedo

Outubro de 2023 

Avisos legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Assim, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser feita com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é produto do seu próprio trabalho, que esta contém contributos originais e que todas as fontes utilizadas são reconhecidas. As fontes utilizadas encontram-se devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que a presente dissertação não inclui quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A todos os que estiveram envolvidos neste projeto, aos alunos, professores e outros membros da instituição, o meu obrigada pela vossa disponibilidade e colaboração.

À Professora Mónica Soares pelo seu apoio incondicional, por ter acreditado em mim quando eu não o fiz, por ter sido uma fonte de motivação. Por ter sido a pessoa que é.

Ao meu pai por ser o meu maior apoio em todas as horas. Obrigada por seres um *superpai* e o melhor do mundo.

À Cátia, por nunca ter deixado de acreditar em mim.

Ao André, por ser colo e uma fonte de energia para mim. À sua família, pelo apoio e pela compreensão.

A todos os meus familiares, aos meus avós que me protegem e que me apoiam aqui em terra e aos meus avós que são as estrelas mais brilhantes que me protegem e guiam lá do céu. Obrigada.

Aos meus amigos, pela força transmitida diariamente.

... A todos aqueles que permitiram realizar mais uma etapa, mais um sonho.

Resumo

O papel do docente na vida dos estudantes tornou-se cada vez mais essencial para o aumento do sucesso acadêmico e consequentemente para a motivação escolar, por isso mostra-se necessário aprofundar a relação entre estes dois grupos (Lee & Ha, 2022; Soares et al, 2015). De referir ainda que, a maioria dos alunos que representam várias necessidades a nível educacional, como o abandono escolar, as faltas disciplinares constantes e insucesso escolar (Paula et al, 2019), são jovens que experienciaram momentos negativos e impactantes que influenciaram o seu normal desenvolvimento tanto a nível individual, social e educacional (Arora et al, 2015). Neste sentido, este estudo foi realizado como objetivos principais: compreender a importância da relação pedagógica na motivação escolar e comparar as percepções dos jovens em risco e dos professores. Participaram 15 alunos, com idades entre os 16 e os 19 anos a frequentar o nono ano, atualmente, na “*Rotas do Futuro*” e 6 professores, com idades compreendidas entre os 27 e os 52 anos de idade, a lecionar na mesma instituição. A recolha de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada e em grupos focais. No que toca aos resultados, em geral, destaca-se a importância da existência de uma relação positiva entre o professor e aluno, de modo que a motivação escolar aumente para a promoção do sucesso escolar. Verificou-se ainda, uma falta de informação e de desenvolvimento sobre inteligência emocional para ambos os públicos, visto que estes jovens apresentam características de uma instabilidade emocional perante, principalmente, situações de conflito e os docentes continuam a demonstrar dificuldades na gestão dos mesmos.

Palavras-chave: Relação professor-aluno; Motivação Escolar; Jovens em risco

Abstract

The role of the teacher in the lives of students has become increasingly essential for increasing academic success and consequently for school motivation, which is why it is necessary to deepen the relationship between these two groups (Lee & Ha, 2022; Soares et al, 2015). It should also be noted that the majority of students who represent various educational needs, such as dropping out of school, constant disciplinary absences and academic failure (Paula et al, 2019), are young people who have experienced negative and impactful moments that influenced their normal development at both individual, social and educational levels (Arora et al, 2015). This study was carried out with the main objectives: understanding the importance of the pedagogical relationship in school motivation and comparing the perceptions of young people at risk and teachers. 15 students participated, aged between 16 and 19 years old, currently attending the ninth grade, at the “*Rotas do futuro*” and 6 teachers, aged between 27 and 52 years old, teaching at the same institution. Data collection was carried out through a semi-structured interview and focus groups. Regarding results, in general, the importance of the existence of a positive relationship between teacher and student stands out, so that school motivation increases to promote academic success. There was also a lack of information and development on emotional intelligence for both audiences, as these young people present characteristics of emotional instability in the face of, mainly, conflict situations and teachers continue to demonstrate difficulties in managing them.

Keywords: Teacher-student relationship; School Motivation; Young people at risk

Índice

Introdução.....	9
Capítulo I – Enquadramento Teórico e Empírico	11
1. Jovens em risco	11
1.1. Caracterização.....	11
1.2. Fatores que influenciam os comportamentos disruptivos em contexto escolar	12
2. As escolas TEIP	14
3. A importância da relação professor-aluno	15
3.1. A relação professor-aluno e as emoções	19
3.1.1. Inteligência Emocional	19
3.1.2 A influência da afetividade na relação professor-aluno.....	22
3.2. Relação professor-aluno e a motivação escolar	25
4. A Motivação Escolar	26
4.1. Teoria da Autodeterminação e o contexto escolar.....	27
Capítulo II – Enquadramento metodológico	31
5. Enquadramento geral e objetivos de estudo.....	31
6. Metodologia do estudo	32
6.1. Caracterização do contexto educativo – “Rotas do Futuro”	32
6.2. Participantes e instrumento de recolha de dados.....	34
Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados.....	37
7. Apresentação dos resultados	37
7.1. Caracterização sociodemográfica.....	37

7.2.	<i>Análise diferencial entre a “Rotas do Futuro” e o Ensino Regular</i>	37
7.3.	<i>Relação professor-aluno</i>	40
7.3.1.	Características dos professores.....	40
7.3.2.	Relação professor-aluno.....	41
7.4.	<i>Relação professor-aluno e as emoções</i>	42
7.4.1.	Inteligência Emocional	42
7.4.2.	Trabalhar a inteligência emocional	43
7.4.3.	Situações de conflito em sala de aula.....	44
7.4.4.	Afetividade na relação pedagógica	46
7.5.	<i>Motivação Escolar</i>	48
7.5.1.	Fatores que influenciam a motivação escolar	48
7.5.2.	Motivação e relação professor-aluno	51
7.5.3.	Estratégias para a motivação dos alunos	52
8.	Discussão dos resultados	53
	Capítulo III – Considerações finais.....	58
9.	Considerações Finais.....	58
	Referências Bibliográficas	62

Lista de siglas/abreviaturas

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

IE – Inteligência Emocional

TEIP – Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

Introdução

Nos últimos anos, há cada vez mais jovens que apresentam abandono escolar precoce e insucesso escolar por diversas razões, nomeadamente, pelas crianças não terem capacidades para aprender, pela falta de motivação ou por causa da família, por estes não quererem que os próprios filhos terminem a escolaridade obrigatória, pois esta recentemente foi alargada (Silva & Pinto, 2016). Ademais, é possível apontar outras características que se revelam importantes e que precisam de ser estudadas, como a relação professor-aluno (Soares et al, 2015). Aspetos estes, que colocam Portugal no terceiro lugar de mais retenções escolares a nível europeu (Silva & Pinto, 2016).

O docente é considerado o agente educativo mais próximo do jovem, para além da família e este deverá estar mais atento, apoiando e respondendo às necessidades do aluno, através da comunicação, conhecendo e compreendendo a história de cada aluno, a fim de perceber quais os interesses e os objetivos destes (Camargo et al, 2019). Desta forma, a relação professor-aluno é uma componente que se demonstra fundamental para a motivação do aluno na aquisição de novos conhecimentos e, por isso, deve ser aprofundada de modo que a motivação escolar dos jovens aumente (Camargo et al, 2019).

Denota-se que a maioria dos alunos que revelam estas características de abandono escolar precoce e insucesso escolar passaram por diversas situações, ao longo da sua vida, que se consideram impactantes e como consequência, estes acabam por estar envolvidos em comportamentos considerados desviantes (Takeiti et al, 2020). Estes adolescentes, muitas vezes, são excluídos pela comunidade educativa por estarem inseridos em diferentes problemas e acabam por perder a motivação necessária, deixando de frequentar as aulas ou o estabelecimento de ensino.

Neste estudo, devido à escassez de resultados acerca destes jovens que se encontram em risco, dá-se a oportunidade aos mesmos para relatarem a sua opinião sobre a experiência destes na escola/sala de aula com os professores e para descreverem a relação entre o professor e os alunos mais conveniente, com o objetivo de melhorarem a sua motivação escolar e, com isto, obterem sucesso escolar e diminuir o abandono escolar precoce.

Disto isto, este trabalho científico está dividido em três capítulos. O primeiro remete para o enquadramento teórico e empírico, descrevendo as variáveis estudadas e a importância das mesmas, interligando-as com a relação professor e aluno. O segundo capítulo dá ênfase ao enquadramento metodológico, focando os objetivos de investigação, o respetivo método, dando destaque aos participantes, aos instrumentos e aos procedimentos de recolha de dados. Por fim, o último capítulo destina-se à apresentação e à discussão dos resultados, as considerações finais, abordando as reflexões finais acerca do estudo realizado, as limitações do mesmo e as implicações para a prática do psicólogo escolar e da educação.

Capítulo I – Enquadramento Teórico e Empírico

1. Jovens em risco

1.1. Caracterização

A adolescência considera-se uma fase da vida do indivíduo que é marcada por diversas mudanças quer físicas, psicológicas e ambientais que, por sua vez, estão interligadas no contexto em que rodeiam (Sifuentes, Dessen & Oliveira, 2007 citado por Zappe & Dell’ Aglio, 2016). É nesta etapa que os jovens vão construindo a sua identidade e tendo em conta as variadas experiências que ocorrem ao longo deste ciclo é possível o aparecimento de determinados comportamentos que podem vir a preocupar as famílias ou outros agentes (Oliveira, 2018).

Um dos contextos considerados mais importantes para o adolescente é o escolar e é muito visível, atualmente, comportamentos de risco, como o de violência e indisciplina nestes ambientes educativos. Quando falamos nestes alunos que estão envolvidos neste tipo de acontecimentos, na maior parte das vezes, são jovens que se encontram em risco. Estes adolescentes são caracterizados como jovens que se encontram com diversas adversidades a nível social, educacional ou emocional e com necessidades no seu dia-a-dia, que podem influenciar negativamente o seu desenvolvimento saudável (Fonseca, 2004, p.12 citado por Ferreira & Cosme, 2019; Freund et al, 2021). Deste modo, estes possivelmente estão a passar ou já passaram por situações marcantes ao longo da sua vida que lhes prejudicam e, por sua vez, pode trazer ao de cima alguns comportamentos desviantes, nomeadamente, apresentar consumos de substâncias ilícitas ou álcool, maternidade/paternidade precoce e estarem envolvidos em situações de delinquência, tanto em contexto familiar ou entre pares (Takeiti et al, 2020).

Muitas vezes, estes alunos como passam a maior parte do seu tempo na escola, acabam por ter comportamentos disruptivos em sala de aula, perturbando o bom funcionamento da mesma (Camargo, 2018), começam por demonstrar desinteresse nas tarefas escolares, perdendo a motivação para a comparência na sala de aula, desrespeitam professores e pares, verifica-se atos de violência física e verbal para com indivíduos da comunidade escolar e revelam baixos resultados escolares (Paula et al, 2019). Desta forma, é necessário promover atitudes positivas nestes jovens acerca da escola e beneficiar a integração destes adolescentes na sociedade e no contexto de educação, a fim de prevenir e diminuir as ocorrências de alto de risco que estes alunos muitas vezes apresentam (Freund et al, 2021).

1.2. Fatores que influenciam os comportamentos disruptivos em contexto escolar

Atualmente, é possível viver diversas situações que se apresentam como ameaças para todos nós, como eventos stressantes e traumáticos que vão ocorrendo ao longo das nossas vidas, influenciando negativamente o nosso dia-a-dia e prejudicando o nosso desenvolvimento enquanto pessoa (Slaten et al., 2015). Situações estas que nos trazem mudanças imediatas e drásticas para as nossas vidas que origina emoções negativas e problemas fisiológicos e psicológicos preocupantes (Ashok et al., 2017).

Há diversos aspetos causadores destas condutas disruptivas e uma das mais impactantes é a família. O contexto familiar é algo imprescindível para um desenvolvimento saudável da criança e, estes jovens que se encontram em risco, a maioria não recebe o apoio adequado das suas famílias, demonstram ter uma destruturação familiar e por isso procuram outras formas de apoio (Camargo, 2018; Worku Mengisto & Horenczyk, 2019). Neste sentido, estes adolescentes podem ter pais com doenças mentais ou crónicas, com problemas de consumo de substâncias, a criança

pode estar exposta a violência doméstica no ambiente familiar ou até mesmo podem ser crianças órfãs, onde não têm qualquer figura parental de referência (Arora et al, 2015). Para além disso, torna-se fundamental a presença regular da mesma no contexto educacional, visto que os alunos se sentem mais seguros (Paula et al, 2019).

O contexto social em que o jovem está inserido também se demonstra um fator que faz despoletar este tipo de comportamento, visto que o jovem pode estar inserido num determinado grupo de pares que lhe influencia na personalidade e nas suas atitudes (Melo et al, 2016 citado por Camargo, 2018) e, na maioria das vezes, os grupos de amizades tem a tendência a pressionar o jovem para determinados comportamentos, tal como, consumir drogas, tabaco ou álcool e o envolvimento em situações de delinquência (Arora et al, 2015). Por outro lado, entre pares, há jovens que acabam por ser vítimas de *bullying*, e, por conseguinte, este isola-se não querendo fazer amigos ou não querendo frequentar o estabelecimento de ensino (Arora et al, 2015). Ademais, as famílias deste aluno podem estar a passar por dificuldades financeiras, vivendo um ambiente de pobreza e sem emprego, o que remonta para um contexto onde a probabilidade de haver frustração, agressividade e atitudes desviantes é maior, os pais podem ter problemas com a lei (crimes/prisão), acesso a armas e migração ou imigração (Arora et al, 2015).

Todos estas causas fazem com que o jovem, a nível individual, se encontre em situação de vulnerabilidade biológica ou intelectual, não consiga ter capacidade de gerir melhor as suas emoções, o que acaba por ter comportamentos agressivos e impulsivos. Ainda, remonta para que o adolescente tenha um baixo leque de aspetos emocionais, isto é, não ter tido afeto, suporte emocional e proteção, não ter alguém com quem partilhar o que está a sentir ou simplesmente alguém com quem falar, ter baixa autoestima e ter problemas psicológicos; e ainda, este adolescente pode não ter acesso à

saúde e pode ter dificuldades financeiras que, por sua vez, faz com que não tenha condições para ser saudável (Arora et al, 2015).

2. As escolas TEIP

O Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária foi criado na sequência das ZEP, na França, que consistia em escolas que apoiava as necessidades de cada um dos alunos, motivando-os a aprender e incluindo no contexto escolas atividades desportivas e artísticas (Soares, 2010). Neste sentido, o programa TEIP assemelhou-se tendo como objetivo promover o sucesso escolar dos jovens que se inseriam em comunidades com dificuldades sociais e económicas, alterando as práticas pedagógicas na aprendizagem, especificamente, quando se envolvia causas de estigma e exclusão social (Pacheco, 2008 citado por Guimarães & Pacheco, 2012).

Estas escolas, ao longo dos anos, foram vistas com algum preconceito devido ao rótulo que empregam nos alunos como “marginais” e desta forma, estes jovens não aceites noutras instituições de ensino, consideradas mais rígidos, pelas necessidades que cada estudante apresenta (Quaresma & Lopes, 2011). No entanto, estes estabelecimentos educacionais dão ênfase à redução do abandono escolar precoce, à promoção do sucesso educativo e à passagem da vida escolar para o mercado de trabalho (Soares, 2010). E para que isto aconteça, o programa TEIP considera a necessidade de alterar os planos curriculares e os métodos de aprendizagem, dando destaque à variada oferta educativa e formativa; adaptam o currículo às particulares de cada aluno; e os professores focam-se no apoio pedagógico dado dentro e fora da sala de aula (Guimarães & Pacheco, 2012).

Para além disso, o estudo de Quaresma & Lopes (2011) afirma que as escolas TEIP são marcadas pela humanidade apresentada aos jovens, isto é, denota-se uma

relação mais sólida e positiva entre os docentes e os técnicos TEIP e estes estabelecimentos valorizam a relação escola-família, salientando que o contexto educacional é um lugar para a criação de afetos e de formação de uma identidade social. Ademais, estes autores apontam para a importância de uma relação de afetividade na educação. A existência de relação próxima com todos os envolvidos da comunidade escolar e um ambiente seguro e favorável são fatores positivos para o sucesso escolar destes jovens, vistos como em situação de vulnerabilidade, e para a integração escolar dos mesmos.

Em suma, o que se torna importante dentro da comunidade educativa é a disponibilidade transmitida aos alunos para que estes possam ter acesso a uma educação de qualidade, promovendo o bem-estar emocional e o sucesso escolar, principalmente, aos adolescentes que se mostram mais vulneráveis a situações de risco, associadas à exclusão social e escolar (Soares, 2010).

3. A importância da relação professor-aluno

A escola é um espaço onde os jovens consideram ser a sua segunda casa, devido ao tempo que passam lá no seu dia-a-dia. Deste modo, é essencial criar condições para todos os jovens, mas, mais importante ainda, para estes jovens em risco, pois no seu contexto familiar não encontram o equilíbrio e o apoio necessário para um crescimento saudável. O estabelecimento escolar considera-se um lugar essencial para o desenvolvimento de todas as crianças e jovens, desde a nível académico a emocional. Os mesmos adquirem conhecimento sobre vários aspetos da vida em geral, sobre o futuro profissional, aprendem e desenvolvem diversas competências, tal como em termos afetivos e emocionais (Alam, 2021). Neste sentido, torna-se importante que a instituição de ensino compreenda e crie medidas de apoio escolar e/ou soluções para

ajudar estes jovens que estão a passar por dificuldades seja a que nível for (Sanders et al, 2016), a fim de tornar a escola num sítio seguro e confortável a nível emocional para todos os alunos, contribuindo para uma melhor aprendizagem e relação com todos os agentes educativos envolvidos (Camargo et al, 2019).

Para que os alunos se sintam seguros, respeitados e valorizados dentro da escola é necessário criar ambientes positivos, inclusivos e de apoio, assim, estes estarão motivados para a aquisição de novos conteúdos e o principal influenciador é o professor (Alam & Raj, 2018). De acordo com Trindade (2009, citado por Brito, 2015), a relação entre o professor e o aluno caracteriza-se por ser uma relação onde não há qualquer tipo de constrangimentos nem de intenções. Como os professores são considerados figuras de referência para os alunos, estes devem perceber as dificuldades e apoiá-los no processo de aprendizagem. É fundamental que o professor se mostre disponível para apoiar todos os jovens dentro e fora da sala de aula, visto que criar uma relação de proximidade com todos os alunos aumentará a oportunidade de pertença escolar (Kiefer et al, 2015) e demonstra que o professor é uma pessoa confiável (Camargo et al, 2019). No entanto, é de reforçar que o professor, como sendo o indivíduo mais próximo do aluno, também desempenha um papel imprescindível na motivação de cada um (Camargo et al, 2018). A criança/jovem, para que se sinta motivado a adquirir novas aprendizagens no estabelecimento de ensino, é fundamental haver uma relação positiva entre o professor e o aluno, facilitando um ambiente ajustável em sala de aula devido ao apoio que é transmitido pelo agente educativo (Lee & Ha, 2022). Desta forma, os alunos envolvem-se mais nas tarefas propostas pelo professor e faz com que nutram um sentimento de pertença escolar (Kiefer et al, 2015).

Além disso, é necessário conhecer as razões que levam o aluno a apresentar estes comportamentos e estas carências em contexto escolar, por isso mostrar interesse

pela vida pessoal do aluno e conversar individualmente com a criança pode fazer com que esta revele as suas necessidades emocionais e irá aumentar a empatia e a confiança, que por sua vez, irá melhorar a qualidade da relação entre o professor e o aluno (Nadeem et al, 2011; Paula et al, 2019). O estudo de Chen e colaboradores (2021), mostrou que os professores que têm uma boa relação de proximidade com os alunos, têm um melhor ambiente em sala de aula e os alunos, posteriormente, beneficiem de uma melhor aprendizagem de conteúdos. Ademais, aos alunos que não conseguem manter uma ligação com os professores, estes relatam que é importante insistir e mostrar que estão disponíveis e interessados nos mesmos, conversando com os jovens individualmente sobre o seu dia a dia, para que, assim, compreendam que o professor está ali para os apoiar em tudo. Já o estudo de Sanders e colaboradores (2016), revelou que os alunos que se encontram em alto risco procuravam uma relação, segurança e valorização dentro da escola através da ligação com os professores. Os adolescentes afirmaram que era importante para eles quando os professores demonstravam compreensão, disponibilidade e o apoio imediato que ofereciam, assim que os alunos relatavam os desafios que enfrentavam. Ainda, o mesmo estudo concluiu que ter um agente educativo que estivesse sempre disponível a apoiar e a ajudar estes jovens nos problemas que apresentassem, fazia com que a motivação escolar do mesmo aumentasse. Por outro lado, os alunos considerados de baixo risco relataram apenas que os aspetos físicos da escola eram mais prejudiciais para uma melhor aprendizagem do que a relação que estes tinham com os professores.

Por fim, conhecer cada aluno individualmente, a vida para além da escola, é algo indispensável, visto que só assim o professor consegue compreender o seu comportamento em sala de aula e os seus interesses e, assim, é capaz de responder às necessidades de todos os jovens (Camargo et al, 2019). Em relação à instituição escolar,

esta também se torna responsável para estimular e promover relações positivas entre os professores e alunos e entre pares igualmente, contribuindo com ações que previnem e diminuem os acontecimentos ligados à violência e indisciplina na escola (Valle & Williams, 2021). No que toca aos alunos que se revelam ser de risco, a instituição poderá optar por incluir medidas a fim de promover o bem-estar destes alunos, pois trabalhar com estes adolescentes exige algum esforço, não só da parte dos professores mas também da parte da escola, porque os relacionamentos não se devem focar só nos professores, mas igualmente com toda a equipa educativa para construir um ambiente escolar saudável e protetor para estes alunos e motivá-los para a autorrealização (Freund et al, 2021). Neste sentido, as medidas que o estabelecimento escolar poderá introduzir são, por exemplo, oferecer aulas extras aos alunos que não conseguiram comparecer às aulas devido aos desafios pessoais ou problemas de saúde; garantir que todos os professores que interagem com o aluno em questão tenha todas as informações necessárias sobre o mesmo, a fim de o proteger e de atender às suas necessidades; manter a comunicação com o jovem, demonstrando o interesse e preocupação pelo mesmo; envolver os pais no contexto educacional do jovem, acompanhando-os durante o percurso escolar e caso necessário, incentivar a participação dos mesmos em ações escolares para os pais; e manter contacto com profissionais de saúde se necessário (Hopkins et al, 2014).

Neste sentido, todos os agentes educativos devem promover um ambiente seguro para estes, mas mais especificamente, o professor. Este deve assegurar uma relação de qualidade com todos os seus alunos contribuindo, assim, para um aumento na motivação escolar destes jovens e não devem ser excluí-los por estarem envolvidos em diferentes problemáticas, pois assim, os alunos perdem a sua motivação escolar e

acabam por abandonar a escola, não terminando a escolaridade e não adquirindo novas aprendizagens e competências pessoais e sociais.

3.1. *A relação professor-aluno e as emoções*

3.1.1. Inteligência Emocional

A instituição escolar é um lugar onde os professores e os alunos trocam experiências, conhecimentos e emoções. Neste sentido, é importante que a escola dê espaço para que os professores e os alunos expressem as suas emoções e sejam validados, pois só assim, é que há oportunidade de haver uma relação aberta e verdadeira entre estes dois públicos (Faria & Camargo, 2018). Por isso, uma escola deve priorizar e desenvolver, com toda a comunidade escolar, a afetividade e as questões emocionais, visto que são necessidades atuais da nossa sociedade, que estão vinculadas à inteligência emocional, de modo a preparar os agentes educativos e a criar uma geração justa e empática, a fim de reduzir as emoções negativas associadas ao processo de aprendizagem e a violência escolar (Oliveira & Kottel, 2016).

A IE é caracterizada pela capacidade que um indivíduo tem de identificar e de saber lidar com as suas emoções e sentimentos e com os dos outros. As pessoas são inteligentes emocionalmente quando estão aptas para compreender as emoções que surgem em si e à sua volta e reconhecem o motivo e as suas consequências e, desta forma, criam estratégias para gerir ou regular as emoções (Supervía & Bordás, 2018).

No contexto de sala de aula, é muito comum a presença de comportamentos disruptivos por partes dos alunos e a IE relaciona-se com estas ações e com o sucesso escolar de todas as crianças e jovens. Isto porque as emoções, numa situação de conflito, podem dar origem a diversas reações e prejudica o ambiente saudável da sala de aula. Desta forma, quando se dá estes conflitos, os professores tendem a ter uma

maior compreensão acerca da IE e se forem indivíduos inteligentes emocionalmente, aplicam estratégias para diminuir os conflitos dentro da sala de aula, o que acaba por favorecer a relação entre o professor e o aluno e, que por sua vez, influencia positivamente no processo de aprendizagem (Tessaro & Lampert, 2019; Valente & Lourenço, 2022). Por outro lado, se os professores não tiverem capacidade de autorregular as suas emoções, cria-se um descontrolo emocional e isto pode originar consequências negativas tanto na relação com os alunos, como também nas suas práticas pedagógicas (Nunes-Valente & Monteiro, 2016).

O estudo de Valente (2019), revela que professores com mais qualificações académicas apresentam uma maior compreensão e implementação acerca da IE, pelo facto de experienciarem situações que necessitam de um estabelecimento de objetivos e prazos, motivando-os a haver alterações na vida destes docentes, do que os que mostram níveis de formação mais baixos. Ainda, o tempo de ensino também influencia os níveis de IE, tendo em conta que aqueles que lecionam há mais tempo, devido à exposição ao *stress* e *burnout*, mostram-se com um défice na IE, tal como os professores que utilizam estratégias como a anuência, que se destina ao professor reagir ao conflito passivamente e dando mais importância às vontades dos alunos naquele momento, a dominação, que se assemelha à autoridade, dando ênfase apenas aos fins impostos pelo professor, desvalorizando os alunos, de forma a que este tenha o controlo total da situação, e a evitação, que consiste no evitamento do conflito, não fazendo qualquer gestão quando há presença de conflitos em sala de aula. No entanto, os que utilizam estratégias direcionadas para o compromisso, onde o docente valoriza os interesses dos alunos e os seus, e para a integração, que se considera uma colaboração entre todos (alunos e professor) para encontrar uma solução para aquele momento de conflito, estes indicam níveis elevados na IE.

Neste sentido, torna-se importante haver um maior desenvolvimento da IE em contexto escolar, tanto com os alunos como nos professores. Desta forma, para que os professores consigam elevar os níveis de IE, é necessário a realização de programas ou outro tipo de formação neste tema em específico (Valente & Lourenço, 2020), visto que estudos demonstram que com estes programas de formação é visível a aquisição de competências, uma mudança nas práticas e nos comportamentos adotados pelos professores melhorando o ambiente em sala de aula e a aprendizagem (Dolev & Leshem, 2016). No entanto, segundo Tessaro & Lampert (2019), uma das estratégias para apoiar o desenvolvimento da IE é a realização de atividades lúdicas e dinâmicas, abordando a regulação emocional e tendo em conta outros temas, como a autoestima. Adicionalmente, o estudo de Chandra (2020) demonstra que a pandemia veio dar mais importância à saúde mental e, neste estudo, o stress e a inteligência emocional foram as variáveis estudadas. Tendo em conta, as dificuldades que todos os indivíduos enfrentaram, o contexto escolar foi um dos mais afetados, devido ao excesso de trabalho, os exames presenciais adiados e cancelados, as aulas online com falhas técnicas e a adaptação aos mesmos, que proporcionaram consequências negativas a nível psicológico, no entanto esta investigação revela que para ultrapassar o stress, os estudantes acabaram por aumentar a sua inteligência emocional, com diversas estratégias implementadas a partir de casa, tal como a aprendizagem de novos hobbies, por exemplo, a pintura, música, culinário, entre outros, criaram maiores laços com a família, ajudando os pais nas tarefas domésticas e nos estudos dos membros da família mais novos, ainda interessaram por realizar cursos online para aperfeiçoar ou adquirir novas competências e procuraram empregos remotos a fim de criar uma rotina e aumentar a produtividade.

Posto isto, a IE mostra-se um sustento para criar e manter as relações entre todos positivas e contribui, ainda, para um bom funcionamento em sala de aula, melhorando o desempenho e o sucesso escolar de todos os alunos, logo é essencial que todos os professores desenvolvam a sua IE para, não só criar uma relação saudável com os jovens, mas também para se sentir mais satisfeitos com a sua profissão (Valente et al, 2020).

3.1.2 A influência da afetividade na relação professor-aluno

O processo de ensino-aprendizagem é influenciado por vários fatores, como os individuais, os sociais e os emocionais (Oliveira & Kottel, 2016). Dito isto, torna-se, então, fundamental criar relações saudáveis entre o professor e o aluno para que estes consigam obter emoções positivas relativamente ao processo de aprendizagem, como já foi anteriormente mencionado, visto que, assim, as crianças e os jovens têm uma aquisição de conteúdos mais prolongada e mais significativa, contribuindo para o sucesso escolar e para o bem-estar emocional dos alunos (Chen et al, 2021). Um dos fatores emocionais que influencia positivamente esta relação pedagógica é a afetividade.

A afetividade é vista como uma parte importante no desenvolvimento humano, mais ainda no desenvolvimento infantil e não só nas relações interpessoais é essencial, como também na aquisição dos conhecimentos (Guimarães & Maciel, 2021). Segundo Ferreira (1999, p.62 citado por Markic, 2017), este conceito é definido por um “conjunto de fenómenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza”. Ainda para uma melhor compreensão da afetividade, a teoria de Wallon assenta na importância da interligação da afetividade com a cognição no desenvolvimento da criança, visto que os comportamentos das crianças estão virados para a construção do eu, a vertente afetiva e

para a exploração do mundo lá fora, a vertente intelectual. (Ferreira, 2022; Piccoli et al, 2019). Apesar dos dois sentidos serem completamente o oposto, ambos se completam para um melhor desenvolvimento da criança (Ferreira, 2022).

No que toca ao contexto escolar, a afetividade nunca foi muito valorizada tendo em conta a contribuição que esta dava para uma melhor aprendizagem, porque consentia-se que a aprendizagem era apenas ligada à razão. Todavia, depois alguns autores estudarem novamente esta temática, descobriu-se que a afetividade é um aspeto essencial para relação professor-aluno, que conseqüentemente contribui para uma melhor aprendizagem de todos os alunos (Guimarães & Maciel, 2021). Sendo assim, os alunos vão desenvolvendo a sua personalidade através da interação com os outros, ou seja, o desempenho e o sucesso escolar do aluno vão depender da conexão afetiva que o mesmo estabelece com o seu professor (Ferreira, 2022).

O professor define a sua relação com os adolescentes através de ações emocionais e de afetividade, pois é desta maneira que a interação entre ambos os sujeitos vai acontecer, isto é, quando o docente está atento aos sinais que os alunos enviam, mais especificamente em sala de aula, tal como os comportamentos disruptivos, expressões faciais, gestos, entre outros, o mediador quando decide aproximar-se e comunicar com os jovens acerca destas atitudes, acaba por criar emoções e/ou sentimentos positivos, como o respeito e a confiança aos mesmos (Ferreira, 2022; Markic, 2017).

O estudo de Guimarães e Maciel (2021), demonstraram que os professores compreendem que o afeto é um ponto importante a ser introduzido na relação que estes têm com os estudantes, pois quando os docentes aplicam a afetividade há uma maior interação com os alunos e afirmam existir efeitos positivos no processo de

aprendizagem. Para além disso, estes professores declaram uma ajuda para a comunicação, o que faz com que consigam conhecer as necessidades dos alunos.

Posto isto, ao criar uma ligação afetiva na relação pedagógica não só melhora as práticas de cada professor como também, adquire-se a disciplina dentro da sala de aula, ou seja, os professores e os alunos têm de expor as suas emoções e os seus sentimentos com o objetivo da compreensão entre todos para uma aprendizagem mais significativa e um melhor bem-estar de todos os envolvidos (Guimarães & Maciel, 202; Piccoli et al, 2019). Para além disso, este tipo de relação proporciona um ambiente escolar seguro, o que permite que não haja problemas afetivos e cognitivos, possibilitando sociabilização entre a turma e toda a comunidade escolar, visto que somos o resultado dos nossos relacionamentos interpessoais por meio social e cultural, onde se encontra na instituição educacional, ou seja, dependemos de outros para tais relações de afetividade acontecer (Ferreira, 2022; Santos et al, 2016).

A afetividade não é apenas imprescindível para o contexto educacional, porque para o contexto familiar também se torna muito importante, ainda mais importante que na escola, para o desenvolvimento e formação da personalidade de cada jovem (Piccoli et al, 2019). As primeiras interações da criança é com a família e só depois com a escola e quando os pais estabelecem uma relação de afetividade com os seus filhos, como por exemplo, cuidar, apoiar emocionalmente e protegê-los, pois assim, estes sentem-se mais preparados para viver em sociedade, pois são os pais que têm a responsabilidade de educar as crianças para adquirirem comportamentos que são socialmente aceitáveis (Markic, 2017). Para além disso, a principal fonte para a formação da identidade de cada criança está no ambiente familiar, pois é aqui que o filho procura referências e proteção. Apesar de ser a família o maior contributo para o desenvolvimento da criança, a nível afetivo, a escola e a família deverão estar sempre interligadas, seja no

acompanhamento da criança no seu percurso escolar como na atenção que devem ter no que toca às dificuldades (Piccoli et al, 2019).

Desta forma, a afetividade torna-se um aspeto imprescindível para a construção do conhecimento da criança e/ou do jovem, através da relação que o professor estabelece com o aluno, dando sempre a oportunidade de o mesmo expor aquilo que sente para que, assim, contribua para melhores resultados escolares. Por outro lado, no contexto familiar, ter uma relação de afetividade entre pais e filhos também se torna algo com alguma importância na vida de uma criança e/ou jovem, visto que é a família são as primeiras relações sociais e é no ambiente familiar que a criança/jovem começa por vincar a sua personalidade.

3.2. Relação professor-aluno e a motivação escolar

O professor não é só responsável pela transmissão de conhecimentos, este também acaba por ser um dos principais agentes para que os alunos tenham a motivação necessária para a obtenção de novos conteúdos (Santos et al, 2016).

A relação pedagógica envolve-se negativamente com o risco de abandono escolar (Noble et al, 2021), ou seja, se não existe uma boa relação entre o professor e os alunos, estes acabam por perder motivação para adquirir novos conhecimentos e abandonam a escola. Segundo o estudo de Ribeiro e colaboradores (2016), o comportamento dos professores para com os alunos foi avaliado como um ponto negativo no que toca à motivação escolar. Os jovens afirmam que a falta de professores no sistema educativo, o chegar constantemente atrasado às aulas, a falta de compreensão e calma para com os alunos e, ainda, o não demonstrar que gosta da sua profissão, faz com que os alunos percam a vontade de comparecer às aulas ou até mesmo vontade de estudar para obterem bons resultados académicos. Ainda, Segundo Schiefele (2017), um

professor motivado para a sua profissão é capaz de mudar o ambiente em sala de aula e motivar, conseqüentemente, os alunos no processo de aprendizagem.

Dito isto, torna-se então importante promover uma relação positiva entre estes dois grupos, a fim de excluir as emoções negativas relacionadas com a aprendizagem e proporcionar melhores resultados escolares, maior envolvimento nas atividades propostas e melhor desempenho na sala de aula (Clem et al, 2021). No que toca a esta relação professor-aluno, é essencial que o professor esteja motivado para lecionar novos conteúdos aos alunos, seja inovador, dedicado e que demonstre prazer na forma como ensina, pois, o aluno desta forma será mais ativo, ficará mais atento em sala de aula e tornar-se-á mais fácil deste adquirir novos conhecimentos (Camargo et al, 2019). Segundo o estudo de Farhah, Saleh & Safitri (2021), os professores que exercem a sua profissão há mais tempo, conseguem obter uma melhor relação com os alunos e, por conseqüente, tornam-se mais motivados e têm um melhor bem-estar. Neste sentido, a motivação escolar torna-se um dos fatores mais importantes para uma aprendizagem de sucesso e para um bom desempenho a nível de sala de aula.

4. A Motivação Escolar

A motivação é caracterizada por “um conjunto de processos de ativação e persistência do comportamento. Ser motivado é estar inspirado para uma ação específica, é ter iniciativa. O contrário, aquele que não possui tais características, é considerado desmotivado. No contexto ensino-aprendizagem, a motivação é o fator interno que impulsiona o aluno para estudar, iniciar os trabalhos e perseverar neles até ao fim” (Neves, 2010, p.36 citado por Duque et al, 2019). Este indicador pode ser manipulado por diversas razões, tais como, as expectativas das famílias para com os jovens, os pares, o método de aprendizagem utilizado em sala de aula, o programa

curricular, o aumento do grau de dificuldade (Ferreira & Cosme, 2019), a organização da instituição de ensino, capacidades individuais de cada aluno e a relação do professor para com os alunos (Siqueira & Wechsler, 2006 citado por Duque et al, 2019).

No contexto escolar, existem dois aspetos no que toca à motivação que se consideram comuns: a motivação extrínseca e a motivação intrínseca. Neste sentido, a motivação intrínseca caracteriza-se pelo interesse e pela iniciativa que o sujeito tem para com a realização de alguma atividade com o propósito de conceber satisfação pessoal (Kanonire et al, 2020; Morris et al, 2022). Por outro lado, a motivação extrínseca foca-se em estímulos externos, onde o resultado de uma determinada tarefa tem benefícios para o próprio, tal como ter aproveitamento para concluir e avançar para o próximo ano de escolaridade, agradar os pais ou competir com os pares (Ribeiro et al, 2016; Morris et al, 2022), desta forma, os alunos acabam por desenvolver competição e reconhecimento (Kanonire et al, 2020). Neste sentido, a motivação para aprender novos conteúdos provém da união entre o desenvolvimento da motivação intrínseca com o auxílio da motivação extrínseca (Ramos, 2019).

4.1. Teoria da Autodeterminação e o contexto escolar

Para uma melhor compreensão destes tipos de motivação, a teoria da autodeterminação de Deci & Ryan é uma teoria baseada no comportamento humano e no desenvolvimento da personalidade e foca-se, principalmente a nível psicológico e nos tipos de motivação (motivação intrínseca e motivação extrínseca), que se diferenciam ao longo de continuum, passando de controlado a autónomo (Ryan & Deci, 2017).

A motivação intrínseca está associada ao envolvimento das pessoas em atividades ou comportamentos que lhes despoletem prazer e interesse assim que

realizam. estas atividades ou comportamentos não lhes trazem quaisquer recompensas nem evitamento de punições, pois este tipo de motivação é caracterizado por uma “fonte de energia” para todos os indivíduos terem empenho e dedicação para com as suas tarefas e, desta forma, desenvolverem-se a nível pessoal (Deci & Ryan, 2016). Este tipo de motivação acontece muito antes das crianças entrarem no contexto escolar, é um exemplo as brincadeiras que estas têm visto que elas manipulam e exploram os ambientes em que estão inseridas e têm prazer ao experienciar estas atividades e, ao mesmo tempo, conseguem adquirir novas aprendizagens e é muito importante para o seu desenvolvimento (Deci & Ryan, 2016).

Quando falamos da motivação intrínseca, referimo-nos às atividades que satisfazem as necessidades psicológicas básicas, isto é, a autonomia, a competência e a pertença (Ryan & Deci, 2017). A autonomia está relacionada com a voluntariedade, ou seja, as ações dos indivíduos estão relacionadas com os seus interesses e com os seus valores e, no que toca à teoria da autodeterminação, certos comportamentos propositados são autorregulados e autónomos e os outros são regulados por estímulos externos ou por aspetos que não estão relacionados com a personalidade do sujeito. Assim, a maioria dos comportamentos dos indivíduos são impulsionados por estímulos internos ou externos e, por isso, não devem ser considerados autorregulados (Ryan & Deci, 2017).

Outra necessidade psicológica básica é a competência. Esta necessidade é considerada fundamental para a motivar certos comportamentos e é precisa, pois, o sujeito sente-se no controlo da situação. É demonstrada através do esforço, da curiosidade apresentada e da manipulação (Deci & Moller, 2005 citado por Ryan & Deci, 2017). Porém, a competência pode ser diminuída se o indivíduo estiver inserido

em ambientes com desafios, ao receber opiniões menos positivas, como críticas ou comparações.

Por fim, a pertença é considerada como conexões sociais, ou seja, as pessoas têm mais afinidade com os outros quando sentem que estão a ser cuidadas, quando se sentem importantes na vida de outras pessoas e quando nutrem sentimento de pertença (Ryan & Deci, 2017). Deste modo, quando os indivíduos estão inseridos em ambientes de apoio ou de carinho, facilmente conseguem assimilar conhecimentos, valores e regular os seus comportamentos (Deci & Ryan, 2016). Ademais, para satisfazer esta necessidade, os sujeitos devem também realizar o contrário, ter pessoas importantes na sua vida, cuidar e ainda contribuir para o contexto social, por exemplo, fazer parte de uma organização social.

No que toca ao contexto escolar, o apoio fornecido às necessidades dos alunos vai de encontro com o estilo de motivação que cada professor apresenta. O estilo motivador do professor só é percebido através do apoio dado à autonomia contra a competência do professor e a motivação do aluno só é transmitida através da satisfação das necessidades e da frustração das necessidades, como o empenho e o não empenho do mesmo (Jang et al, 2016).

Dentro da sala de aula, quando o professor prioriza o método de aprendizagem baseado na autonomia ao invés da competência, ou seja, ensina com um tom menos autoritário, valoriza a opinião de cada um e dá oportunidades para a iniciativa própria de cada aluno, o ambiente escolar tende a ser mais positivo, criando bem-estar e envolvimento dos alunos nas tarefas. Desta forma, os alunos terão as necessidades básicas psicológicas (a autonomia, a competência e a pertença) satisfeitas e aumentará, conseqüentemente, a motivação escolar destes alunos (Jang et al, 2016). O mesmo se pode afirmar no que toca à educação dada pelos pais, visto que o aumento dos

comportamentos disruptivos se dá devido ao controlo dos pais, isto é, os progenitores acabam por priorizar a necessidade competência e não a da autonomia. Ademais, uma educação baseada na autonomia beneficia na socialização dos jovens. (Van Petegem et al, 2015).

Estas necessidades psicológicas básicas se se não satisfazem, dá-se a amotivação. A amotivação considera-se uma redução de motivação intrínseca e extrínseca e é muito frequente em contexto escolar, visto que os alunos podem sentir falta de competência, valores ou interesse para executar a tarefa proposta. Este tipo de motivação é um fator negativo para o bem-estar e desempenho dos alunos (Ryan & Deci, 2020).

No que toca à motivação extrínseca, a teoria de autodeterminação demonstra que este tipo de motivação tem por base o grau de internalização de cada indivíduo e, por isso, considera-se controlado ou autónomo, ao qual os autores dividem a motivação extrínseca em subtipos, tendo em conta estes dois aspetos. Na regulação externa, os sujeitos não se consideram autónomos, visto que procuram uma recompensa ou evitam uma punição, ou seja, esta forma de motivação é totalmente controlada (Ryan & Deci, 2020). Na regulação introjetada, os sujeitos já se mostram com alguma autonomia, porém estes ainda realizam as atividades através do evitamento do sentimento de culpa, ansiedade ou falhanço e é muito conduzido pelas recompensas internas, tal como a autoestima (Ryan & Deci, 2020). A regulação identificada, as atividades acabam por ser maioritariamente autónomas, dado que as pessoas atribuem alguma importância ou valorizam muito a situação em questão, por isso, aumenta a vontade de realizar aquela ação (Ryan & Deci, 2020). Por último, a regulação integrada considera-se interligada com a motivação intrínseca, visto que os indivíduos são totalmente autónomos, pois executam as atividades com bases nos seus valores, nos seus interesses e prazer, assim,

aumenta o seu bem-estar, a sua autoestima, ou seja, é uma motivação autónoma (Ryan & Deci, 2016; 2020). Dito isto, os alunos que têm uma maior motivação extrínseca autónoma (regulação integrada) ou motivação intrínseca têm mais facilidade em adquirir novos conhecimentos, têm um maior desempenho e maior adaptação ao ambiente escolar do que os alunos com motivação autónoma mais baixa (Ryan & Deci, 2013, citado por Deci & Ryan, 2016).

O estudo de Ryan & Deci (2016; 2020) demonstra que as escolas ao se basearem nesta teoria conseguem apoiar a motivação tanto dos alunos como dos professores, havendo um maior apoio às necessidades psicológicas básicas para o desenvolvimento de uma motivação intrínseca e motivação extrínseca, mais autónoma. Assim, aumentará o bem-estar dos professores e dos alunos, o desempenho dos mesmos e um desenvolvimento psicológico saudável (Ryan & Deci, 2020). Neste sentido, torna-se fundamental que no estabelecimento de ensino haja mudanças significativas de modo a beneficiar os professores e alunos no bom funcionamento de sala de aula e nos resultados escolares, criando ambientes que apoiam a motivação intrínseca e autonomia deste público, pois, os ambientes em que a população em geral que está inserida influencia muito a motivação autónoma, porque se um indivíduo tiver condições socio contextuais onde apoiam a satisfação das necessidades básicas psicológicas (autonomia, competência e pertença) a motivação autónoma aumenta, enquanto que se não houver estas condições a motivação será diminuída (Deci & Ryan, 2016).

Capítulo II – Enquadramento metodológico

5. Enquadramento geral e objetivos de estudo

A literatura revela uma escassez de investigação referente a este público-alvo em específico, os jovens em risco. Neste sentido, no presente estudo dá-se aos jovens a

oportunidade de relatarem as suas opiniões acerca de diferentes aspetos da relação existente entre o professor e o aluno e sobre a motivação escolar e, por conseguinte, compará-las com as dos professores.

O presente estudo define-se como um estudo de caso de natureza interpretativa, visto que pretende concetualizar, comparar, representando diferentes pontos de vista dos participantes envolvidos e construir hipóteses, compreendendo, assim, todas as características do caso em estudo (Ludke & André, 1986 citado por Amado, 2014). Ademais, considera-se um estudo instrumental, na medida em que carece de uma compreensão global acerca de um tema específico e é um estudo de caso descritivo, onde pretende oferecer informação rica, completa e detalhada do conteúdo a ser estudado (Amado, 2014).

Assim sendo, este estudo tem como objetivos gerais: a) compreender a importância da relação pedagógica na motivação escolar; b) comparar as perceções dos jovens em risco e dos professores. E para além disso, os objetivos específicos apresentam-se como: a) explorar as características da relação professor-aluno; b) aprofundar a importância da inteligência emocional na relação pedagógica; c) compreender a influência da afetividade na relação entre professor e aluno; d) explorar os motivos dos alunos para a frequência das aulas e para a aquisição de novos conteúdos; e) conhecer as causas da desmotivação escolar; f) compreender a importância da relação pedagógica na motivação escolar.

6. Metodologia do estudo

6.1. Caracterização do contexto educativo – “Rotas do Futuro”

O local estudado na presente investigação foi denominado por um nome fictício e, daqui em diante, será referido como “Rotas do Futuro”, a fim de salvaguardar a identidade da instituição e garantir a confidencialidade.

Este contexto é considerado um centro de formação ou uma escola, com o objetivo de apoiar jovens entre os 14 e os 22 anos, que estejam que já tenham ultrapassado cenários socialmente desafiantes e, conseqüentemente, tenham experienciado situações de exclusão escolar. Sendo assim, este estabelecimento de ensino que dá ênfase à Inclusão Social e o seu objetivo é gerar soluções que sejam capazes de desenvolver a autonomia, exercício da cidadania e aumentar as taxas de empregabilidade dos jovens em situação de maior fragilidade (Dantas et al, 2020). Este contexto é distinto das escolas consideradas “tradicionais”, devido aos modelos de ensino que se inspiraram, que visam potenciar a aquisição de melhores aprendizagens para os chamados “jovens em risco”, de modo a adquirirem ou melhorem as suas competências pessoais e socioemocionais. Neste sentido, uma das inspirações para este estabelecimento foi a “Educação nova ou a nova escola”, visto que valoriza os interesses das crianças e dos adolescentes, utilizando métodos variados como: atividades escolares fora da sala de aula; práticas que vão para além das disciplinas tradicionais; inclusão de, pelo menos, hora e meia de trabalhos manuais, que sejam úteis e educativos; tempo livre dentro do horário escolar para autogestão de atividades por parte dos alunos; e participação social ativa.

O modelo *Montessori*, tem por base a educação sensorial e demonstra a importância de realizar atividades que sejam úteis para o dia a dia, a fim de desenvolver competências a nível cognitivo e social (Marshall, 2017). Ainda, este método valoriza a liberdade, mas sempre respeitando o limite da mesma, a motivação e o interesse que é transmitido pelos adolescentes. Considera-se, pois, que é possível diminuir os comportamentos considerados disruptivos, priorizando estes aspetos.

Por fim, o modelo *Waldorf* dá ênfase ao respeito pelo tempo e espaço a de cada um é fundamental para que os jovens consigam adquirir novas aprendizagens, sem

pressa ou competição. Adicionalmente, foca-se no que cada um quer, sente, pensa e reforça a importância de educar através de atividades práticas e que o sentir pode ser trabalhado através da arte, expressando-se pelas emoções; e por fim, como o pensar exprime-se pela mente e é aprendido pela transmissão de conhecimentos.

Para além disso, esta instituição demonstra a importância da aprendizagem através da cultura artística, tendo desenvolvido um projeto que tem como objetivo promover vocações e inclusão com a cultura e remonta a valorização da formação pessoal através da arte. Este projeto foca-se, assim, na educação, inclusão e inovação pela prática artística, pois traz diversas vantagens a nível do desenvolvimento de determinadas competências, nomeadamente, “captação de linguagens, estimulação da criatividade, melhoramento das capacidades de expressão e de comunicação e a compreensão de diferentes fenómenos em diferentes contextos.” (Dantas et al, 2020 p. 19).

Em suma, esta instituição de educação pretende apoiar estes jovens no seu desenvolvimento, envolvendo a educação e a arte, ao mesmo tempo. Neste sentido, o seu principal objetivo é a aquisição e desenvolvimento, não só de competências essenciais para que obtenham um futuro melhor em diferentes níveis, mas também que consigam alcançar sucesso académico para se (re)inserirem tanto num contexto escolar e no mercado de trabalho.

6.2. *Participantes e instrumento de recolha de dados*

Neste estudo participaram 15 estudantes, com idades entre os 16 e os 19 anos a frequentar, atualmente, a “*Rotas do Futuro*” e 6 professores, com idades compreendidas entre os 27 e os 52 anos de idade, a lecionar na mesma instituição.

Para que os objetivos sejam cumpridos, foi realizada uma observação participante, isto é, o investigador permaneceu durante um longo período de tempo no local onde o estudo estava a ser realizado, interagindo com todos os participantes, influenciando ou sendo influenciado pelo contexto a ser estudado (Amado, 2014). Adicionalmente, foram construídos dois guiões de entrevista semi-estruturada, (anexos 1 e 2) desenvolvidos a partir da literatura recolhida e dos objetivos de investigação (anexo 3). Um dos guiões é orientado para os alunos e outro para os professores, com questões comparativas. Realizou-se 4 entrevistas, cujas transcrições estão disponíveis nos anexos 4, 5, 6 e 7, e foram feitas em grupos focais, nomeadamente, de 3 a 4 alunos por cada entrevista e em relação aos professores, apenas foi feita uma entrevista com todos os professores que lecionam atualmente na instituição escolar (anexo 8). Os grupos focais distinguem-se por agruparem um certo público na discussão de uma temática, tendo presente um moderador que garantirá a interação entre os mesmos e não deixará que os participantes se desviem do tópico central. Este método caracteriza-se por ser mais favorável devido à abertura que há para um variado conjunto de respostas existentes e por ser muito concentrado num assunto específico (Amado, 2014). Foi entregue um consentimento informado a todos os professores e alunos, tanto para os encarregados de educação dos que eram menores de idade como para aqueles que já atingiram a maior idade. As entrevistas decorreram entre o mês de março e abril de 2023, sendo que todas as entrevistas, tanto com os jovens como com os professores, foram realizadas presencialmente.

As entrevistas eram constituídas por uma caracterização demográfica e para os alunos foi questionado o género, a idade, o ano de escolaridade que frequenta, as retenções e os anos de escolaridade correspondentes, as habilitações literárias dos pais e com quem vivem e para os professores o género, a idade, as habilitações literárias, as

disciplinas e que anos de escolaridade leciona, os anos de profissão, o tempo que leciona naquele estabelecimento escolar e o número de alunos que cada turma tinha. Para além disso, a entrevista dos alunos era constituída por 29 perguntas e as dos professores por 22 perguntas.

Após a transcrição das entrevistas, recorreu-se a uma análise categorial manual, através do Excel, facilitando o processo de codificação dos dados num sistema de dimensões e subdimensões, visível no anexo 9. Neste sentido, procedeu-se à criação de 4 dimensões, sendo que 3 destas foram decompostas em subdimensões. Assim sendo, a primeira dimensão intitula-se de “Análise diferencial entre “*Rotas do Futuro*” e Ensino Regular”, com o objetivo de diferenciar os métodos de aprendizagem de cada uma das instituições. A “Relação professor-aluno” está constituída por duas subcategorias, nomeadamente, “características dos professores” e “relação professor-aluno”, descrevendo assim a relação que os alunos e os professores têm naquele estabelecimento de ensino e, ainda, caracterizando os professores de forma a diferenciar daqueles que os jovens mais gostam e que menos gostam. Para além disso, tornou-se importante incluir uma categoria relacionada com a relação professor-aluno e as emoções com o foco na inteligência emocional, nas situações de conflito em sala de aula e com a importância da afetividade na relação pedagógica. A “Motivação Escolar” também se destacou como uma categoria após a análise das entrevistas, dando ênfase à definição que é dada pelos professores e pelos alunos, aos motivos que levavam os alunos a frequentar as aulas e para adquirirem novos conteúdos, aos fatores que influenciavam os alunos a faltar às aulas, às estratégias que deveriam ou que são utilizadas para motivar os alunos e o impacto da motivação na relação professor e aluno. Ademais, é de referir que foi realizada uma comparação entre as respostas dadas nas entrevistas dos professores e as dos alunos.

Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados

7. Apresentação dos resultados

7.1. Caracterização sociodemográfica

No que toca à “Caracterização demográfica”, neste estudo participaram quatro alunos do sexo feminino e onze do sexo masculino, onde reprovaram todos pelo menos um ano de escolaridade. Quanto às habilitações académicas do agregado familiar destes jovens, não há nenhum que possua a escolaridade obrigatória, à exceção de apenas um pai, destes quinze alunos, que concluiu o 12º ano. Esta é uma variável que foi estudada, no sentido de perceber a influência que tem no sucesso escolar dos alunos. Ademais, é de referir que a maior parte dos adolescentes vivem com os pais separados, apenas com a mãe e outros familiares ou só com o pai. Um dos alunos vive com os avós e outro num lar de acolhimento. Quanto aos professores, todos têm habilitações académicas pelo menos de licenciatura, quatro professores possuem uma pós-graduação e apenas um possui mestrado. No entanto, apenas um docente adquiriu formação específica para lecionar, enquanto os outros entrevistados têm formações distintas, desde Biologia, Línguas e Matemática e Ciências. Todos os professores têm uma vasta experiência no ensino, à exceção de um professor que leciona há 2 anos, pois terminou os seus estudos recentemente. Lecionam há pouco tempo na “*Rotas do Futuro*”, entre 1 a 3 anos e um dos participantes lecionou há 5 anos, mas apenas este ano letivo voltou à instituição.

7.2. Análise diferencial entre a “Rotas do Futuro” e o Ensino Regular

Nesta categoria e segundo a percepção dos professores, a “*Rotas do Futuro*” caracteriza-se por ser uma escola diferente e o P3 considera que não é muito rígida, até porque a sua postura enquanto professor é diferente nesta instituição do que na outra

escola em que leciona [*"é uma escola diferente, para alunos diferentes. A postura que eu tenho aqui... Nesta escola, não tem nada a ver com a postura que tenho com os alunos do regular."*]. Ainda, o P2, o P4 e o P5 afirmam que a *"Rotas do Futuro"* é um centro de formação que se preocupa com as necessidades dos alunos [*"(...) adaptado a cada aluno (...)"*] e em criar uma ligação positiva com os mesmos a fim de alcançarem sucesso escolar [*"(...) aqui funciona tudo como se fossemos uma família (...)"*; *"(...) relação mais próxima com os aluno (...)"*; *"Flexibilidade, ambiente familiar e a tal empatia que se consegue criar mais facilmente..."*]. Por fim, o P1 refere que esta é uma escola que apesar de ser dirigida a alunos não tiveram sucesso no ensino regular, este estabelecimento consegue atingir o sucesso académico da maioria dos alunos [*"(...) os jovens vêm para aqui já não tiveram sucesso no hipotético ensino regular e alguns deles... evidentemente não temos 100% de sucesso aqui, mas temos uma taxa de sucesso considerável para o tipo de jovens que vêm cá ter (...)"*]. Adicionalmente, o P6 acredita que o trabalho realizado por toda a equipa multidisciplinar é a chave para este centro de formação funcionar como tem funcionado [*"(...) ...é realmente o trabalho de equipa multidisciplinar que temos... Que faz realmente que a gente consiga avançar e as reuniões que vamos tendo, quando é necessário para podermos combinar o que vai ser feito e também temos em conta a história de vida dos miúdos e as problemáticas que eles têm, vamos tentando adequar também tendo em conta... para os conseguir motivar pelo menos a não desistir e a continuar... pelo menos a conseguirem os seus objetivos"*].

Quanto à perceção dos alunos, estes consideram que o sistema de ensino é diferente das escolas regulares, tal como os professores. Estes jovens caracterizam esta escola diferente devido à menor carga horária, de trabalho e por haver poucos alunos na instituição [A2 *"(...) as aulas são mais curtas, é melhor (...)"*; A4 *"(...) os horários são*

acessíveis (...); A8 “Eu gosto porque é mais prática e não teórica.; “Não é uma escola com 300 alunos, somos poucos... (...) Por um lado, nós conhecemos a escola toda... Mas não vejo cenas tão negativas...”]. Estes também demonstram que os professores nesta instituição são mais compreensíveis [A8 “(...) Os professores são mais compreensíveis... que estejamos a passar por alguma coisa ou alguma coisa na sala, se formos falar com eles, eles compreendem melhor, não como aqueles que tínhamos nas outras escolas.”; A1 “Eles sabem lidar connosco.”], e têm uma relação mais próxima com os mesmos [A10 “Aqui temos uma ligação com os professores que na escola normal (...) No ensino regular não temos.”; “(...) ...conseguimos ter uma relação, uma convivência (...)”], o que se torna importante para eles a preocupação e o foco que é lhes dado [A1 “Eles preocupam-se connosco...”; A7 “Quando elas vêm ter comigo e estão ali comigo a falar, eu percebo que a pessoa parou para me dizer “J, não devias de fazer isso assim...”, já sei que a pessoa que está a dizer aquilo quer o meu bem.”; A3 “Eles querem nos ajudar a dar um bom futuro...”] e ainda, o A8 revelou que “vim para esta escola e mudei completamente”. Para além disso, dentro da sala de aula, os temas abordados são mais relevantes e diferentes, até porque consideram que nesta instituição sentem que são mais ouvidos, o que é algo que lhes agrada [A7 “Aqui aprendemos mais sobre a vida., aprendemos a desenrascarmo-nos, saber o que vamos fazer...”; A6 “Aqui as informações que te dão são mais úteis.”; A13 “Tem mais liberdade, aqui expresso-me mais. No ensino regular não dá para nos expressarmos.”; A1 “Nós conversamos muito. Conversamos sobre tudo, desde drogas, sexualidade, tudo.”; A4 “Eles não vêm para aqui só dar aulas e ganhar dinheiro”].

7.3. Relação professor-aluno

7.3.1. Características dos professores

Os docentes da “*Rotas do Futuro*” afirmam que é necessário ter como competências e características a empatia com os alunos, paciência e considerem que é muito importante ter inteligência emocional, para que esta escola funcione positivamente [P1 “*A primeira é a paciência, uma dose de paciência e inteligência emocional, muito grande. E a empatia, também.*”].

Quanto aos alunos, foi realizada uma comparação entre os professores que mais gostam e o que menos gostam neste estabelecimento escolar. Por isso, os professores que não sejam compreensíveis [A1 “*É muito arrogante connosco (...)*”; A4 “*É a maneira como ela fala connosco...*” A8 “*Ela foi muito injusta comigo (...)*”], que demonstrem superioridade perante os alunos [A7 “*(...) a falar alto comigo...*”; “*Quem é ele para falar daquela maneira comigo e depois a levantar-se da cadeira, tipo a mostrar que era superior a mim.*”; A6 “*às vezes, os professores abusam do poder deles.*”] e ainda, que preparem aulas com muita carga de trabalho [A13 “*Tenta fazer tudo numa aula e nós não conseguimos...*”; A10 “*Eu não gosto muito é das aulas.*”], são docentes que estes alunos não apreciam, apoiando estes aspetos, os jovens relataram situações ocorridas neste mesmo estabelecimento de ensino que consideram injustas e que foram determinantes para caracterizar os professores que menos apreciam [A8 “*Senhora, eu só peguei com ela por um simples motivo. (...) falarem comigo aos gritos e eu calei-me para não a mandar para setes países diferentes, peguei no telemóvel e o D já estava há tanto tempo no telemóvel e a senhora C chegou à sala e ela diz-me “Oh I desliga o telemóvel” (...) Nem foi porque não disse nada ao D, mas foi diretamente para mim “Oh I, desliga já o telemóvel”, nem foi “Vocês que desliguem os telemóveis”, não foi logo diretamente para mim... Fiquei doido senhora!*”]. Neste sentido, os jovens

preferem professores que demonstrem ser mais compreensíveis, e que não os julguem [A4 *"É a melhor professora, ela compreende-nos..."*; *"Ela não nos julga."*; A9 *"Nós falamos sobre várias coisas da vida, ela percebe-nos..."*] e que tenham uma relação de amizade [A6 *"Serem professores e mais velhos, mas levam-nos na base da amizade..."*].

7.3.2. Relação professor-aluno

No que toca à subdimensão “Relação professor-aluno”, os professores caracterizam a sua relação com os jovens *“relativamente agradável”* e denotam que para haver uma boa relação entre os alunos e os professores, é necessário demonstrar preocupação com estado emocional dos alunos [P2 *"(...) todos nós temos dias bons e maus. Tentamos gerir as situações, as emoções."*], com o intuito de apoiá-lo quando se apercebem que o aluno não se encontra bem a nível emocional para que o mesmo se sinta melhor [P4 *"se estão num dia mau e às vezes dar-lhes mais ou menos atenção, se eles precisam de espaço, se eles precisam de mais atenção, também é importante perceber isso, ok, precisas ou não precisas, queres ir lá fora, não queres ir lá fora, precisas de conversar. Pronto, tudo isso, também influencia para depois a nossa postura na sala de aula com eles."*; P6 *" Nós somos os pais, os professores, os amigos, psicólogos, os tios, somos tudo. (...) o que eles vão precisando naquele dia, nós vamos ser aquele apoio para eles, ou tentamos..."*]. Ademais, o P1 afirma que é uma questão de equilíbrio para conseguir manter uma relação saudável devido ao temperamento dos jovens (*"... se somos agressivos com eles, eles vão ser agressivos ou a dobrar para nós. Não há hipótese. (...) Quando eles são agressivos a gente em que quebrar e a gente tem que andar aqui com a corda mais ou menos equilibrada. É aquilo que eu sinto."*).

Quanto à opinião dos alunos, estes afirmam ter uma boa relação com todos os docentes desta instituição de ensino [A10 *"Não, eu dou-me bem com todos, mas claro*

que cada um é tem o seu estilo, mas não me dou mal com ninguém." A14 *"Temos uma relação de amizade... Não é igual com todos... Mas é com quase todos... Mas é uma boa relação."*], porém valorizam muito o respeito um pelo outro [A8 *"(...) eu tenho uma boa relação com todos (...) O meu respeito para a senhora é mesmo respeito que tenho com os outros, se alguém me faltar ao respeitar, aí as coisas mudam."*; *"Tenho uma relação... Basicamente de amizade... Eles sabem tudo o que eu faço, eu brinco com eles, eles riem-se comigo... É na boa... São tranquilos comigo... É isso, levo todos como meus amigos"*].

7.4. Relação professor-aluno e as emoções

7.4.1. Inteligência Emocional

No que toca aos professores, estes têm conhecimento sobre o que é a Inteligência emocional, na sua forma geral, [P1: *"(...) conseguirmos gerir da melhor forma as emoções consoante a situação..."*; P6: *"(...) gerir as nossas emoções e as dos alunos."*].

Por outro lado, os adolescentes têm uma falta de conhecimento sobre o que é a inteligência emocional. São poucos os alunos que chegaram ao verdadeiro significado desta competência, até porque muitos foram pelo sentido das palavras e acabaram por chegar a uma conclusão [A8 *"Inteligência emocional... Talvez uma pessoa que resolve bem os problemas..."*; *"com as situações que lhe deixam mais mal-humorado, mais triste, uma cena assim... acho que é isso."*; A6 *"É isso, é saber lidar com as situações."* *"(...) é saber usar as emoções... saber estar dentro de uma sala não é a mesma coisa que estar cá fora, no intervalo ou fora da escola. Dentro da sala tens de estar ali calmo, não vais estar aos berros e isso como estás lá fora. Saber estar nos sítios..."*];

A13 *"É ter autocontrole, não é?"*], enquanto outros não sabiam o que era, nem sequer se esforçaram para tentar compreender o que é e tentaram [A1 *"Eu também não, mas deve ser qualquer coisa das emoções."*; A6 *"Eu não sei por acaso... Mas acho que é isso e eu não sei lidar muito bem com certas situações ou com certas emoções..."*; A10 *"Eu também não sabia, mas pela palavra em si, eu cheguei a essa conclusão"*; A9 *"É a inteligências das emoções. Não sei."*; A15 *"Qualquer coisa do psicológico"*].

7.4.2. Trabalhar a inteligência emocional

Verifica-se que, quanto ao trabalho que é realizado para desenvolver a inteligência emocional, estes fazem-nos no decorrer das atividades dentro da sala de aula [P3 *"quando pedimos uma atividade e o aluno diz "não sei fazer isso, não sei e não sei". Eu às vezes digo "pronto, a professora vai fazer contigo" e assim é mais fácil ele avançar."*] e acabam por não trabalhar exclusivamente nesta competência, no entanto trabalham outros aspetos como a autoestima e abordam temas relacionados com a adolescência, em sala de aula [P1: *"eu trabalho com pequenos grupos, recentemente. (...) ... eles estão todos a trabalhar em ritmos diferentes que é para não haver um parado e outro a trabalhar e então eles não têm desculpa, mas eles têm o seu ritmo."* P2 *"Eu trabalho muito com autoestima dos alunos... Eles são muito inseguros... (...) Porque a imagem que eles têm de si e a imagem que eles têm dos outros... é completamente diferente... Uns têm uma autoestima muito elevada, outros muito baixa..."*].

Já os alunos, consideram que quando há situações de conflito em sala de aula, são momentos em que trabalham a inteligência emocional [A9 *"É nos conflitos, basicamente"*; A14 *"quando a professora briga connosco... chama-nos a atenção... Quando não estamos a fazer nada..."*; A2 *"Também temos de saber gerir os nossos*

sentimentos quando estamos em conflito, não atirar logo “pedras” ao professor.”; A8 “Quando o professor diz alguma coisa que não nos agrada e tentar guardar aquilo para nós e entrar logo e já a matar... Porque sim, estamos basicamente a treinar a raiva(...)”; J. Ademais, os alunos relatam também que os trabalhos de grupo são igualmente uma forma de desenvolver a sua IE [A2 *“Sim... Momentos em trabalho de grupo, por exemplo... Mesmo que se não gostarmos da pessoa, temos de saber gerir os nossos sentimentos...”*] e ainda contam estratégias que têm para gerir as suas emoções [A6 *“Por exemplo, eu para lidar com as minhas emoções, vou treinar...”*]

7.4.3. Situações de conflito em sala de aula

Como as situações de conflito em sala de aula são um fator para o desenvolvimento da inteligência emocional para os alunos foi questionado como agem quando presenciam este tipo de momentos e os alunos demonstram que ter regularmente estas situações influenciam negativamente a aprendizagem [A8 *“Sim, vai haver muitas paragens na matéria...”*] e mencionaram que é necessária uma gestão de emoções a fim de melhorar a relação entre o professor e o aluno [A2 *“Também temos de saber gerir os nossos sentimentos quando estamos em conflito, não atirar logo “pedras” ao professor.”*]. e a motivação escolar dos mesmos [A13 *“Influencia, o professor não vai ficar bem-disposto depois do conflito.”; A3 “Sim, eu já não vou estar muito motivado para ir às aulas (...)”*]. Ademais, os alunos sugerem aos professores o tentar compreender a origem do conflito [A4 *“Acalmar os alunos e tentar entender a razão pela qual está havendo a discussão”; A7 “Tem de tentar ser compreensivo, falar com os alunos... Perceber o que se passou entre os dois...”*; A6 *“E principalmente tentar acalmar, perguntar o que se passa...”*], não levantar o tom de voz [A3 *“Não gritar com os alunos.”*] e ainda revelam que os docentes também devem saber pedir desculpa aos

alunos [A5 *"Tem de saber pedir desculpa também."*]. Contrapondo estas opiniões, o A9 demonstra que o professor deve *"mandar para a rua"* e *"falar com a mãe e com o pai"*. Desta forma, os alunos descrevem acontecimentos de conflito em sala de aula em que estiveram envolvidos na *"Rotas do Futuro"*, demonstrando a forma como o professor reage nem é sempre a melhor solução para resolver a situação [A7 *"Eu depois mandei-lhe para um sítio... Eu não aguentei. Como é? Quem é ele para falar daquela maneira comigo e depois a levantar-se da cadeira, tipo a mostrar que era superior a mim. Para mim, uma pessoa que tipo.... Estou a conversar aqui contigo e estávamos a ter um bate-boca e tu levantas-te dessa mesa... O meu pensamento é tu estás a levantar-te para ficares superior a mim. Eu fico inferior e tu ficas a falar comigo com superioridade. Eu não gosto.;* A8 *"Pior mesmo foi ele dizer "Desaparece da minha frente e não sei quê". Foi muito mau"*] e ainda momentos em que ocorreram nas escolas regulares por onde passaram [A8 *"Sete horas seguidas de aulas, muita coisa para processar... Os professores... Calhava estar mais cansado naquela hora de aula, podia ter feito o resto da aula e tudo, mas estava mais cansado e deixava uma coisa ou outra por fazer era logo "Não fizeste nada", mas aos berros... Mais um problema."*; A7 *"A mim acontecia isso. Eu entrava na sala e a professora já dizia "Se começares a falar vais para a rua" e eu tinha acabado de entrar na sala, nem tinha aberto a boca e já estava a começar a pegar comigo e ia-me embora. Já ficava desmotivada. Por isso nunca aparecia. Se fosse outro professor a dizer "Vá lá J, chegaste a atrasada, senta-te aqui e vou te explicar isso, já perdeste isso." Não, é logo "Senta-te e cala-te!". Minha mãe que está ali."*]

Os docentes afirmam, de igual modo, que é necessário compreender a origem do conflito e não levantar o tom de voz [P4: *"Tentar perceber o que se passa, falar de uma forma calma..."*] e ainda, o P1 demonstra que isolar o aluno no momento é uma

estratégia que utiliza visto que estes alunos reagem a estes conflitos em grupo, pois os alunos juntam-se, vão contra o professor [*"Isolar. Este tipo de alunos ou este tipo de pessoas, quando os confrontamos, no grupo, eles funcionam como um gangue, eles reagem..."*], tal como o P2 e o P5 [*"Aquilo é combustível... Eles exaltam-se...; "É o poder do grupo..."*] e, ainda, estes agentes educativos tendem a recorrer à IE [*"(...) gerir a emoção da gente e contrabalançar com eles."*]. No entanto, confessam que estes momentos são difíceis de gerir e de resolver [P2 *"Eu normalmente, tento não reagir negativamente pelo menos, mas de vez em quando não consigo, às vezes não funciona. Mas é uma coisa que se nota, continuamente... andamos sempre à prova de... não é de balas... à prova de testes... A testar-nos se vamos, se não vamos... Há dias que se conseguem lidar bem, há dias que conseguimos dar a volta, mas há dias que não se consegue.; "Às vezes, conseguimos controlar sem problema nenhum... Mas outras... é preciso ajuda... ou eles vão lá ter com elas ou elas vêm à sala, já me aconteceu, depende do aluno, depende do tipo de conflito que é..."*].

7.4.4. Afetividade na relação pedagógica

Quanto a esta subdimensão, a afetividade revela-se contraditória na opinião destes participantes, visto que os alunos a comparam à relação que têm com a sua própria mãe [A8: *"Uma relação afetiva é o que tens, o que sentes pela tua mãe... É igual, mas com outras pessoas, obviamente que gostas da tua mãe, mas sem ser essa parte. O resto é tudo igual."*; A10 *"Pensa na relação com a tua mãe."*]. Por outro lado, há jovens que caracterizam a afetividade como *"Ter respeito pela pessoa; "Confiança"; "Não ser muito arrogante com a pessoa"; "É ser leal"; "Amor..."* *"Relação carinhosa entre aluno e professor... dão-se bem, colaboram um com o outro..."*; *"É dar carinho... Ser atencioso..."*, demonstrando que uma relação afetiva

está muito direcionada também para relações amorosas. A maioria dos alunos afirmam que é importante haver este tipo de relação com os professores e que melhora a ligação entre os mesmos [A4: *Claro, para todos se darem bem...*”; “*Completamente, muito mesmo*”], porém demonstram-se receosos em criar laços com os docentes [“A4: *Não devemos dar confiança a mais, devemos ir dando conforme ela merece.*”].

No entanto, há jovens que não consideram algo importante para uma relação entre o aluno e o professor [A7: *"Eu acho que não. A parte do respeito sim, mas por exemplo não tem de haver carinho, não tem de haver..."*; “*Não, eu pelo menos não tenho*” A6 “*Nem pensar, não me vou atirar a um professor agora...*”];

Por outro lado, os professores afirmam que a afetividade está associada ao elogio e ao apoio dado aos alunos [P2: *"O tom de voz, o sorrir, fazê-lo sentir bem-vindo. O elogiar, dizer “estás tão bonito hoje...”*; “*Eles não estão habituados ao elogio*”] e ainda referem que “*a maioria deles tem falta de carinho e atenção*”, o que é visível em muitos momentos, como aqueles criados pela equipa e pelos professores [P6 “*Já fiz uns crepes, já se fez umas coisas aí, por exemplo o ano passado fizemos pizza, ou seja, eles sentem-se, de certa maneira acarinhados por nós e são coisas que isto até lhes faz falta eles terem aquilo “Vamos lanchar isso de graça? É oferecido?” E eles ficam também embebidos que foram mimados.*] Uma relação de afetividade com os alunos, segundo estes docentes que lecionam na “*Rotas do Futuro*”, ajuda a melhorar a relação entre ambos e na motivação escolar do aluno [P2: “*Um aluno quando gosta de um professor aprende muito mais facilmente. Ele sem querer ele quer agradar-nos, presta atenção, não quer faltar...*” nos pequenos gestos do dia a dia.”; P5: “*Está muito mais motivado.*”]

7.5. **Motivação Escolar**

A definição de “motivação escolar” é associada, por parte dos alunos, ao alcance dos seus objetivos de vida e na insistência dos mesmos [A14: *"Tipo batalhar numa coisa que queremos..."*; A13: *"Estar determinado a alcançar os nossos objetivos."*; A8 *"Temos que meter na nossa cabeça "Eu quero isso e vou conseguir" e realmente fazer os possíveis..."*]. Para além disso, estes jovens caracterizam a motivação como algo que lhe proporciona crescimento pessoal [A2: *"Motivação para mim é uma coisa que motiva a ser melhor, a querer crescer... querer ser melhor para mim e para todos..."*] e segundo o A6, *"(...) motivação é uma força que vem de dentro... dá-te energia para fazeres o que pretendes."*

No que toca aos docentes, apenas dois descreveram a motivação escolar *como* *"É a predisposição que o aluno tem para alguma coisa, neste caso."* e *"(...) é o concílio que existe entre o querer e a vontade (...)"* enquanto os outros participantes se limitaram a concordar.

7.5.1. **Fatores que influenciam a motivação escolar**

No que toca aos professores, estes afirmam que a motivação escolar dos jovens é influenciada pelos pares, relatando um exemplo que ocorreu recentemente [P1 *"Os pares são a maior influência que eles têm..."* P2 *"Por exemplo na minha turma, eu tenho um exemplo o R, que era um ótimo aluno, ele fez dois módulos até janeiro e depois veio o G e o B e ele mudou completamente a sua postura (...)"*]. Um dos participantes acrescentou a dinâmica em contexto familiar estes fatores, reforçando que este era um fator que tinha grande impacto na motivação do jovem [P3 *"(...) O ambiente em casa, influencia muito a motivação... Não é só os pares."*]. Ademais, os docentes relatam que os alunos acabam por vir às aulas por terem a equipa de mediação

preocupada e insistente quando estes tendem a faltar [P1 *"É o facto de as mediadoras terem os telefones dos pais deles, é o que os motiva a vir às aulas..."*]. De igual modo, um dos professores afirmou ser as influências que há no círculo de amizades e o controlo que há em contexto familiar [P3 *"Eu acho que a motivação dos alunos (...) um aluno pode gostar muito daquele professor, mas se ele estiver motivado a faltar, ele vai faltar mesmo gostando daquele professor... (...) Há muitas coisas por detrás disso... Tem a ver com as tais regras, o controlo que há, em casa... E não só."*]. Para além disso, o facto de nesta escola os adolescentes serem o “centro das atenções”, enquanto nas escolas de ensino regular eram discriminados devido ao comportamento disruptivo [P6 *"(...) alguns estão a vir pelo oposto. Porque nas outras escolas eles eram postos de parte, eram discriminados, eram os rebeldes... e aqui eles estão se a sentir apoiados, importantes...(..."*].

Pela visão dos alunos, estes referem diversos fatores que influenciam a sua motivação, nomeadamente, há jovens que consideram ter pessoas na sua vida, onde ao lhes agradarem ou contarem com o apoio delas, isto influencia o nível da motivação destes alunos [A8 *"(...) mas também pode vir dos outros para nós. Já estou nesse percurso para conseguir algo, mas eu estou mesmo farto disso, não aguento mesmo... E chega duas ou três pessoas que eu gosto realmente e dizem-me para continuar, para não desistir e que estou quase a chegar... dá-me motivação. Sinto que tenho pessoas que me estão apoiando. Eu sou muito influenciado também por causa da minha mãe, por causa da CPCJ... Não muito por causa da CPCJ, eles diziam-me as coisas e entrava 100 e saía a 500... Mas agora a minha mãe... A minha mãe fica magoada, quase que chorava... E foi isso que mexeu comigo..."*; A3 *"É a minha namorada."*] e um dos alunos confessou que o que lhe motivava para a comparência às aulas era não querer um processo na CPCJ e outro aluno não queria passar por mais um [A8: *"Eu*

estou aqui para não ir para a CPCJ, basicamente.”; A7 “Eu tive que atinar, porque eu ia ser fechada... Eu tive quase mesmo a ser fechada, fui tirada da guarda da minha mãe e metida para outra guarda e depois a partir daí era suposto eu ser fechada que já não tinha outra hipótese, mas como eu endireitei aqui, eles... arquivaram o meu processo”].

Outros fatores que aumentam a motivação escolar destes jovens e, conseqüentemente, a frequência às aulas, são quererem alcançar um futuro melhor e terminar a escolaridade [A2 “Ter um futuro melhor”; A4 “Passar de ano!”; “Ter dinheiro”; A3 “Ter um bom trabalho”; “quando jogo à bola”; “porque gostava de jogar futebol profissionalmente... Mas para ser jogador é preciso ter escola”; A13 “Acabar o 9º ano.”; A6 “A minha motivação para vir para a escola é conseguir um futuro viável”; A1 “Sim, é mais pensar no meu futuro, eu motivo-me é pensando em querer um futuro melhor e esforço-me para isso acontecer”] e o que dá motivação para aquisição de novos conteúdos é a necessidade destes temas um dia serem úteis para a vida [A3: “Porque um dia podemos precisar.”; A4: “É sempre bom termos alguns conhecimentos... ter conhecimento de tudo.”].

Adicionalmente, haver uma boa relação com os professores e com toda a equipa multidisciplinar deste centro de formação, de realizarem muitas aulas práticas e devido à valorização, por parte da equipa, às ideias apresentadas pelos alunos [A10 “A mim são os professores, eles têm uma boa relação connosco... E também é diferente porque... as aulas são mais práticas e... é tudo diferente.”; Eu e o J, nós fizemos numa folha um texto a dizer que queríamos baguetes na escola e eles colaboraram connosco e agora já temos baguetes para comermos ao almoço. Não é qualquer escola que ia colaborar com dois alunos como nós...”], o facto do estabelecimento educacional oferece atividades extracurriculares, o que também se considera um dos fatores que aumenta a motivação dos jovens [A11 “Dá-me motivação para vir para a escola as bicicletas,

porque eu gosto muito de andar de bicicleta e eu aqui tenho um dia que posso sair da escola com a senhora C e vamos andar de bicicleta por aí...”] e devido à escola conter poucos alunos [A10 *“A motivação é também porque a escola é mais pequenina, não há aquele movimento todo logo de manhã... é uma coisa mais calma...”*]

Por outro lado, os alunos demonstram que a atitude dos docentes perante certas situações [A6 *“(...) a atitude de certas pessoas...”*; A10 *“Quando estamos na sala e eles não querem saber de nós, quando temos uma dúvida e eles avançam com a matéria e ignoram-nos... Eu perdi o ano foi assim...”*], a carga horária [A2 *“Ter muito carga horária”*], e a persistência para conseguir alcançar algo e não obter sucesso [A7 *“Quando uma pessoa quer muito uma coisa e não está a dar certo... Isso desmotiva.”*], e “o ambiente”, segundo o A7, são aspetos que os desmotivam estes adolescentes a frequentar as aulas.

7.5.2. Motivação e relação professor-aluno

Nesta subcategoria, foi visível a importância que os professores dão a uma relação de genuinidade, honestidade, justiça e de empatia com os seus alunos, com o objetivo de ajudar na motivação dos mesmos [P2 *“Ter uma relação de franqueza, honestidade, ou seja, eu tento ser o mais franca possível com eles...”* P5 *“Sim, sermos genuínos com eles, empatizar com eles... Fazê-los entender as coisas, se é justo se não...”*].

De igual forma, os alunos vão de encontro ao que os professores relatam. Estes dão muito importância à relação de respeito que deve ser criada entre professores e alunos, à convivência existente fora da sala de aula e a existência de haver uma preocupação com cada um dos alunos, a fim de estabelecerem uma ligação positiva,

aumentando a motivação escolar [A13 *"Sim, aqui há mais respeito... Como tem menos alunos, o professor concentra num aluno e no liceu eles concentram-se em todos os alunos e somos deixados de parte. Aqui não."* A12 *"(...) se não tivermos uma boa relação com os professores, nós não vamos querer vir..."*; A10 *"A mim são os professores, eles têm uma boa relação connosco... (...) Chegamos aqui, vamos lá cima ao bar, estamos ali num convívio com os professores antes mesmo de começar as aulas... não é logo de pancada, chegamos lá cima vemos se estão bem dispostos ou não... já sabemos como temos lidar, como vai ser a aula, o que vamos fazer, se vai ser mais rigoroso ou não... Sabendo também que a escola tem coisas que me agradam dá mais vontade vir para a escola..."].*

7.5.3. Estratégias para a motivação dos alunos

As estratégias apresentadas para motivar os alunos, em relação à opinião dos docentes, estão associadas à recompensa [P3 *"(...) O reforço positivo"*] e ao apoio transmitido quando se torna necessário [P2 *"Elogiá-los, apoiá-los...; tratá-los com toda a dignidade de seres humanos que são."*]. Além disso, os professores referem que oferecem doçaria para os recompensar *"Serve, também trago uns chocalatinhos (risos)"*.

A opinião dos alunos torna-se semelhante à dos docentes, especificamente na relação entre ambos, porém alguns alunos mostram-se indiferentes no que toca à estratégia das recompensas com doçaria [A8 *"Ela pensa que vamos nos calar porque queremos gomas..."*; A6 *"É estúpido..."*] Deste modo, estes adolescentes relatam que para que a motivação dos mesmos aumente, na perspetiva dos jovens, o educador deve demonstrar preocupação, compreensão, recompensá-los, respeitar o tempo de aprendizagem e abordar temas interessantes para eles para além das disciplinas [A13

"Um professor que fale do mundo lá fora e não só de matéria e escola..." A12 "Um professor que seja preocupado com os seus alunos."; A8 "Um professor minimamente compreensível...; A10 "Sabem recompensar o bem que fazemos..."; A5 "O professor R compreende e ele sabe trabalhar devagar"; A15 "Com brincadeiras... Mas saber brincar"]].

8. Discussão dos resultados

Os resultados encontrados no presente estudo, no que toca às diferenças encontradas entre este contexto e as escolas de ensino regular, revelam que os docentes caracterizam este estabelecimento escolar não sendo muito exigente, relatando que a sua postura com os alunos é diferente da que tem no ensino regular devido às características dadas a estes alunos, realçam haver uma ligação positiva entre todos, dando especial atenção às necessidades de todos os alunos, valorizando-os e demonstrando preocupação por parte de toda a equipa, não só com os aspetos referentes à educação, como também a aspetos relacionados com a vida pessoal de cada um dos jovens. Em concordância, os alunos referiram aspetos semelhantes aos docentes, afirmando que a ligação que os mesmos tinham os professores e com os técnicos era importante para eles e ainda, mostraram que o sistema de ensino era favorável devido à menor carga horária e à diversidade de temas abordados em sala de aula. Todos estes aspetos que estão direcionados à relação positiva existente entre toda comunidade pode dever-se ao facto de a instituição ser um contexto pequeno e conter poucos alunos, algo que se diferencia de uma escola regular, dando, assim, mais oportunidade aos agentes educativos de focar mais atenção nestes jovens. Estes resultados acerca da *"Rotas do Futuro"* vão de encontro às particularidades das escolas TEIP, pois no estudo de Quaresma e Lopes (2012), estes relatam a existência de uma relação de proximidade entre toda a

comunidade educativa destas instituições, criando, assim, um ambiente seguro e favorável e revelam-se fatores positivos para o sucesso escolar destes jovens e para a integração escolar dos mesmos.

Tendo em conta o tema da relação entre o professor e o aluno, os alunos relatam que as principais características de uma relação positiva entre ambos focam-se em não haver julgamento e haver respeito, não demonstrando o seu nível de autoridade no decorrer das aulas, enquanto os professores afirmam que uma relação de proximidade entre ambos torna imprescindível e é necessário demonstrar preocupação com estado emocional dos alunos com o intuito de apoiá-los quando se apercebem que o aluno não se encontra bem a nível emocional. O facto de os alunos referirem características tão específicas como o não julgamento e como o respeito deve-se às experiências que vivenciaram nas escolas que antes frequentaram a esta, pois estes jovens foram alvos de diversas situações consideradas indisciplinares, onde a maioria considera injustiças. Por outro lado, os professores como conhecem a história de cada aluno, estes tendem a priorizar o estado emocional. Para confirmar estes resultados, o estudo de Paula e colaboradores (2019) e o estudo de Chen e colaboradores (2021), afirmam que o interesse pela vida pessoal do jovem e a conversa regular individualmente com os mesmos mostram-se ser importantes para compreender as necessidades emocionais do aluno e para apresentar disponibilidade. É de referir ainda que, segundo Nadeem e colaboradores (2011) e Paula e colaboradores (2019), para uma melhor qualidade da relação professor e aluno, estes métodos de interação com os jovens ajudam no aumento da empatia dos professores com os estudantes e neste estudo, os resultados, por parte dos professores, mostram que uma das características a ter num professor é ser empático. Ademais, estes resultados respondem a um dos objetivos específicos deste estudo “explorar as características da relação professor-aluno”.

A IE é uma competência que cada vez mais torna-se essencial implementá-la em várias situações do dia a dia. Cria e mantém as relações entre todos positivas e contribui, ainda, para um bom funcionamento em sala de aula, melhorando o desempenho e o sucesso escolar de todos os alunos, logo é essencial que todos os professores desenvolvam a sua IE para, não só criar uma relação saudável com os jovens, mas também para se sentir mais satisfeitos com a sua profissão (Valente et al, 2020). No entanto, os resultados deste estudo vão contra o anteriormente mencionado, visto que os professores demonstram que as estratégias utilizadas em sala de aula para melhorar o ambiente escolar e muitos professores da *“Rotas do Futuro”* relataram que trabalhavam a IE no decorrer das atividades das aulas, apoiando-se em outros aspetos como a autoestima e abordam temas relacionados com a adolescência, não se focando na importância da gestão das emoções, por exemplo, pois denota-se uma falta de desenvolvimento da IE por parte dos docentes e continua a ser necessário haver mais programas sobre esta competência para os professores. Por outro lado, os alunos mostraram o pouco conhecimento que têm sobre o que é a IE e ainda, afirmam que situações de conflito são momentos onde trabalham a sua IE, ou seja, isto vai contra o que foi mencionado pelos professores da instituição, isto porque os professores não desenvolvem a sua IE e, por consequente, não conseguem gerir o conflito e não trabalham na sala de aula, por isso estes adolescentes acabam por fazê-lo “sozinhos”. Dito isto, o desenvolvimento da IE no ambiente de sala de aula acaba por diminuir estes conflitos que, na maioria das vezes, estão relacionados com comportamentos dos professores e consequentemente melhora a relação do professor e do aluno, o que acaba por ir de encontro ao objetivo específico “aprofundar a importância da inteligência emocional na relação pedagógica”.

Apoiando-se às emoções, a afetividade foi uma das variáveis estudadas neste estudo, os resultados declarados mostram uma controvérsia em relação aos dois grupos de participantes, pois os professores demonstram que uma relação de afetividade com os alunos está associada ao apoio que é dado aos jovens, melhora a relação entre ambos e na motivação escolar do aluno. No entanto, os alunos mostram-se retraídos a esta questão, comparando afetividade com a relação que têm com a mãe e com uma relação amorosa, isto porque estes alunos estão inseridos em famílias desestruturadas e, como resultado, têm carência de afeto no seu contexto familiar e só encontram afeto na mãe, talvez por ser a única pessoa que lhes demonstra ou apenas recebem afeto quando estão perante uma relação amorosa. Desta forma, consegue-se, através dos resultados por parte dos professores, “compreender a influência da afetividade na relação entre professor e aluno”, um dos objetivos desta investigação. Ademais, segundo o estudo de Guimarães e Maciel (2021), quando os educadores mostram afetividade, a interação com os alunos é maior, melhora a comunicação entre os sujeitos, ajuda a perceber quais as necessidades dos alunos e há uma maior contribuição para o sucesso escolar. Adicionalmente, o estudo de Quaresma e Lopes (2011), salientam que o contexto educacional é um lugar para a criação de afetos e de formação de uma identidade social.

Para além disso, a motivação escolar mostra-se influenciada pela relação professor e aluno. Para responder aos objetivos “explorar os motivos dos alunos para a frequência das aulas e para a aquisição de novos conteúdos”, “conhecer as causas da desmotivação” e “compreender a importância da relação pedagógica na motivação escolar”, os resultados mostram que os professores afirmam que uma boa relação entre toda a comunidade escolar, a valorização que é dada a estes é algo favorável para o aumento da motivação, no que toca ao comparecimento na instituição escolar, à frequência às aulas, e na aquisição de novos conteúdos, no entanto apontaram a

influência pelos pares como uma das principais influências da desmotivação dos alunos, lembrando que para satisfazer uma das necessidades relacionadas com a motivação intrínseca, o sentimento de pertença, este torna-se um aspeto relevantes para os jovens e pode influenciar positivamente ou negativamente na própria motivação dos alunos. Para os alunos, a relação entre ambos os grupos foi vista para alguns como indiferente na motivação escolar, visto que o que lhes motivavam era apenas a aquisição de um futuro promissor, o facto de não quererem um processo disciplinar na CPCJ e uma das principais razões da desmotivação é o comportamento dos professores perante situações de conflito que ocorrem em sala de aula. Estes fatores que influenciam a motivação escolar destes jovens provêm dos exemplos dos pais, visto que quase todos não têm nem a escolaridade obrigatória e os alunos anseiam por um futuro melhor que o dos pais ou ainda pelo facto dos pais também lhes motivarem a ter uma vida melhor que a que, neste momento, lhes conseguem dar. Ademais, estes resultados relacionam-se com a motivação extrínseca, visto que os adolescentes se apoiam em fatores externos para alcançarem os seus objetivos. Ainda, os resultados encontrados neste estudo vão favor do estudo de Arora e colaboradores (2015), que revelam que contexto social em que o jovem está inserido, nomeadamente, o círculo de amizades, podem incentivar os mesmos a terem determinados comportamentos e ter pais com doenças mentais ou crónicas, com problemas de consumo de substâncias e outros problemas, onde não têm qualquer figura parental de referência. Para além disso, o estudo de Clem e colaboradores (2021), confirma que uma relação positiva pode reduzir as emoções negativas relacionadas com a aprendizagem, consequentemente, gerar o sucesso académico, o que se associa à motivação escolar. Por outro lado, nos fatores que influenciam a motivação escolar,

Posto isto, as estratégias utilizadas pelos professores para conseguirem despoletar motivação escolar nos alunos, são à base de uma relação positiva entre estes, realçando a genuinidade, honestidade, justiça e empatia. E quanto aos alunos, estes mostram que é importante haver, igualmente, uma relação positiva, porém destacam o respeito e, adicionalmente, focam-se na preocupação que os docentes devem ter nos seus alunos. O estudo de Ribeiro e colaboradores (2016) e de Sanders e colaboradores (2016), vem comprovar os resultados apresentados, pois, o comportamento dos professores para com os alunos foi avaliado como um ponto negativo no que toca à motivação escolar. Os adolescentes afirmaram que é significativo para eles quando estes agentes educativos demonstravam compreensão, disponibilidade e o apoio imediato que ofereciam, assim que os alunos relatavam as dificuldades que enfrentavam.

Capítulo III – Considerações finais

9. Considerações Finais

A presente investigação mostra-se importante para realçar a necessidade de uma relação saudável entre professor e aluno, mas focada nestes adolescentes em situação de vulnerabilidade. Após os resultados, são visíveis as dificuldades que estes jovens vivem no contexto escolar, considerado regular devido à sua exigência, onde muitos deles relataram a falta de compreensão e atenção nos mesmos, por isso torna-se essencial a existência de uma relação de respeito e empatia, priorizando a preocupação com a estabilidade emocional destes estudantes. Neste sentido, o foco nas particularidades do aluno e a adaptação que é necessária ser feita dentro da sala de aula, tanto a nível de práticas pedagógicas como a interação entre estes públicos mostra-se capaz de aumentar a motivação destes alunos em contexto escolar, oferecendo melhores resultados

escolares e, por sua vez, um futuro melhor, a nível pessoal, profissional e social, através de um melhor exercício de cidadania.

De salientar ainda, que se torna imprescindível trabalhar na IE tanto com os professores como com os alunos, visto que os jovens só têm a percepção para gerir as suas emoções apenas no momento do conflito, não conseguindo evitar o que se sucede e mostram-se com estratégias reduzidas aquando de um acontecimento não só de conflito, como também outros que ocorrem no seu dia a dia. As situações que se criam advêm, muitas vezes, dos comportamentos dos professores para com eles, ao demonstrarem superioridade, ao serem incompreensíveis e/ou injustos no momento do conflito. Ademais, as práticas utilizadas para trabalhar a IE dentro da sala de aula não são as mais indicadas, tendo em conta, aquando questionado os métodos aplicados, os docentes referiram a realização de exercícios de reflexão sobre vários tópicos como a autoestima, consumo de substâncias e outros e não se focam exclusivamente no desenvolvimento da IE. Deste modo, é necessário, de forma urgente, implementar programas ou práticas direcionadas à IE, progredindo esta competência tanto nos alunos, como nos professores.

No que toca a limitações deste estudo, foi visível uma insistência por parte da investigadora para que alguns alunos respondessem, evitando a repetição de respostas e o do aluno, isto pode ter acontecido devido a um número extenso de questões realizadas e, conseqüentemente, o tempo dispendioso a respondê-las. Adicionalmente, verificou-se pouca compreensão nas perguntas da entrevista, a maioria dos jovens limitaram-se a retorquir de forma curta e não desenvolveram as suas respostas, no entanto os que exploravam a pergunta e respondiam de forma pormenorizada acabavam por ser os únicos a ter a iniciativa de argumentar e dar a sua opinião enquanto os restantes limitavam-se a concordar. Isto ocorreu com a entrevista em grupo com os professores,

onde havia apenas um docente que respondia e raramente, outros participantes acrescentavam algo de diferente e davam a sua opinião, todavia a entrevista dos professores foi mais detalhada nas respostas, tendo em conta a opinião dada sobre os temas abordados, o que era esperado. Todos estes fatores limitaram de uma certa forma os resultados, por se demonstrarem um pouco abrangentes, porém este estudo tornou-se importante no que toca à compreensão da carência de vários aspetos que influenciam a motivação escolar destes alunos, em específico. De salientar que as sugestões para futuros estudos se relacionam com o espaço, isto é, a entrevista deve ser realizada num sítio mais apropriado e sem distrações, visto que as entrevistas foram feitas na instituição e no decorrer das aulas, o que limitou as respostas e o tempo, porque os alunos ansiavam a hora de saída. Ademais, os grupos focais não se mostraram viáveis para os alunos devido á falta de variedade de respostas porque na sua maioria, apenas um ou dois alunos respondiam em cada grupo e para os professores, um grupo focal com seis participantes tornou-se pouco rico na recolha dos resultados, por isso uma sugestão seria dois grupos focais de três ou quatro participantes a fim de recolher opiniões diversas.

Após a análise dos resultados e conclusões retiradas e tendo em conta as limitações encontradas, mostrou-se necessário a existência de mudanças no contexto escolar, tanto nas escolas ditas regulares como nestas. Isto é, não se torna apenas totalmente viável a criação de escolas para alunos com este tipo de características, pois a educação deve ser para todos e com todos. Desta forma, o espaço educacional deve oferecer todas as oportunidades existentes a todos os jovens, com as diversas características que se encontra atualmente nas escolas. Dito isto, é importante haver uma relação positiva com estes alunos, pois realmente isto aumenta a motivação escolar dos mesmos, mas é preciso dar atenção tanto a este tipo de estudante como os outros, que

são considerados os “normais”. Para além disso, verificou-se uma grande necessidade na IE nos professores, visto que o comportamento destes influenciavam nos momentos de conflito e notou-se um “preconceito” devido à vulnerabilidade emocional e dificuldades que estes alunos apresentavam. Por isso, o contexto escolar necessita de criar condições para receber todos os tipos de jovens, seja com necessidades específicas ou não, adaptando e dando maior atenção àqueles que precisam e não os excluir como tem havido a acontecer nos dias de hoje.

Por fim, no que diz respeito às implicações deste estudo para a prática do psicólogo escolar e da educação, realça-se uma preocupação referente, principalmente, ao desenvolvimento da IE, tanto nos professores como nos alunos. Desta forma, torna-se importante a criação de métodos/estratégias para aumentar esta competência, por exemplo, na introdução do tema em determinadas disciplinas e/ou programas dirigidos a toda a comunidade educativa, visto que perante este estudo a IE mostrou-se associada à relação professor-aluno e, consequentemente, à motivação dos jovens. Para além disso, deve ser dado um maior foco nos alunos que apresentam estas características e trabalhar com os mesmos, tendo a colaboração dos professores, de forma que o aluno se sinta apoiado no contexto escolar que se insere.

Referências Bibliográficas

- Alam, A. (2021). Need-Based Perspective Study of Teachers' Work Motivation as Examined from Self-Determination Theoretical Framework. *PalArch's Journal of Archaeology of Egypt*. 17(6), 8063-8086.
- Alam, S., & Raj, A. (2018). Witchcraft and Witch Hunting in India. *Emerging Challenges of Violence Against Women, Odisha State Women Commission, Bhubaneswar*. 21-25.
- Amado, J. (2014) Manual de Investigação Qualitativa em Educação. *Imprensa da Universidade de Coimbra*. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Ashok, V., Rajan, A., & Maben, R. (2017). Stressors in adolescence: An analytical cross-sectional study. *Indian Journal of Child Health*, 4(1), 72–74. <https://doi.org/10.32677/IJCH.2017.v04.i01.019>
- Arora, S. K., Shah, D., Chaturvedi, S., & Gupta, P. (2015). Defining and measuring vulnerability in young people. *Indian journal of community medicine: official publication of Indian Association of Preventive & Social Medicine*, 40(3), 193-197. <https://doi.org/10.4103/0970-0218.158868>
- Brito, C. S. (2015). Uma reflexão sobre relação pedagógica como uma experiência curricular.
- Camargo, J. G. (2018). Condutas disruptivas na escola: tipos, causas e consequências. Condutas disruptivas na escola: tipos, causas e consequências radicalização e prevenção da radicalização: contributos para uma (imprescindível) clarificação conceptual análise das

percepções de estudantes surdos sobre a sexualidade: um estudo a partir das relações afetivas. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 12(2), 6-26.

Camargo, C. A. C. M., Camargo, M. A. F., & de Oliveira Souza, V. (2019). A importância da motivação no processo ensino-aprendizagem. *Revista Thema*, 16(3), 598-606.

Chen, S.Y., Lindo, N.A., Blalock, S., Yousef, D., Smith, L. & Hurt-Avila, K. (2021). Teachers' Perceptions of Teacher-Child Relationships, Student Behavior, and Classroom Management. *Journal of Education Research and Practice*, 11(1), 153-167.
<https://doi.org/10.5590/JERAP.2020.11.1.11>

Clem, A. L., Rudasill, K. M., Hirvonen, R., Aunola, K., & Kiuru, N. (2021). The roles of teacher–student relationship quality and self-concept of ability in adolescents' achievement emotions: temperament as a moderator. *European Journal of Psychology of Education*, 36(2), 263-286. <https://doi.org/10.1007/s10212-020-00473-6>

Duque, E., Marques, J., Santiago, K., & Neves, S. (2016). *Motivação para a aprendizagem: construção e validação de uma escala de avaliação*. HOLOS, 4, 231-244.
<https://doi.org/10.15628/holos.2016.4208>

Dantas, C., Nunes J. P., Bulcão, M., Ribeiro, A., Silva, B., Rebelo, E., Freire, R., Cardoso, R. & Martins, T. (2020). *Criações Inclusivas – Centro de Competências Criativas e Culturais*

- Faria, P. M. F. D., & Camargo, D. D. (2018). As emoções do professor frente ao processo de inclusão escolar: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 24, 217-228. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000200005>
- Farhah, I., Saleh, A. Y., & Safitri, S. (2021). The Role of Student-Teacher Relationship to Teacher Subjective Well-Being as Moderated by Teaching Experience. *Journal of Education and Learning (EduLearn)*, 15(2), 267-274. <https://doi.org/10.11591/edulearn.v15i2.18330>
- Ferreira, D., & Cosme, A. (2019). O papel do/a professor/a na inclusão de crianças e jovens em acolhimento residencial. *Ciências, culturas e cidadanias: XIV Congresso da SPCE*.
- Ferreira, A. M. (2022). As implicações da afetividade em sala de aula: teorias de Wallon e Vygotsky.
- Freund, A., Zriker, A., & Sapir, Z. (2021). Optimal educational climate among students at risk: The role of teachers' work attitudes. *European Journal of Psychology of Education*, 1-20. <https://doi.org/10.1007/s10212-021-00545-1>
- Guimarães, E. R., & Pacheco, J. A. (2012). Projeto educativo TEIP: um estudo de caso. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. 11. 65-88. <https://hdl.handle.net/1822/21255>
- Guimarães, M., S., & Maciel, C. M. L. A. (2021). A afetividade na relação professor-aluno: Alicerces para a aprendizagem significativa. *Research, Society and Development*, 10(10) <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18362>

- Hopkins, L., Green, J., Henry, J., Edwards, B., & Wong, S. (2014). Staying engaged: The role of teachers and schools in keeping young people with health conditions engaged in education. *The Australian Educational Researcher*, 41, 25-41. <https://doi.org/10.1007/s13384-013-0096-x>
- Jang, H., Kim, E. J., & Reeve, J. (2016). Why students become more engaged or more disengaged during the semester: A self-determination theory dual-process model. *Learning and instruction*, 43, 27-38. <https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2016.01.002>
- Kanonire, K., Lubenko, J. & Kuzmina, Y. (2020). The Effects of Intrinsic and Extrinsic Reading Motivation on Reading Performance in Elementary School. *Journal of Research in Childhood Education*, 36(1), 1-13. <https://doi.org/10.1080/02568543.2020.1822961>
- Kiefer, S. M., Alley, K. M., & Ellerbrock, C. R. (2015). Teacher and peer support for young adolescents' motivation, engagement, and school belonging. *Rmle Online*, 38(8), 1-18. <https://doi.org/10.1080/19404476.2015.11641184>
- Lee, M., & Ha, G. (2022). The role of peer relationships among elementary school students: Focusing on the mediation effects of grit depending on teacher-student relationships. *Current Psychology*, 1-10. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03359-6>

- Markic, A. A. (2018). Tecitura: Afetividade e Aprendizagem Na Educação Infantil. *Revista Educação-UNG-Ser*, 12(2), 42-51.
- Marshall, C. (2017). Montessori education: A review of the evidence base. *npj Science of Learning*, 2(1), 1-9.
- Morris, L. S., Grehl, M. M., Rutter, S. B., Mehta, M. & Westwater M. L. (2022). On what motivates us: a detailed review of intrinsic v. extrinsic motivation. *Psychological Medicine*, 52, 1801–1816. <https://doi.org/10.1017/S0033291722001611>
- Nadeem, E., Kataoka, S. H., Chang, V. Y., Vona, P., Wong, M., & Stein, B. D. (2011). The role of teachers in school-based suicide prevention: A qualitative study of school staff perspectives. *School mental health*, 3, 209-221. <https://doi.org/10.1007/s12310-011-9056-7>
- Noble, R. N., Heath, N., Krause, A., & Rogers, M. (2021). Teacher-student relationships and high school drop-out: applying a working alliance framework. *Canadian Journal of School Psychology*, 36(3), 221-234. <https://doi.org/10.1177/0829573520972558>
- Oliveira, D. C. (2016). Determinantes comportamentais e emocionais do processo ensino-aprendizagem. *Caderno Intersaberes*, 5(6).
- Nunes-Valente, M., & Monteiro, A. P. (2016). Inteligência emocional em contexto escolar. *Revista Eletrônica de Educação e Psicologia*, 7, 1-11.

- Paula, G. C. R., Freitas, A. C., Albuquerque, J. G. M., Sousa, L. M. S., da Rocha, M. F., & Silva, S. M. P. (2019). Indisciplina escolar e a relação professor aluno: práticas a serem construídas significadamente. *RACE-Revista de Administração do Cesmac*, 4, 81-91.
- Piccoli, I. R., Da Silva, I. P., & Teixeira, L. D. S. (2019). A Afetividade No Desenvolvimento Infantil. *Revista Psicologia & Saberes*, 8(12), 202-212.
<https://revistas.cesmac.edu.br/administracao/article/view/1042>
- Quaresma, L., & Lopes, J. T. (2011). Os TEIP pela perspectiva de pais e alunos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 21, 141-157.
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539982008>
- Ribeiro, M. E. M., Prasniski, M. E. T., da Silva Gallon, M., & dos Santos, B. S. (2016). Ocorrência de motivação intrínseca e extrínseca na escola. *Revista Thema*, 13(2), 54-67.
<https://doi.org/10.15536/thema.13.2016.54-67.337>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness. *Guilford Publications*.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2020). Intrinsic and extrinsic motivation from a self-determination theory perspective: Definitions, theory, practices, and future directions. *Contemporary educational psychology*, 61. <https://doi.org/10.1016/j.cedpsych.2020.101860>
- Sanders, J., Munford, R., Thimasarn-Anwar, T., Liebenberg, L., & Ungar, M. (2015). The role of positive youth development practices in building resilience and enhancing wellbeing

for at-risk youth. *Child abuse & neglect*, 42, 40-53.
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2015.02.006>

Sanders, J., Munford, R., & Liebenberg, L. (2016). The role of teachers in building resilience of at risk youth. *International Journal of Educational Research*, 80, 111-123.
<https://doi.org/10.1016/j.ijer.2016.10.002>

Santos, A. O., Junqueira, A. M. R., & Silva, G. N. D. (2016). A afetividade no processo de ensino e aprendizagem: diálogos em Wallon e Vygotsky. *Perspectivas em Psicologia*, 20(1), 86-101.

Schiefele, U. (2017). Classroom management and mastery-oriented instruction as mediators of the effects of teacher motivation on student motivation. *Teaching and Teacher Education*, 64, 115-126. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2017.02.004>

Slaten, C. D., Elison, Z. M., Hughes, H., Yough, M., & Shemwell, D. (2015). Hearing the voices of youth at risk for academic failure: What professional school counselors need to know. *The Journal of Humanistic Counseling*, 54(3), 203–220.

Silva, C. G. & Pinto, J. (2016). Insucesso e abandono escolar precoce. *A educação na Europa do Sul: 1ª Conferência Ibérica de Sociologia da Educação* (pp. 599-614). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Soares, M. (2010) O que são Agrupamentos TEIP. *Ozarfaxinars*. 22

Soares, T. M., da Silva Fernandes, N., Nóbrega, M. C., & Nicolella, A. C. (2015). Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais. *Educ. Pesqui*, 41(3), 757-772. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201507138589>

Supervía, P. U. & Bordás, C. S. (2018). Motivación escolar, inteligencia emocional y rendimiento académico en estudiantes de educación secundaria obligatoria. *Actualidades en psicología*, 32(125), 95-112.

Takeiti, B. A., Gonçalves, M. V., Oliveira, S. P. A. S. D., & Elisiario, T. D. S. (2020). O estado da arte sobre as juventudes, as vulnerabilidades e as violências: o que as pesquisas informam? *Saúde e Sociedade*, 29(3).

Tessaro, F., & Lampert, C. D. T. (2019). Desenvolvimento da inteligência emocional na escola: relato de experiência. *Psicologia Escolar e Educacional*, 23. <https://doi.org/10.1590/2175-35392019018696>

Valente, S., & Lourenço, A. A. (2022). Inteligência emocional e gestão de conflito na interação pedagógica. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 9, 181-192. <http://hdl.handle.net/10174/32431>

Valente, S., & Lourenço, A. A. (2022). The importance of academic training in emotional intelligence for teachers. *Frontiers in Education*, 7. <https://doi.org/10.3389/feduc.2022.992698>

- Valente, S., Lourenço, A. A., Alves, P., & Dominguez-Lara, S. (2020). The role of the teacher's emotional intelligence for efficacy and classroom management. *CES Psicología*, 13(2), 18-31.
- Valle, J. E., & Williams, L. C. D. A. (2021). Engajamento Escolar: Revisão de Literatura Abrangendo Relação Professor-Aluno e Bullying. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e37310>
- Van Petegem, S., Soenens, B., Vansteenkiste, M., & Beyers, W. (2015). Rebels with a cause? Adolescent defiance from the perspective of reactance theory and self-determination theory. *Child Development*, 86(3), 903-918. <https://doi.org/10.1111/cdev.12355>
- Worku Mengisto, W., & Horenczyk, G. (2019). Hidden and actual dropout from the education system among adolescents of Ethiopian origin in Israel. *Intercultural Education*, 30(5), 531–546.
- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento; risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico*, 47(2), 99-110. <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>.

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de Entrevista para alunos

Ficha de caracterização sociodemográfica - Alunos

Género:

Idade:

Ano de escolaridade que frequenta:

Retenções:

Anos de escolaridade em que ocorreram as retenções:

Habilitações literárias do pai e da mãe:

Com quem vive:

Guião de Entrevista - Alunos

1. Gostas desta escola? Porquê?
2. Consideras esta escola diferente das outras que já frequentaste? Se sim, porquê?
3. Qual é a tua disciplina favorita? Porquê?
4. Tens algum professor favorito?
 - a. Que características tem este professor que gostas? Que práticas este professor utiliza?
5. E tens algum que gostas menos?
 - a. Que características tem este professor que faz com que gostes menos dele? Que práticas este professor utiliza?
6. Como caracterizas a tua relação com os teus professores? Se consideras que não é igual com todos, o que faz com que mude?
7. Para ti, o que é a inteligência emocional?
8. Quando estás inserido ou assistes a uma situação de conflito dentro da sala de aula, como achas que o professor deve agir para melhorar o ambiente?
9. Ter regularmente situações de conflito em sala de aula influencia na tua relação com o teu professor? E na tua aprendizagem? E na motivação? Como?
10. Consideras a inteligência emocional é importante para melhorar a tua relação com o teu professor? Porquê?
11. Consegues identificar momentos nas aulas em que se trabalha a inteligência emocional? Quais? Com que objetivos? Em que momentos da rotina escolar? Se não há qual será a razão para não haver?

12. O que consideras que é a afetividade?
13. Como caracterizas uma relação afetiva ou de afetividade?
14. É importante para ti que tenhas uma relação afetiva com o teu professor?
Porquê?
15. Tens uma relação de afeto com os teus professores? Achas que isso melhora a tua relação com eles?
16. Para ti, o que é a motivação?
17. O que te dá motivação para ires às aulas?
18. E para aprenderes novos conteúdos? O que te dá motivação?
19. Quais são as matérias que te motivam mais? Há algum tipo de aula que te motive mais?
20. Consideras que a tua motivação é influenciada por que variáveis?
21. Sentes-te mais motivado quando?
22. Há algo que os professores façam que tu consideras que é um sinal de que os professores estão preocupados com a tua motivação?
23. E o que é que te desmotiva?
24. Como achas que se vê que um aluno está motivado? E quando está desmotivado?
25. Consideras que é possível recuperar da desmotivação? Como?
26. Achas que a relação que tu tens com o professor influencia na tua motivação para frequentares as aulas? Porquê?
27. Descreve-me como seria uma aula ideal. Que características tem essa aula?
28. Descreve-me um professor que te dê vontade de aprenderes novas conteúdos. Que estratégias o professor deve utilizar?

Anexo 2 – Guião de entrevista para professores

Ficha de caracterização sociodemográfica - Professores

Género:

Idade:

Habilitações literárias:

Que disciplina/as leciona?

Que anos de escolaridade/ciclo de ensino leciona?

Há quantos anos leciona?

Há quanto tempo leciona nesta escola?

Quantos alunos tem as suas turmas?

Guião de Entrevista – Professores

1. Gosta de lecionar nesta escola? Como a descreve? Que características esta escola tem a diferencia as outras?
2. Como caracteriza a sua relação que estabelece habitualmente com os seus alunos?
3. Quais são as práticas que utiliza para construir uma relação positiva com os seus alunos?
4. Que práticas gostaria de modificar para conseguir uma melhor relação com os seus alunos?
5. Que características um professor deve ter para uma melhor relação e que o beneficia na sua profissão?
6. Como define inteligência emocional?
7. Quando se encontra numa situação de conflito em sala de aula, que estratégias utiliza para melhorar a situação?
8. Ter situações de conflito em sala de aula influencia a relação pedagógica? E o processo de aprendizagem dos alunos? E a motivação? Como?
9. Considera a inteligência emocional importante para fortalecer a relação professor-aluno? De que forma?

10. Utiliza estratégias e/ou práticas para o desenvolvimento da inteligência emocional em sala de aula? Quais? Com que objetivos? Em que momento da rotina escolar? Se não utiliza, porquê?
11. O que considera que é a afetividade?
12. Como caracteriza uma relação afetiva ou de afetividade?
13. Acha que é importante ter uma relação de afeto com os seus alunos? Porquê?
14. Ter uma relação afetiva com os alunos melhora a sua relação com os mesmos? De que forma?
15. Como descreveria o que é a motivação.
16. O que acha que motiva os alunos para frequência das aulas?
17. O que acha que motiva os alunos para a aquisição de novos conteúdos?
18. Considera que há matérias que influenciam a motivação? Práticas pedagógicas mais motivadoras? Se sim, quais?
19. Considera que a motivação dos alunos é influenciada por que variáveis?
20. Quando considera que os alunos se sentem motivados?
21. Como considera a motivação dos alunos quando faz a sua planificação das aulas?
22. Como identifica que um aluno está desmotivado nas aulas?
23. O que considera que leva a esta desmotivação?
24. Considera que é possível recuperar um aluno desmotivado? Como?
25. Considera que a relação que estabelece com os seus alunos influencia na motivação dos seus alunos? De que modo?
26. Descreva-me uma aula sua. Que fatores considera chave para fortalecer a relação com os seus alunos e a sua motivação?
27. Que estratégias pode um professor utilizar para motivar os alunos a aprender novos conteúdos?

Anexo 3 – Tabela de apoio à construção dos guiões

Objetivos	Questões alunos	Questões professores
Explorar as características da relação professor-aluno	Tens algum professor favorito?	Como caracteriza a sua relação que estabelece habitualmente com os seus alunos?
	Que características tem este professor que gostas? Que práticas este professor utiliza?	
	E tens algum que gostas menos?	Quais são as práticas que utiliza para construir uma relação positiva com os seus alunos?
	Que características tem este professor que faz com que gostes menos dele? Que práticas este professor utiliza?	Que práticas gostaria de modificar para conseguir uma melhor relação com os seus alunos?
	Como o caracterizas a tua relação com os teus professores?	Que características um professor deve ter para uma relação eficaz e que o beneficia na sua profissão?
Explorar os motivos dos alunos para a frequência das aulas	Para ti, o que é a motivação?	O que é para si motivação?
	O que te dá motivação para ir às aulas?	O que acha que motiva os alunos para frequência das aulas?
	O que te dá motivação para aprenderes novos conteúdos?	O que acha que motiva os alunos para a aquisição de novos conteúdos?
	Quais são as matérias que te motivam mais? Há algum tipo de aulas de te motive mais?	Considera que há matérias que influenciam a motivação? Práticas pedagógicas mais motivadoras? Se sim, quais?
	Consideras que a tua motivação é influenciada por que variáveis?	Considera que a motivação dos alunos é influenciada por que variáveis?
		Quando considera que os alunos se sentem motivados?

Explorar os motivos dos alunos para a frequência das aulas	Sentes-te mais motivado quando?	Como considera a motivação dos alunos quando faz a sua planificação das aulas?
	Há algo que os professores façam que tu consideras que é um sinal de que eles estão preocupados com a tua motivação?	
Conhecer as causas da desmotivação escolar	E o que é que te desmotiva?	Como identifica que um aluno está desmotivado nas aulas?
	Como achas que se vê que um aluno está motivado? E quando está desmotivado?	O que considera que leva os alunos à desmotivação?
	Consideras que é possível recuperar da desmotivação? Como?	Considera que é possível recuperar um aluno desmotivado? Como?
Compreender a importância da relação pedagógica na motivação escolar	Achas que a relação que tu tens com o professor influencia na tua motivação para frequentares as aulas? Porquê?	Considera que a relação que estabelece com os seus alunos influencia na motivação dos seus alunos? De que modo?
	Descreve-me como seria uma aula ideal. Que características tem essa aula?	Descreve-me uma aula tua. Que fatores considera chave para fortalecer a relação com os seus alunos e a sua motivação?
	Descreve-me um professor que te dê vontade de aprender novos conteúdos? Que estratégias o professor utiliza ou deve utilizar?	Que estratégias pode um professor utilizar para motivar a aprender novos conteúdos?
Compreender a influência da afetividade na relação professor-aluno	O que consideras que é a afetividade?	O que considera que é a afetividade?
	Como caracterizas uma relação afetiva ou de afetividade?	Como caracteriza uma relação afetiva ou de afetividade?
	É importante para ti que tenhas uma relação afetiva com o teu professor? Porquê?	Ter uma relação afetiva com os alunos melhora a sua relação com os mesmos? De que forma?

Compreender a influência da afetividade na relação professor-aluno	Tens uma relação de afeto com os teus professores? Achas que isso melhora a tua relação com eles?	Acha que é importante ter uma relação de afeto com os seus alunos? Porquê?
Aprofundar a importância da inteligência emocional na relação pedagógica	Para ti, o que é a inteligência emocional?	Como define inteligência emocional?
	Quando estás inserido ou assistes a uma situação de conflito dentro da sala de aula, como achas que o professor deve agir para melhorar a situação?	Quando se encontra numa situação de conflito em sala de aula, que estratégias utiliza para melhorar a situação?
Aprofundar a importância da inteligência emocional na relação pedagógica	Ter regularmente situações de conflito em sala de aula influencia a relação com os professores? E a tua aprendizagem? E a motivação? Como?	Ter situações de conflito em sala de aula influencia a relação pedagógica? E o processo de aprendizagem dos alunos? E a motivação? Como?
	Consideras a inteligência emocional importante para o fortalecimento da tua relação com o teu professor? Porquê?	Considera a inteligência emocional importante para fortalecer a relação professor-aluno? De que forma?
	Consegues identificar momentos nas aulas em que se trabalha a inteligência emocional? Quais? Com que objetivos? Em que momentos da rotina escolar? Se não há momentos desses, qual será a razão para não haver?	Utiliza estratégias e/ou práticas para o desenvolvimento da inteligência emocional em sala de aula? Quais? Com que objetivos? Em que momentos da rotina escolar? Se não utiliza, porquê?

Anexo 4 – Transcrição da entrevista dos alunos da turma 1

Aluno 1: Feminino; 18 anos; 9º ano; perdeu o 3º e o 8º ano; o pai tem o 4º ano e a mãe tem o 12º ano; vive com o pai;

Aluno 2: Masculino; 19 anos; 9º ano; perdeu o 4º, 6º e duas vezes o 9º ano; o pai tem o 6º ano e a mãe 4º ano; vive com a mãe e com o pai;

Aluno 3: Masculino; 16 anos; 9º ano; perdeu o 5º ano; o pai tem o 9º ano e a mãe o 6º ano; vive com o pai

Aluno 4: Masculino; 17 anos; 9º ano; 3º e 6º ano; o pai tem o 4º ano e a mãe tem o 9º ano; vive com a mãe

Entrevistador: Gostam de estar nesta escola?

Todos: *Sim.*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 4: *São todos fixes, os horários são acessíveis e os professores são bem-dispostos, são “porreiros”. As matérias são mais simples, mais fáceis.*

Aluno 2: *As aulas são mais curtas, é melhor...*

Aluno 3: *Aqui não é muito carregado como as outras escolas.*

Aluno 4: *É que nem se compara.*

Aluno 1: *Concordo com eles.*

Entrevistador: Qual é a vossa disciplina favorita?

Aluno 2: *Para mim é a rádio.*

Entrevistador: Sem ser a rádio, qual é a vossa aula favorita?

Aluno 1: *Cidadania.*

Aluno 4: *Sim, com a professora C.*

Entrevistador: E porque é que é Cidadania?

Aluno 4: *É a melhor professora, ela compreende-nos...*

Aluno 2: *Ela sabe levar-nos melhor que os outros professores.*

Entrevistador: E vocês têm algum professor favorito?

Aluno 2: *O professor J.*

Aluno 3: *Sim, o professor J.*

Entrevistador: E porquê este professor?

Aluno 3: *Ele é brincalhão...*

Entrevistador: Vocês gostam dele só porque ele é brincalhão?

Aluno 2: *Ele sabe distinguir a sua fase adulta e sabe distinguir a nossa adolescência.*

Sabe mostrar a convivência entre dois lados, por isso é que ele se dá com todos nós.

Aluno 4: *Para mim é a professora C, ela percebe-nos, é compreensível connosco... Ela não nos julga.*

Entrevistador: e o professor que gostam menos?

Todos: *Professora de inglês...*

Entrevistador: Porquê? Que características ela tem que faz com que vocês gostem menos dela?

Aluno 3: *Ela é chata!*

Aluno 1: *É muito arrogante connosco...*

Aluno 4: *É a maneira como ela fala connosco... Muito arrogante mesmo... Não explica bem as coisas...*

Entrevistador: Muito bem... E como caracterizam a relação que têm com os professores? A relação que vocês têm é igual com todos os professores?

Aluno 4: *Há professores e professores... Há uns que a gente dá-se mais e outros não... Isso é assim...*

Entrevistador: E porque acham que é diferente essa relação? É por causa da personalidade ou características que eles têm... Das disciplinas que eles lecionam...?

Aluno 1: *Eu acho que é mesmo pela personalidade...*

Entrevistador: Sim... E sabem o que é inteligência emocional?

Aluno 4: *Inteligência emocional... Saber gerir bem os seus sentimentos?*

Entrevistador: E mais?

Aluno 2: *Também acho que é isso...*

Aluno 4: *Para mim é isso... É quando a gente saber lidar com nossos sentimentos...*

Aluno 3: *Eu não sei o que é*

Aluno 1: *Eu também não, mas deve ser qualquer coisa das emoções.*

Entrevistador: Sim... Mais alguma coisa?

Aluno 3: *Não sei.*

Entrevistador: E quando vocês estão inseridos numa situação de conflito em sala de aula, como acham que o professor deve reagir para melhorar o ambiente?

Aluno 2: *Acalmar os alunos e tentar entender a razão pela qual está havendo a discussão*

Aluno 3: *E não gritar com os alunos.*

Entrevistador: Ter regularmente situações de conflito em sala de aula influencia na vossa relação com o professor, com a vossa aprendizagem e com a vossa motivação escolar?

Aluno 3: *Não.*

Entrevistador: Porque não?

Aluno 3: *Porque isso é com eles, não é comigo.*

Entrevistador: Mas imagina que é contigo, és tu que estás envolvido na situação de conflito, não vai influenciar em nada?

Aluno 3: *Sim, eu já não vou estar muito motivado para ir às aulas, mas vou na mesma porque isso já me aconteceu, mas eu fui na mesma.*

Aluno 4: *Epah claro que sim, influencia..*

Entrevistador: E como é que influencia?

Aluno 4: *Porque já não vai ser aquela coisa...*

Aluno 3: *Já não vai ser aquela motivação...*

Aluno 2: *Já não vou ter aquela confiança com o professor que tinha antes.*

Entrevistador: E consideram que a inteligência emocional é importante para melhorar a relação com o professor?

Todos: *Sim.*

Aluno 2: *Também temos de saber gerir os nossos sentimentos quando estamos em conflito, não atirar logo “pedras” ao professor.*

Entrevistador: Muito bem. Conseguem identificar momentos em sala de aula que se trabalha a inteligência emocional?

Aluno 2: *Sim... Momentos em trabalho de grupo, por exemplo... Mesmo que se não gostarmos da pessoa, temos de saber gerir os nossos sentimentos...*

Entrevistador: E mais momentos?

Aluno 3: *Não sei sinceramente...*

Entrevistador: Para vocês, o que é a afetividade?

Aluno 3: *Afetividade?...*

Entrevistador: Sim, afetos...

Aluno 4: *Ter afetos por uma pessoa?*

Entrevistador: Sim...

Aluno 4: *É tipo... ter um carinho por ela...*

Entrevistador: E mais coisas? O que é ter uma relação de afetos com alguém?

Aluno 1: *Ter respeito pela pessoa...*

Aluno 4: *Confiança...*

Aluno 3: *Não ser muito arrogante com a pessoa...*

Entrevistador: Vocês têm uma relação de afetos com alguém... como caracterizam essa relação?

Aluno 2: *É ser leal...*

Aluno 3: *Amor...*

Entrevistador: Sim... E acham que é importante ter uma relação afetiva com o professor?

Aluno 4: *Claro, para todos se darem bem...*

Aluno 3: *Com alguns...*

Entrevistador: Porquê só com alguns?

Aluno 3: *Há uns que merecem e outros não...*

Aluno 4: *Não devemos dar confiança a mais, devemos ir dando conforme ela merece.*

Entrevistador: Vocês sentem que têm uma relação de afetos com os vossos professores?

Aluno 1: *Sim, com alguns...*

Aluno 4: *Sim, aqui eu tenho com todas menos com uma professora... A de inglês... Por causa daquilo que nós já dissemos...*

Entrevistador: Pois... Então tendo uma relação afetiva com os professores melhora a relação com eles?

Aluno 4: *Completamente, muito mesmo.*

Entrevistador: E agora, o que é a motivação para vocês?

Aluno 4: *Motivação... Como é que eu explico...*

Aluno 2: *Motivação para mim é uma coisa que motiva a ser melhor, a querer crescer...
querer ser melhor para mim e para todos...*

Aluno 3: *Eu não sei explicar...*

Entrevistador: Ok... Vou fazer outra pergunta... O que é que vos dá motivação para ir às aulas?

Aluno 4: *Passar de ano!*

Aluno 3: *Ter um bom trabalho.*

Aluno 2: *Ter um futuro bom.*

Aluno 1: *É isso, é ter um futuro...*

Entrevistador: E para aprender novos conteúdos?

Aluno 3: *Porque um dia podemos precisar.*

Aluno 4: *É sempre bom termos alguns conhecimentos... ter conhecimento de tudo.*

Aluno 3: *Também não saber e querermos aprender.*

Entrevistador: E mais?

Aluno 4: *Eu não sei mesmo o que dizer.*

Entrevistador: Pronto... E quais são as matérias que vos motiva mais? Que tipo de aula é que vos motiva?

Aluno 2: *Eu gosto de matemática e português.*

Aluno 4: *Quando a professora interage mais connosco, não é só fichas, fichas, fichas e mais fichas...*

Entrevistador: E tu T, disseste que gostavas de matemática e português, então porquê?

Aluno 2: *É bom... Depende de certas matérias, mas em geral eu gosto. Dá conhecimento.*

Aluno 4: *Tem algumas matérias que são chatas... Mas é bom, vai se usar matemática para toda a vida.*

Entrevistador: Exatamente. Consideram que a vossa motivação é influenciada por que variáveis?

Aluno 4: *Como assim, variáveis?*

Entrevistador: Quando vocês querem muito fazer uma coisa, têm motivação... há algo que vos motiva... O que é esse “algo”?

Aluno 3: É a minha namorada.

Aluno 4: Ter dinheiro.

Aluno 2: Ter um futuro melhor.

Aluno 1: *Sim, é mais pensar no meu futuro, eu motivo-me é pensando em querer ter um futuro melhor e esforço-me para isso acontecer.*

Aluno 4: *Ter um futuro melhor é ter dinheiro.*

Aluno 3: *Mas o dinheiro não compra tudo...*

Entrevistador: É verdade... E quando é que vocês se sentem mais motivados?

Aluno 3: *Quando eu jogo à bola.*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 3: *Porque gostava de jogar futebol profissionalmente... Mas para ser jogador é preciso ter escola.*

Entrevistador: Ok, o futebol é uma motivação para ti. E vocês?

Aluno 4: *Quando eu tenho uma ambição, quando eu quero uma coisa, eu trabalho por isso. Eu sinto-me motivado.*

Aluno 2: *É isso, pensar no futuro. Quando estamos inclinados para alguma coisa, não é? Lutamos por isso.*

Entrevistador: Muito bem. Vocês sentem que os professores fazem algo que é um sinal que eles estão preocupados com a vossa motivação?

Aluno 3: *Sim, quando eles nos chamam à atenção muita vez.*

Aluno 1: *E insistem para fazer os trabalhos e vir às aulas.*

Aluno 2: *Eu concordo com eles.*

Entrevistador: E o que é que vos desmotiva?

Aluno 4: *A professora de inglês.*

Aluno 2: *Ter muito carga horária.*

Aluno 4: *Sim, ter muitas aulas no dia. E às vezes há professores que querem fazer muita coisa numa aula só, eu fico logo desmotivado...*

Entrevistador: Ou seja, a carga de trabalho... E como se vê que um aluno está motivado?

Aluno 1: *Indo às aulas*

Aluno 2: *Está feliz, está alegre..*

Aluno 3: *E está fazendo as coisas todas certinhas... Está a participar na aula...*

Entrevistador: E quando está desmotivado?

Aluno 2: *ele não aparece na escola.*

Aluno 3: *Nas aulas não faz nada, só fica no telemóvel.*

Entrevistador: e acham que é possível recuperar da desmotivação?

Aluno 1: *Sim.*

Entrevistador: Como?

Aluno 2: *Procurando uma maneira de ele trabalhar à sua maneira...*

Aluno 4: *Encontrando estratégias para melhorar...*

Aluno 2: *Só não há solução é para a morte, de resto...*

Entrevistador: Tens toda a razão. Consideram que a relação que vocês têm com os vossos professores influencia na motivação para frequentar as aulas?

Aluno 1: *Sim.*

Aluno 2: *Sim, porque eles se são bons e porreiros connosco nós vamos à aula, não é? E se eles não nos dão aquela carga de trabalho e isso...*

Aluno 4: *Não é só isso... Chegamos à sala de aula, chega um professor mal encarado...*

Aluno 3: *Ele está é pedindo que eu não venha.*

Aluno 1: *O clima vai ficar tenso também... não vamos gostar de estar ali.*

Entrevistador: Muito bem. Agora, descrevam-me uma aula ideal.

Aluno 4: *A aula de cidadania.*

Entrevistador: Que características é que tem essa aula?

Aluno 1: *Nós conversamos muito. Conversamos sobre tudo, desde drogas, sexualidade... É tudo.*

Aluno 3: *Falamos sobre coisas da vida...*

Entrevistador: Sim.. E descrevam-me agora um professor que vos dê vontade de aprender.

Aluno 4: *Professora C.*

Aluno 2: *Professor J.*

Aluno 4: *A professora C é excelente pessoa, está sempre alegre... Como vou dizer...*

Aluno 3: *Ela está sempre disposta a ensinar-nos as coisas.*

Entrevistador: E o professor J?

Aluno 4: *Muito carismático, está sempre contente.*

Entrevistador: O que é que vos faz gostar destes professores?

Aluno 1: *Eles sabem lidar connosco.*

Aluno 2: *Compreendem-nos.*

Entrevistador: Vocês dizem “Eles compreendem-nos”. O que querem dizer com isso?

Aluno 4: *Eles não vêm para aqui só dar aulas e ganhar dinheiro.*

Aluno 1: *Eles preocupam-se connosco...*

Aluno 3: *Eles querem nos ajudar a dar um bom futuro...*

Entrevistador: Ok, muito bem. Já terminámos. Obrigada mais uma vez por participarem.

Anexo 5 – Transcrição da entrevista dos alunos da turma 2

Aluno 5: Masculino; 17 anos; 9º ano; Perdeu o 2º, 3º, 5º e 7º ano; A mãe tem o 3º ano e o pai tem o 4º ano; Vive com a mãe e com a avó.

Aluno 6: Masculino; 17 anos; 9º ano; Perdeu duas vezes o 9º ano; A mãe tem 11º ano e o pai tem o 12º ano; Vive com o padrasto, a mãe e o irmão mais novo.

Aluno 7: Feminino; 18 anos; 9º ano; Perdeu 6º e 7º ano; A mãe tem o 9º ano; Vive com a mãe, com o irmã e com a cunhada.

Aluno 8: Masculino; 17 anos; 9º ano; Perdeu 7º e 8º ano; O pai tem o 9º ano e a mãe tem o 6º ano; Vive com a mãe, o pai, as duas irmãs mais velhas e com a sobrinha.

Entrevistador: Gostam de estar nesta escola?

Todos: Gosto.

Entrevistador: Porque é que vocês gostam?

Aluno 8: *Eu gosto porque é mais prática e não teórica. Os professores são mais compreensíveis, tipo em algum momento que estejamos a passar por alguma coisa ou alguma coisa na sala, se formos falar com eles, eles compreendem melhor, não como aqueles que tínhamos nas outras escolas.*

Aluno 7: *Numa escola normal, aprendemos as matérias para sair de lá com aquelas matérias feitas. Aqui aprendemos mais sobre a vida, aprendemos a desenrascarmo-nos, a saber o que vamos fazer...*

Aluno 6: *Aqui as informações que te dão são mais úteis.*

Aluno 7: *Numa escola normal, a gente sai dali só sabendo matéria, não aprendes nada da vida. Sais dali não sabendo nada da vida.*

Aluno 6: *Aqui dá-te várias opções, tipo trabalho, estágio... isso é porreiro.*

Aluno 8: *Cursos que costumam oferecer... O ano passado eu tirei o curso de fotógrafo e tirei de socorro de vida imediata.*

Aluno 6: *E tu B?*

Aluno 5: *Não tenho muito mais a dizer, é como ele diz, a questão de ser mais prático...*

Entrevistador: Bem, vocês já responderam a segunda pergunta... Porque é que é diferente das outras?... E qual é a vossa disciplina favorita?

Aluno 6: *tipo aqui não temos muitas disciplinas, mas eu gosto da rádio.*

Aluno 8: *eu acho que também rádio é a minha favorita.*

Entrevistador: E tirando isso, gostam de matemática, português...?

Aluno 6: *Epah sim...*

Aluno 7: *até que é curtido a matemática.*

Aluno 6: *O professor que temos...*

Aluno 8: *Matemática é porreiro, eu gosto de matemática seja com qualquer professor.*

Também depende do professor, não é? Mas português e inglês, seja qualquer professor e escola, eu nunca vou gostar.

Aluno 6: *Mas isso és tu. Eu como sou bom em inglês, para mim é fácil... Mas tem muitas cenas, tipo gramática e isso, eu bloqueio completamente...*

Aluno 8: *Sim é por causa disso que eu não gosto...*

Aluno 5: Para mim, talvez seja também o inglês porque tenho facilidade em fazer as coisas...

Entrevistador: E tu j? Qual é a tua disciplina favorita?

Aluno 7: *É isso, matemática... Matemática agora estou ficando mais esperta...*

Entrevistador: Mas achas que é por causa da matéria ou do professor?

Aluno 7: *A matéria... A gente vai para uma escola normal, a matemática é mais complicada...*

Aluno 5: *Aqui é diferente, aqui está a dar geometria, lá estavas a dar outra coisa...*

Aluno 6: *E na escola normal, tu tens duas aulas de 90 minutos para aprender certa coisa e avante... e uma pessoa quando fica atrás não tem muito tempo para avançar..*

Aluno 8: *O problema é que eles não deixam processar a informação, tu acabas a aula, tens 15 minutos de intervalo que só dá para ires ao quarto de banho e de repente já vais ter inglês. Acabaste de vir de uma aula de matemática e do nada vais ter línguas e uma pessoa ainda está a processar a cena de matemática e já está a ter inglês. Eu na escola onde tive, eu tinha 5 minutos de intervalo e do nada já estava a professora a falar francês e eu ficava todo baralhado...*

Aluno 6: *É que é mesmo isso!*

Entrevistador: E professor favorito? Vocês têm?

Aluno 6: *Acho que é o professor J.*

Aluno 8: *Tipo não é ter favoritismos, mas os professores que eu me dou melhor é basicamente o professor J e o professor A. Eles dão-nos aulas na rádio e no teatro, não é? Conta como professores... De professoras...*

Aluno 6: *Epah... Eu gosto da professora de sexta-feira, a professora N.*

Aluno 8: *Sim, a professora N é fixe e de professoras é esta e é a senhora que nos deu aquelas aulas, que já sabe mais ou menos o que é que a casa gasta...*

Entrevistador: Sim... (risos). E agora, o que é que estes professores têm que vos fazem gostar deles, estar com eles...?

Aluno 8: *O professor J e o professor A... É aquela cena... Serem professores e mais velhos mas levam-nos na base da amizade... Não são aquela cena que temos de cumprir as regras à risca, são professores, mas somos todos amigos. O professor J, o que me fez gostar mais dele foi que eu costumo chegar mais atrasado porque venho de longe e muitas vezes não tive tempo de fumar o meu cigarro de manhã e ele pergunta-*

me se já fumei e deixa-me ir... Ele é compreensível, no sentido como ele já foi fumador, ele sabe que se não levar aquele cigarro logo de manhã ficamos logo diferentes e não temos logo aquela vontade de ir para as aulas. E o professor A, foi quando eu tive naquelas atividades do teatro, em que saímos da escola e fizemos aqueles espetáculos. Ele ia me buscar a casa, a mim e ao M, e no carro começamos a ouvir música e ele dizia sempre que cada um metia uma música que gostasse e comecei a perceber que tínhamos o estilo de música muito parecido e depois conversávamos muito e eu comecei a gostar muito dele.

Entrevistador: Muito bem. E o D disse que gostava da professora N, porquê?

Aluno 6: *Eu gosto mais da professora N, porque não gosto muito da professora T... E o professor de matemática... Eu vou ser sincero, ele é porreiro... Mas tipo a professora N tem aquela cena...*

Aluno 7: *Ela é a mais simpática...*

Aluno 6: *É isso, é mais simpática. Uma pessoa simpatiza mais... E como não tem muita gente sexta, junta-se com a turma da professora C e é porreiro. E este ano, não tivemos muito a professora C, mas eu vou dizer que ela, o ano passado, ela era a minha professora favorita, porque... não sei explicar... ela era...*

Aluno 8: *Eu gosto da professora C porque ela é a pessoa para mim... Aqui dentro é a mais direta.*

Aluno 6: *É isso, é isso! Ela é direta, expressiva...*

Aluno 8: *Se ela tiver alguma coisa para dizer ela diz logo e... eu gosto dela por esse motivo, porque, por exemplo, eu também agora sou mais assim, mas antes eu pensava “Vou dizer isso a essa pessoa e de repente ela vai se sentir meio mal”, agora não. Se eu vir uma coisa que eu não acho bem ou se a pessoa pedir algo ou falar sobre uma*

questão, eu vou dizer logo e é isso também que me fez gostar mais dela, porque eu vi que ela era direta igual a mim.

Aluno 5: *Para mim é a mais a professora N, porque com o professor J e o professor A eu convivo menos com eles...*

Entrevistador: E tu J?

Aluno 7: *Eu vou dizer fora da sala de aula... eu gosto muito da E e da T. Mas eu gosto de todos aqui.*

Entrevistador: Gostas mais das técnicas então... Agora, o professor que vocês gostam menos?

Aluno 6: *Eu já disse isso, é a professora T!*

Entrevistador: Porque é que vocês não gostam dela?

Aluno 8: *Senhora, eu só peguei com ela por um simples motivo. Foi desde o dia... Não desmerecendo o D... Mas foi desde o dia que eu estava na sala a falar com o R e ela pregou-me um berro logo de manhã, isso é a coisa que mais odeio, falarem comigo aos gritos e eu calei-me para não a mandar para setes países diferentes, peguei no telemóvel e o D já estava há tanto tempo no telemóvel e a senhora C chegou à sala e ela diz-me “Oh I desliga o telemóvel” e o D há horas no telemóvel.*

Aluno 7: *O D é a aula toda no telemóvel.*

Aluno 8: *e ela não disse nada a ele e a mim disse me aquilo para a senhora C saber que ela tinha discutido era comigo. O que é que não foi aquilo para mim senhora... Nem imagina... E depois eu fui falar com a senhora C e disse a ela que se a professora T se me dissesse mais alguma coisa, ela podia esquecer... e depois a senhora C a dizer-me para não ser assim, para me acalmar e aguentar e isso... e eu pronto, lá tive de me aguentar...*

Entrevistador: Achaste então que ela não foi compreensível contigo?

Aluno 8: *Sim, foi isso mesmo. Ela foi injusta comigo. Nem foi porque não disse nada ao D, mas foi diretamente para mim “Oh I, desliga já o telemóvel”, nem foi “Vocês que desliguem os telemóveis”, não foi logo diretamente para mim... Fiquei doido senhora!*

Aluno 6: *E eu nesse dia lembro-me dessa cena de ela ter gritado com ele... É porque ela tenta-se enquadrar na nossa idade, ela ainda pensa que é muito nova e não sei quê...*

Aluno 7: *Isso é muito verdade...*

Aluno 6: *e depois quando ela acha que não está a comunicar bem connosco, a maneira que ela está que chega a nós são as gomas e é sempre as gomas.*

Entrevistador: *Mas vocês não gostam de gomas? É tão bom!*

Aluno 6: *A gente gosta de gomas...*

Aluno 8: *Ela leva as gomas para ver se a gente se porta bem!*

Aluno 6: *É isso*

Aluno 8: *Chegamos à sala, se não falarmos ela nem sequer fala em gomas, só aparece com as gomas e dá, mas se estivermos a falar ela diz logo que estamos a falar muito e diz que não há gomas para ninguém naquele dia...*

Aluno 6: *É estúpido...*

Aluno 8: *Ela pensa que vamos nos calar porque queremos gomas...*

Aluno 6: *Sim, porque até parece que não temos trocos no bolso para ir comprar. Não me importo muito com isso sinceramente, acho só que é um pouco estúpido. É isso, próxima pergunta.*

Entrevistador: *Podem falar à vontade, não se preocupem. Mas vamos lá, como caracterizam a vossa relação com os professores? É igual com todos?*

Aluno 8: *Sim, eu tenho uma boa relação com todos, tanto homens como mulheres. O meu respeito para a senhora é mesmo respeito que tenho com os outros, se alguém me*

faltar ao respeitar, aí as coisas mudam. Se me manterem respeito, eu mantenho o meu para todos.

Entrevistador: Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar?

Aluno 7: *Não, é o que ele disse, eu concordo com ele.*

Entrevistador: Muito bem. Para vocês, o que é a inteligência emocional?

Aluno 8: *Inteligência emocional... Talvez uma pessoa que resolve bem os problemas...*

Aluno 6: *É isso, é saber lidar com as situações.*

Aluno 8: *com as situações que lhe deixam mais mal-humorado, mais triste, uma cena assim... acho que é isso.*

Entrevistador: Todos sabem o que é inteligência emocional?

Aluno 6: *Eu não sei por acaso... Mas acho que é isso e eu não sei lidar muito bem com certas situações ou com certas emoções...*

Entrevistador: Acontece, mas conseguimos aprender...

Aluno 6: *Treinar, sim.*

Aluno 8: *Sim, mas isso depende da tua cabeça. Se fores daqueles que pensa “Eu não vou deixar que isso me abale, eu vou conseguir resolver isso”, ok... Mas agora és daqueles que “esquece isso, que se lixe” ... Há pessoal que não sabe mesmo lidar e vai para a cama dormir horas e horas...*

Entrevistador: E depois dá-se certas doenças mentais, por isso devemos sempre procurar ajuda quando não nos sentimos bem.

Aluno 6: *Por exemplo, eu para lidar com as minhas emoções, eu vou treinar...*

Entrevistador: É uma estratégia que tens. Muito bem! Quando vocês estão inseridos ou assistem a uma situação de conflito dentro da sala de aula, como é que acham que o professor deve agir para melhorar o ambiente?

Aluno 7: *Tem de tentar ser compreensivo, falar com os alunos.... Perceber o que se passou entre dois...*

Aluno 5: *Tem de saber pedir desculpa também.*

Aluno 6: *E principalmente tentar acalmar, perguntar o que passa...*

Aluno 7: *Não foi o professor R, ele gritava cada vez mais...*

Aluno 8: *Foi, eu lembro-me. Mas foi do nada, ele estava tão calmo e do nada a gritar com a J.*

Aluno 7: *Mas eu levantei-me...*

Aluno 8: *Até as técnicas foram-lhe buscar à sala e ela “eu não vou sair daqui ele está a mandar-me sair e eu não vou sair”.*

Aluno 7: *Claro, como é que eu é que ia sair? Ele não me vai mandar sair da sala. Se elas não viessem eu não ia sair, ele vai mandar agora, depois do que fez, a falar alto comigo... Se ele falasse mais um bocadinho daquela maneira comigo, oh... estava lindo.*

Aluno 8: *Mas sim, o professor teve mais culpa... Ela também não agiu bem, mas ele é que teve pior.*

Aluno 7: *Eu depois mandei-lhe para um sítio... Eu não aguentei. Como é? Quem é ele para falar daquela maneira comigo e depois a levantar-se da cadeira, tipo a mostrar que era superior a mim.*

Aluno 8: *E quase a dar socos na mesa e tudo!*

Aluno 7: *Para mim, uma pessoa que tipo.... Estou a conversar aqui contigo e estávamos a ter um bate-boca e tu levantas-te dessa mesa... O meu pensamento é tu estás a levantar-te para ficares superior a mim. Eu fico inferior e tu ficas a falar comigo com superioridade. Eu não gosto.*

Aluno 8: *E o professor falava mais alto e ela falava ainda mais alto.*

Aluno 7: *Resumindo, ele tinha de ter mais calma, compreensível e não era gritar comigo e levantar-se da mesa...*

Entrevistador: Ou seja, para vocês ele não tinha de demonstrar a sua “superioridade” só porque era professor...

Aluno 7: *Sim, isso mesmo*

Aluno 6: *E ele ser mais velho que nós e ter uma atitude dessas... foi tão estúpido...*

Aluno 8: *Pior mesmo foi ele a dizer a ela “Desaparece da minha frente e não sei quê”. Foi muito mau...*

Aluno 7: *Sim, eu sair daqui porque estás mandando, não estás bom... E foi isso...*

Entrevistador: Pois... E vocês acham que ter regularmente situações de conflito dentro da sala de aula influencia na vossa relação com o professor, com a vossa motivação e na vossa aprendizagem?

Aluno 8: *Sim, vai haver muitas paragens na matéria...*

Aluno 7: *Se é um professor que está sempre a meter-se contigo, vens para a aula e tu já não te vais sentir à vontade para estar ali...*

Aluno 8: *Ele vai me dizer alguma coisa e vai levar logo para trás...*

Entrevistador: Muito bem... Consideram que a inteligência emocional é importante para melhorar a tua relação com o professor?

Aluno 6: *Com o professor? Sim..*

Aluno 7: *Não é só com o professor, é com todos na verdade.*

Aluno 8: *Eu acho que sim, porque por exemplo eu tive que me controlar... Basicamente obrigado... Que eu saí há pouco tempo da sala de aula da professora T, eu fui expulso.*

Aluno 7: *Tu foste expulso?*

Aluno 8: *Sim, estávamos lá... íamos fazer uma cena “porreira”, uma matéria... E do nada “vocês vão todos é copiar um texto”*

Aluno 5: *Sim, era um ditado.*

Aluno 8: *E eu “Copiar um texto? Estou na primária ou lá que é?” ela ditava o texto e nós escrevíamos.*

Aluno 6: *Eu recusei-me também...*

Aluno 8: *E ela “Afinal?” e eu disse mesmo assim “Não estou na primária”. E ela chamou a senhora C e depois fui lá baixo com ela e disse “Como é senhora? Íamos dar uma matéria porreira e do nada é para escrever textos? Escrever textos, eu escrevo em casa”. E ela perguntou me depois porque não fizemos o que era suposto fazer e disse porque os outros começaram-se a rir. Começaram a rir e temos todos que pagar? Ah é verdade! Nós íamos fazer o jogo e não fizemos só porque chegou o G, era só mais um e já tinha muita gente e não dava para fazer o jogo. Como é? Não dava para fazer o jogo só porque o G chegou? E vamos é escrever textos.*

Aluno 5: *O combinado era.... Estava eu, a M, e não sei mais quem na sala e era para fazermos porque só tinha três na sala... Mas chegou um, chegou outro... e quando ele chegou estávamos a ir já para a turma da professora V e depois ela diz que já não vamos porque eramos sete ou seis...*

Aluno 8: *Era muita gente... E depois eu tive que vir para cima e pedir desculpa, ainda...*

Aluno 6: *Ainda por cima...*

Aluno 7: *Eu também tive de pedir!*

Aluno 8: *E depois ela estava a fumar cá em baixo e ela disse para ir ter com ela e disse que ia fumar um cigarro lá cima, porque já tinha passado quase dez minutos de intervalo e a senhora M “oh I, vá lá anda aqui..” e lá tive eu de me controlar e ir lá... e depois ela “Não achas que mereço uma palavrinha?” e eu disse logo que não e só porque a senhora M disse que elas tiveram falando e que a professora T sabia que eu*

era um bom rapaz e não sei quê, eu tive de pedir desculpa... teve que ser. Tive de me controlar...

Entrevistador: às vezes temos de fazer esse esforço.... Conseguem identificar momentos nas aulas em que se trabalha a inteligência emocional?

Aluno 5: *Todos os dias de manhã à segunda-feira!*

Aluno 8: *Quando o professor diz alguma coisa que não nos agrada e tentar guardar aquilo para nós e entrar logo e já a matar... Porque sim, estamos basicamente a treinar a raiva... Porque se eu digo algo que o B não gosta...*

Entrevistador: Estás a dizer que os momentos de conflito...

Aluno 8: *Sim, nós conseguimos trabalhar a nossa inteligência emocional nesses momentos. Se eu digo algo com B não gosta ele vai começar a entrar comigo e se o professor me disser “Tu não fazes nada” e eu na realidade fiz, eu não vou dizer “És tolo, és cego, não viste que eu não fiz?” ... Eu já estou a perder a razão aí, ao responder assim. Tenho que me acalmar mais um bocadinho e responder a ele... Eu acho que uma pessoa está se a treinar a si própria... No meu caso, de momento tenho sido uma pessoa muito explosiva. Eu estou a conseguir aguentar e não explodir com aquela pessoa, basicamente estou a conseguir treinar-me para não explodir com aquela pessoa.*

Entrevistador: Sim, muito bem... E agora... O que é a afetividade?

Aluno 7: *Afetividade? Afetos?*

Entrevistador: Sim.

Aluno 7: *É dar carinho... Ser atencioso...*

Entrevistador: E uma relação afetiva ou de afetividade, o que é?

Aluno 8: *Criar afeto pela pessoa também pode ser.... Sei lá... conheces uma pessoa há pouco tempo e aquela faz uma coisa que tu gostes também já estás a criar ali também*

uma relação de afetividade... Ela faz uma coisa que eu gosto também... Não sei, acho que pode ser assim nessa questão também, não é?

Aluno 7: *É ter respeito entre duas pessoas... darem-se bem...*

Entrevistador: É importante ter uma relação afetiva com o vosso professor?

Aluno 5: *Não sei o que é isso.*

Aluno 8: *Uma relação afetiva é o que tens, o que sentes pela tua mãe... É igual mas com outras pessoas, obviamente que gostas da tua mãe, mas sem ser essa parte. O resto é tudo igual.*

Aluno 7: *Eu acho que não. A parte do respeito sim, mas por exemplo não tem de haver carinho, não tem de haver...*

Aluno 6: *Nem pensar, não me vou atirar a um professor agora...*

Aluno 8: *Mas não é isso que afetos quer dizer, é tipo uma relação que tens com a tua mãe...*

Aluno 6: *Só tive um professor que senti isso de afetos... Um. O meu professor de teatro na outra escola que tive e é o único professor que sinto isso. Sei lá, o professor J é porreiro...*

Entrevistador: Mas com esse professor que disseste, sentiste uma relação afetiva?

Aluno 6: *Epah... ele falava mais comigo, era mais pessoal...*

Aluno 8: *Mais social?*

Aluno 6: *Sim, isso... Era mais sociável comigo.*

Aluno 7: *Sim, a parte do respeito sim... Mas agora dar carinho e isso não...*

Entrevistador: Ou seja, vocês não têm uma relação de afetos com os professores?

Aluno 7: *Não, eu pelo menos não tenho.*

Aluno 8: *Tenho uma relação... Basicamente de amizade... Eles sabem tudo o que eu faço, eu brinco com eles, eles riem-se comigo... É na boa... São tranquilos comigo... É isso, levo todos como meus amigos.*

Entrevistador: E para ti B, o que é a motivação?

Aluno 8: *Não vais dizer que não sabes...*

Aluno 5: *Motivação? É o que me falta todos os dias.*

Entrevistador: Mas o que é?

Aluno 6: *Eu acho que motivação é uma força que vem de dentro... dá-te energia para fazeres o que pretendes. Às vezes... Nem é às vezes... eu perdi o ano por extrema falta de motivação, eu não tinha energia para sofrer a matéria e os professores... Até os meus colegas...*

Aluno 8: *Para mim, a motivação pode vir da gente, mas também pode vir dos outros para nós.*

Aluno 7: *Dar motivação ao outro.*

Aluno 8: *Já estou aqui, já estou nesse percurso para conseguir algo, mas eu estou mesmo farto disso, não aguento mesmo... E chega duas ou três pessoas que eu gosto realmente e dizem-me para continuar, para não desistir e que estou quase a chegar... dá-me motivação. Sinto que tenho pessoas que me estão apoiando.*

Aluno 7: *Mas eu acho que a motivação tem de vir de nós... Também ajuda quando alguém nos apoia... Mas tem de vir de ti...*

Aluno 8: *Se não tivermos um pouco de espírito, está lixado... Temos que meter na nossa cabeça “Eu quero isso e vou conseguir” e realmente fazer os possíveis...*

Aluno 7: *Eu gostava de ser assim*

Aluno 8: *E se não conseguirmos de uma forma, traçar um caminho diferente e nunca desistir.*

Aluno 6: *Isso é determinação, mas sim é isso.*

Entrevistador: E o que é que vos dá motivação para ir às aulas? Cada um diz uma coisa.

Aluno 5: *O meu chefe... Ele diz que já faltou mais, que está quase acabando e quando acabar vou trabalhar.*

Entrevistador: O teu chefe?

Aluno 5: *Sim... O P.*

Aluno 8: *Ah, da APPJ.*

Aluno 7: *Já os tive em cima de mim, a acompanhar-me e isso...*

Aluno 6: *A minha motivação para vir para a escola é conseguir um futuro viável para não me meter num buraco (risos).*

Aluno 7: *A minha é passar o 9º ano.*

Aluno 8: *Não tenho motivação para vir.*

Entrevistador: Então porque vens? És um aluno que é raro faltar.

Aluno 8: *eu estou aqui para não ir para a CPCJ, basicamente.*

Aluno 7: *Eu já tive lá amigo.*

Entrevistador: E o que vos dá motivação para aprender matéria nova nas aulas?

Aluno 7: *é preciso que eu goste.*

Aluno 8: *Para mim não pode ser uma matéria que engonhe muito. Em português, por exemplo, a gramática... esmorece logo uma pessoa... Temos de decorar verbos e não sei quê... porque preciso disso? Eu falo dessa maneira, eu não vou falar “Vós fazeis...”, nem falo “vós” muito menos “fazeis”. Eu prefiro aprender outra língua, tipo árabe do que inglês, porque inglês é também cheio de verbos e não sei quê... os verbos estraga tudo!*

Entrevistador: que disciplinas vos dá mais motivação? Há algum tipo de aula que vos motive mais?

Aluno 6: *A rádio motiva-me a falar e a expressar-me.*

Aluno 8: *Diretamente aqui não. Temos poucas disciplinas aqui, português e inglês eu já disse que não gostava, talvez matemática. Até porque na escola que tive também era das minhas disciplinas favoritas.*

Entrevistador: Vocês consideram que a vossa motivação é influenciada por que variáveis? Ou seja, de que é que a vossa motivação é influenciada?

Aluno 7: *Conseguir aquilo que nós queremos, eu tenho um objetivo e tenho que fazer por aquele objetivo.*

Entrevistador: Também pode ser influenciada por pessoas...

Aluno 8: *Eu sou muito influenciado também por causa da minha mãe, por causa da CPCJ... Não muito por causa da CPCJ, eles diziam-me as coisas e entrava 100 e saía a 500... Mas agora a minha mãe... A minha mãe fica magoada, quase que chorava... E foi isso que mexeu comigo... Porque eu estava a lizar-me, literalmente a lixar-me se era ou não fechado durante 1 ano e tal, depois eu tava cá fora outra vez... Eu via a minha mãe e dizia... Ok, para mim era tranquilo, eu é que levava com as coisas mas aquilo mexia com a minha mãe... e eu não tava a pensar assim. Depois vim para aqui e gostei das aulas e então pensei que como estava a gostar, aproveitei a força da minha mãe e também da parte da CPCJ e ia sempre para as aulas... Tanto que o tribunal teve foi a minha casa uma vez... Depois de eu vir para essa escola e como eles pedem informação aqui a essa escola, eles fecharam o meu processo.*

Aluno 7: *E eu levei quase 5 anos nisso...*

Aluno 8: *Foi?! O meu foi quase 2... e já foi muito por causa de mim.*

Aluno 7: *Eu tive que atinar, porque eu ia ser fechada... Eu tive quase mesmo a ser fechada, fui tirada da guarda da minha mãe e metida para outra guarda e depois a partir daí era suposto eu ser fechada que já não tinha outra hipótese, mas como eu endireitei aqui, eles... arquivaram o meu processo.*

Entrevistador: Muito bem, continua assim! E a tua motivação D, é influenciada por quê?

Aluno 6: *Pelo meu futuro... Pelo meu sucesso...*

Entrevistador: Agora uma curiosidade... Vocês sentem que a vossa motivação é influenciada pelos vossos amigos?

Aluno 7: *Sim, isso é verdade, mas eu por acaso não sinto...*

Entrevistador: Por exemplo, vocês têm amigos aqui, não é? E vocês pensam “Eu vou para a escola para me encontrar com os meus amigos...”

Aluno 6: *Aqui nesta escola, não.*

Aluno 8: *Sim, nesta escola não.*

Aluno 7: *Mas nas outras sim, não era?*

Aluno 8: *Nas outras sim, mas eu não ia às aulas na mesma. Mas aqui nem é tanto o caso de “Eu vou para a escola para estar com aquele amigo”, não. Por exemplo, estamos aqui todos, mas saímos da escola está separado.*

Aluno 7: *Sim, está tudo separado, ninguém se encontra...*

Aluno 8: *Ninguém sai junto. Nós não criamos aquela amizade fora da escola, nós vemo-nos lá fora é “Olá tudo bem” e segue com a sua vida. Não é aquela amizade de sair junto, de falar por mensagens.*

Aluno 5: *Sim, nós aqui dentro falamos, mas quando estamos por fora raramente falávamos. O que é que falamos? Foi só aquilo do festival, a gente viu-se lá e foi “olá olá” e eu já conhecia o I há bastante tempo...*

Aluno 8: *Sim, já nos conhecemos há muito tempo mesmo.*

Entrevistador: *Ok, muito bem. E quando é que vocês se sentem mais motivados?*

Aluno 8: *Boa pergunta...*

Aluno 6: *Sei lá, quando dá aquela adrenalina... Não sei.*

Aluno 8: *Eu acho que agora sinto-me mais motivado, na questão de tirar o meu 9º ano para depois tirar o curso que eu quero para ir trabalhar. Eu acho que é o que me deixa mais motivado... Mas é aquela questão financeira, porque é um curso que eu quero tirar para ir trabalhar para fora. Se correr tudo bem, estou a fazer por isso, porque assim consigo ganhar muito melhor do que ia ganhar cá. É o que eu estou a tentar fazer, vamos ver no que isso vai dar.*

Aluno 7: *Eu não sei sinceramente... Eu para motivação é muito difícil... Eu penso assim “Eu tenho que fazer aquilo”, mas depois há dias que estou mesmo sem vontade... e digo assim “Eu hoje eu desistia disso tudo...” mas depois há aquela hora que eu digo “Para que é que eu vou desistir, porque assim não vou ter nada, eu tenho que insistir”, mas não aquela motivação...*

Aluno 5: *Eu sou assim mas agora nessa ultima parte que disseste “Eu tenho que acabar porque ainda falta...”*

Aluno 7: *Por exemplo, eu estou a tirar a carta e estou acabando o 9º ano. Isso são coisas que não tenho motivação para acordar de manhã tipo “Eu vou para a escola, bela cena” ... Sou te sincera... Eu tenho a condução, mas não tenho aquela motivação de “Eu vou conduzir”, eu não tenho... Eu vou porque tenho de fazer, porque eu quero fazer... Mas não é aquela motivação “ Eu vou, eu quero fazer”*

Aluno 8: *Não é uma cena que gastes tanto, mas tens de fazer.*

Aluno 7: *Sim, isso... Eu não tenho vontade, mas eu vou porque tem de ser... Não é aquela cena de vou me levantar e vou para ali, porque eu tenho vontade de ir, não mesmo... Por isso eu acho que eu e a motivação...*

Aluno 6: *Eu sinto-me mais motivado é quando eu acordo bem e sinto aquela adrenalina...*

Entrevistador: Ah sim... E há algo que os professores façam que vocês consideram que é um sinal de que eles estão preocupados com a vossa motivação?

Aluno 8: *A mim sim, foi como eu falei que me foram buscar à sala duas vezes... Elas estão preocupadas, como elas sabiam como era na outra escola... No meu caso, foi o que notaram mais porque, por exemplo, eles vinham para cá, faziam mal, mas depois chegavam cá e quando ganhavam a confiança eles voltavam a fazer mal... Eu, por exemplo, estou na sala não faço mal, o máximo que a senhora pode ver é eu rir-me, mas, por exemplo, as brincadeiras que o H e que o G têm, eu não faço nada disso e elas repararam nisso. Eu vim para esta escola e mudei completamente, porque na outra escola como eu faltei de setembro a fevereiro, eu faltei o ano todo e ia continuar a faltar provavelmente e vim para aqui para esta escola e comecei a vir para as aulas todos os dias, sem faltar a uma aula que fosse... Elas ficaram tipo... Uau... E quando aconteceu isso dentro da sala com a professora, elas pensaram “Ele agora como já está com confiança, se apanhar muitas professoras dessas, a picá-lo... Ele vai mandar vir com elas e começar a faltar outra vez...” e por isso foram me buscar à sala para eu manter a calma...*

Entrevistador: Como vês que elas estão preocupadas contigo...

Aluno 8: *Sim, exatamente.*

Aluno 7: *Quando eu vejo que elas têm aquele tempo... Eu pelo menos sou assim...*

Quando elas vêm ter comigo e estão ali comigo a falar, eu percebo que a pessoa parou

para me dizer “J, não devias de fazer isso assim...”, já sei que a pessoa que está a dizer aquilo quer o meu bem.

Entrevistador: Ou seja, quando vocês se sentem apoiados...

Aluno 7: *Sim, tipo ela parou... tirou aquele tempo para me dizer aquilo para me ajudar em qualquer coisa...*

Entrevistador: E o que é que vos desmotiva?

Aluno 6: *Tanta coisa... A atitude de certas pessoas...*

Entrevistador: Sim, pode ser, não é? Mais coisas...

Aluno 7: *o ambiente...*

Aluno 8: *Aqui nesta escola... Como eu já disse... Aqui eu estou porreiro. Para mim, isto aqui é como fosse o dia-a-dia... Já faço isso como uma perna atrás das costas... Mas antes desmotiva-me tudo, basicamente... Professores, horários, colegas de turma... Tudo. Tudo em si desmotivava-me.. Por exemplo, os horários... É muitas horas de aulas para poucos minutos. Uma pessoa tinha sete horas de aulas e juntava-se os intervalos e não tinha duas horas se fosse preciso. Sete horas seguidas de aulas, muita coisa para processar... Os professores... Calhava estar mais cansado naquela hora de aula, podia ter feito o resto da aula e tudo, mas estava mais cansado e deixava uma coisa ou outra por fazer era logo “Não fizeste nada”, mas aos berros... Mais um problema. E depois... Nos primeiros anos, não me queixava dos alunos porque eramos umas turmas porreiras, mas depois uma pessoa como já era repetente apanhava cada um, eu dizia uma coisa e era logo queixas para a diretora e depois “O I gozou comigo”... Que trabalho é este? Não dava fé, por isso o melhor era ficar lá fora no Modelo, nunca mais apareci.*

Entrevistador: Pois... E mais alguma coisa que vos desmotiva?

Aluno 7: *Quando uma pessoa quer muito uma coisa e não está a dar certo... Isso desmotiva.*

Entrevistador: Como acham que se vê um aluno motivado na sala de aula?

Aluno 7: *Vê-se que ele está empenhado, que ele quer saber, ele quer procurar, ele quer saber sobre aquilo, aí ele está empenhado.*

Aluno 8: *Naquelas questões que o professor diz que nos vai dar tópicos e escreve no quadro e ele está ali já pronto a passar aquilo tudo, é porque ele está realmente... Ele não percebe aquela matéria, mas quer perceber, para estudar supostamente a seguir. Não significa que é inteligente, mas está motivado.*

Entrevistador: E quando está desmotivado?

Aluno 6: *Está no telemóvel...*

Aluno 8: *Basicamente, entramos na minha sala de aula, mais aqui abaixo e vemos como é.*

Aluno 6: *O D no telemóvel...*

Aluno 8: *O B é à espera da hora das tostas, o G é sempre no telemóvel e assim sentado e diz uma baboseira lá vez em quando e esse não fala, é sempre assim, o G quase sempre no telemóvel... E o H é pouco a pouca a atirar coisa dentro da sala e a rir... e é isso.*

Entrevistador: E vocês acham que é possível recuperar da desmotivação?

Aluno 6: *Obviamente... Epah não sei como, mas sei que é possível.*

Aluno 8: *Eu também sei que é possível, mas como? Há várias ocasiões diferentes... No meu caso foi, como eu estava numa cena muito teórica e eu não me adaptava àquilo e não experimentava outras áreas, comecei sempre a faltar porque não me adaptava de maneira nenhuma. Quando eu soube dessa nova norma, que era prático e diferente da outra, eu fiquei motivado porque era uma coisa que achei mais piada, gostei mais por*

isso deu-me motivação. Agora quando é uma coisa que nós não gostamos de fazer ou estamos a fazer por obrigação, a melhor maneira é... arriscar, mesmo que não saibamos o que é, arriscar... outra maneira de trabalhar, outra maneira de fazer as coisas... arriscar e ver qual é que se adapta a cada um. Acho que é assim, pelo menos para mim foi assim.

Entrevistador: Sim, está certo. Açam que a relação que vocês têm com o vosso professor influencia na vossa motivação para a frequência das aulas?

Aluno 7: Também influencia, sim

Aluno 8: Porque...

Aluno 7: *Vais para a sala, entras e... A mim acontecia isso. Eu entrava na sala e a professora já dizia “Se começares a falar vais para a rua” e eu tinha acabado de entrar na sala, nem tinha aberto a boca e já estava a começar a pegar comigo e ia-me embora. Já ficava desmotivada. Por isso nunca aparecia. Se fosse outro professor a dizer “Vá lá J, chegaste a atrasada, senta-te aqui e vou te explicar isso, já perdeste isso.” Não, é logo “Senta-te e cala-te!”. Minha mãe que está ali.*

Aluno 8: *Por exemplo, chegamos atrasados. Claro que se for um tempo inteiro e chegarmos às dez, de repente a professora diz que faltei de manhã e isso, mas agora chego às nove e meia e entro na sala e ele diz “Olha vieste mais tardinho hoje, mas vieste...”. É tranquilo, de repente leva-se uma falta de atraso, mas pronto. Os outros não é logo “Agora? Agora já não vale a pena, podes ir embora”. Eu tive uma professora assim. A aula dela era sempre às oito e meia e eu quase sempre chegava atrasado, três, quarto minutos... E ela chamava-nos sempre de palhaços e não sei que mais e eu dava sempre resposta para trás, que ela é que era a palhaça e isso e ela nunca me mandava para a rua porque ela chamava-me primeiro. E uma vez ela disse que se, no dia seguinte, chegasse um minuto atrasado eu não metia os pés dentro da*

sala de aula e eu “é? Vais ver”. No dia seguinte, cheguei de propósito, cheguei e vi a porta aberta e eu bati à porta e olhei para ela, com um ar de riso e ela olha para mim e diz “Escusas de entrar aqui dentro” começou a gritar comigo e eu “sim senhora, já percebi” e fui me embora.

Entrevistador: D, ias dizer qualquer coisa há pouco.

Aluno 6: *Eu ia dizer que isso irrita-me, chego atrasado e dizem logo “Chegas cedo, tu”... Ai tanta punhada que eu dava... Não tenho mesmo paciência, eu sei que cheguei tarde... qual é o descaramento deles para me dizer isso? Há problemas, ele não sabe da minha vida para saber o porquê de eu ter chegado tarde. Houve uma vez que eu atirei a mesa, porque eu estava chateado... Peguei na mesa, atirei a mesa e fui expulso.*

Entrevistador: Mas porque atiraste a mesa? A professora fez-te alguma coisa?

Aluno 6: *Apeteceu-me... Fez... Falou de uma coisa pessoal...*

Entrevistador: Ela atacou-te com uma coisa pessoal?

Aluno 6: *Sim, e eu fiquei possuído.*

Aluno 8: *A mim foi igual, ela falou diretamente das pessoas que ela não devia ter falado. Foi literalmente eu deitei-me na mesa e ela só diz “Os vossos pais devem ser uma cambada de deficientes”, quando ela disse isso eu só me levantei e dei um soco na mesa e respondi “Vais dizer isso é aos teus filhos não é a mim” e ela sem saber o que fazer e o que dizer “Eu vou chamar o conselho executivo” e eu disse “chama, mas chama para aqui para a sala para vermos quem tem razão” e ela começou se a rir e não chamou ninguém, ficou caladinha. Ela pensava que era tudo rapazinhos que iam ter medo de responder.*

Aluno 6: *às vezes, os professores abusam do poder deles.*

Aluno 8: *É, uma vez também um professor me disse que se continuasse assim na vida, com o nariz muito empinado vais levar muitas pancadas nesse nariz, tipo da vida. E eu*

percebi que eu ia levar no nariz, o que é que não foi aquilo para mim... comecei-me a rir e disse que gostava de ver isso. O professor mandou-me para a rua. Enfim, próxima pergunta.

Entrevistador: Agora, descrevam-me uma aula ideal.

Aluno 6: *É quando nos damos bem e fazemos tudo direito sem ninguém resmungar. Desde que todos se deem bem e que cheguemos uma conclusão da aula.*

Aluno 7: *Que a matéria esteja dada...*

Aluno 8: *Sim, se a matéria for o que nós gostamos... Acho que devia ser sempre assim, com matéria que todos gostássemos. Ou num tema, um tema que todos gostássemos.*

Entrevistador: Descrevam-me um professor que vos dê vontade de aprender.

Aluno 5: *O professor R.*

Aluno 6: *Sim, o professor R, ele explica bem.*

Aluno 5: *O professor R compreende e ele sabe trabalhar devagar.*

Aluno 8: *Sinceramente, não sei...*

Aluno 7: *Estou como tu, não há.*

Entrevistador: Ok, para vocês, não existe... Mas se existisse como seria?

Aluno 8: *Seria a minha professora de português, que era a minha diretora... Mas foi culpa minha... Aquela mulher era demais, ela gostava de mim... Ela tirava-me faltas quando eu precisasse... Eu gostava daquela mulher.*

Aluno 7: *Por acaso, os meus diretores de turma também gostavam muito de mim, eu era a mais descabeçada... Eles puxavam por mim e não queria saber deles... E eles ali sempre a puxar por mim...*

Entrevistador: Um professor que vocês tenham uma boa ligação, vocês vão gostar muito dele.

Aluno 8: *Um professor minimamente compreensível... Como por exemplo nas outras escolas, a maior parte, tipo 98% dos professores são todos malucos, nós estamos habituados àqueles que estão sempre a mandarmo-nos bocas e nós mandamos logo de seguida uma boca também. E quando apanhamos uma pessoa que é daquelas que sabe falar direito connosco, claro que a afetividade é logo diferente. Estou um tal a sofrer professores e essa é a única que sabe me respeitar e compreende-me e é isso que cria aquela cena... chegar à aula e querer aprender, uma brincadeira lá de vez em quando e ela reage mas não mal como os outros...*

Entrevistador: Querem acrescentar alguma coisa?

Aluno 7: *É isso...*

Entrevistador: Mais uma vez obrigada pela vossa participação.

Anexo 6 – Transcrição da entrevista dos alunos da turma 3

Aluno 9: 16 anos; 9º ano; perdeu uma vez o 5º ano e três vezes o 7º ano; A mãe tem o 6º ano; vive com a mãe e com os irmãos.

Aluno 10: 16 anos; 9º ano; Perdeu duas vezes o 8º ano e uma vez 5º ano; A mãe tem o 6º ano; vive com a mãe, o padrasto e com a irmã mais nova.

Aluno 11: 18 anos; 9º ano; Perdeu duas vezes o 7º ano e uma vez o 3º ano; A mãe tem o 4º ano e o pai tem o 6º ano; vive com a mãe, o pai e dois tios.

Entrevistador: Gostam desta escola?

Aluno 10: *Sim!*

Aluno 9: *Sim, não é o dia todo, não tem professores “chatos”...*

Aluno 11: *A escola é mais prática, é diferente das outras.*

Entrevistador: Qual é a diferença entre esta e as outras que já frequentaram?

Aluno 10: *É mesmo fora do normal. Aqui temos uma ligação com os professores que na escola normal... No ensino regular não temos. No ensino regular, os professores, da porta para dentro da sala são uma coisa e da porta para fora são outra e aqui da porta para dentro são professores, mas somos amigos na mesma e fora somos amigos também, conseguimos ter uma relação, uma convivência... estamos todos lá no bar no convívio.*

Entrevistador: E mais?

Aluno 9: *Saímos mais cedo.*

Entrevistador: Sim, disseste o horário, o M disse a ligação com os professores... E mais?

Aluno 9: *Não é uma escola com 300 alunos, somos poucos...*

Entrevistador: E é bom para vocês ter pouco alunos na escola?

Aluno 10: *Por um lado, nós conhecemos a escola toda... Mas não vejo cenas tão negativas...*

Aluno 11: *A escola é mais pequena que as outras, temos aulas é sempre na mesma sala.*

Aluno 10: *Mas na outra escola eu também tinha sempre na mesma sala.*

Entrevistador: Sim, mas há escolas que as aulas são em salas todas diferentes.

Aluno 9: *Não temos de estar a perguntar qual é a sala.*

Aluno 10: *Eu tinha era uma sala “principal”.*

Aluno 11: *Mas na minha escola antiga, eu não repetia muito as salas, era quase sempre diferente.*

Entrevistador: Muito bem. E qual é a vossa disciplina favorita?

Aluno 10: *Matemática. É uma coisa exata, não há que complicar.*

Aluno 11: *Também gosto de matemática, eu sempre gostei.*

Aluno 9: *Eu gosto de história.*

Entrevistador: Mas aqui nesta escola não tens história, mas diz-me primeiro porque gostas de história.

Aluno 9: *Eu acho interessante saber o que aconteceu no passado. E aqui é português.*

Entrevistador: E porquê português?

Aluno 9: *Não, eu prefiro cidadania.*

Entrevistador: Então porque é que é cidadania?

Aluno 9: *Mais interessante que as outras. Não escrevemos muito, vemos filmes...*

Entrevistador: E têm algum favorito aqui?

Aluno 10: *Sim, a professora V, a professora de português.*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 10: *Porque ela é boa professora e é feitosa.*

Aluno 11: *Estou há pouco tempo nesta escola... Eu gosto de todos, na verdade.*

Entrevistador: Mas ainda não tens aquele professor que digas que gostas mesmo dele?

Aluno 9: *A professora C, para mim é a melhor. Nós falamos sobre várias coisas da vida, ela percebe-nos... E depois vemos filmes...*

Entrevistador: E qual é o professor que vocês gostam menos?

Aluno 9: *Professora de inglês!*

Aluno 10: *Sim! A professora de inglês! Eu acho que eu não gosto muito dela na parte de professora, mas fora da sala eu era capaz de me dar bem com ela.*

Entrevistador: Porque dizes isso?

Aluno 10: *inglês é uma matéria que eu não sou a favor, mas também não sou contra, mas as aulas delas são “boring”, aborrecidas e não quero.*

Entrevistador: Mas não gostas como ela dá as aulas?

Aluno 10: *Sim, eu acho que ela tem muita pouca ou falta de qualidade ali...*

Aluno 9: *É a mesma coisa... Eu concordo com ele.*

Entrevistador: *Como é que vocês caracterizam a relação com os vossos professores? São todas iguais?*

Aluno 10: *Sim, eles para mim são todos iguais... Eu não gosto muito é das aulas.*

Entrevistador: As vossas relações com os professores são todas iguais? Não têm um professor que têm uma melhor relação que outro professor?

Aluno 10: *Não, eu dou-me bem com todos, mas claro que cada um é tem o seu estilo, mas não me dou mal com ninguém.*

Entrevistador: E para vocês o que é a inteligência emocional?

Aluno 9: *É a inteligência das emoções.*

Entrevistador: E o que é que isso significa?

Aluno 9: *Não sei...*

Aluno 10: *Eu também não sei, mas se me perguntassem, que foi o que fizeste eu diria... Inteligência emocional é saber usar as emoções... saber estar dentro de uma sala não é a mesma coisa que estar cá fora, no intervalo ou fora da escola. Dentro da sala tens de estar ali calmo, não vais estar aos berros e isso como estás lá fora. Saber estar nos sítios...*

Entrevistador: Vocês sabem o que é?

Aluno 9: *Não sei o que é...*

Aluno 11: *Também não sei.*

Aluno 10: *Eu também não sabia, mas pela palavra em si eu cheguei a essa conclusão.*

Entrevistador: Muito bem, fizeste muito bem. Quando vocês estão inseridos ou assistem a uma situação de conflito em sala de aula, como é que vocês acham que o professor deve reagir ou agir para melhorar o ambiente?

Aluno 10: *Não sei... Depende das situações...*

Aluno 9: *Ele deve impor-se...*

Entrevistador: Imaginemos que o professor vos manda fazer um exercício e vocês recusam-se a fazer, ele insiste com vocês para fazer e de repente vocês respondem mal a ele e são mal-educados com ele... O que é que o professor deve fazer?

Aluno 10: *Meter na rua. Mas eu penso que isso não adianta de nada, isso é o que o professor quer e o que nós queremos também...*

Aluno 9: *Meter num canto, olhando para a parede.*

Aluno 10: *Também não... deve ser forma rígida.*

Entrevistador: Dá um exemplo... Se fosses professor, o que fazias?

Aluno 10: *Eu não sou professor, por isso não sei.*

Entrevistador: Mas se fosses...

Aluno 10: *Não sei, nunca vi essa experiência, não sei. Não penso da mesma maneira que os professores.*

Entrevistador: Mas eu estou a pedir-te uma opinião... Se fosses professor, o que fazias?

Aluno 10: *E tu o que fazias se fosses professora?*

Entrevistador: Fiz a pergunta foi a ti... Não posso dar a minha opinião, porque o objetivo é saber a vossa.

Aluno 10: *Então, e tu C, o que fazias?*

Aluno 11: *Sei lá, se eu tivesse confiança com aquele aluno, a minha confiança com ele acabava...*

Entrevistador: Sim, mas como agias então?

Aluno 9: *Mandar para a rua*

Entrevistador: Mandar para a rua vai resolver o problema?

Aluno 10: *Não.*

Aluno 9: *Falar com a mãe e com o pai.*

Aluno 11: *No outro dia, vai fazer a mesma coisa.*

Aluno 10: *É castigo... vai falar com a E.*

Entrevistador: Ok, muito bem. Ter regularmente situações de conflito em sala de aula influencia na vossa relação com o professor, na vossa aprendizagem e na motivação?

Aluno 10: *Não.*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 10: *Porque não.*

Aluno 9: *Depende, se formos nós a fazer a confusão, influencia... vai interromper na aula, o que o professor estava a ensinar vai demorar mais tempo para nos ensinar.*

Aluno 10: *Influencia na nossa motivação, porque nós não vamos querer estar ali com aquela confusão...*

Entrevistador: E consideram que a inteligência emocional é importante para melhorar a tua relação com o professor?

Aluno 10: *Já se sabe, ajuda...*

Aluno 9: *ainda não percebi o que é a inteligência emocional.*

Entrevistador: Inteligência emocional é a capacidade que tens de reconhecer e lidar com as tuas emoções.

Aluno 10: *Sim, é saber lidar e não ter de demonstrar para as outras pessoas que estás triste. Por exemplo, nós vimos mais irritados de casa, com um problema... Os professores não vêm para aqui nem os alunos descarregar com os professores, nem os professores com os alunos... porquê? Porque os problemas que são de fora são de fora, os que são de cá de dentro são resolvidos cá dentro.*

Entrevistador: Muito bem, agora eu pergunto outra vez se consideram que a inteligência emocional é importante para melhorar a tua relação com o professor?

Aluno 10: *Sim.*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 10: *Não estou sozinho aqui dentro, eles também que respondam.*

Aluno 9: *É importante, assim tipo se eu chego à sala e estou triste, eu vou perceber que estou triste...*

Aluno 10: *E vais demonstrar isso ao professor.*

Aluno 9: *E o professor vai perceber que estou triste e vai me ajudar a ficar feliz.*

Aluno 10: *A questão não é de ajudar, é de tu saberes “estar feliz” sem ter ajuda de ninguém... Demonstrares assim... Não vou dizer demonstrares o que tu não és, mas tipo saberes lidar com a situação... ok, hoje é um dia que estou mais em baixo, mas é*

bota que tem, é sorriso para cima e fora de casa! Tentar dar a volta à situação.

Percebeste?

Aluno 11: *Sim, estás chateado e vens para aqui como se nada tivesse acontecido.*

Aluno 10: *Também não. Os problemas não se esquecem do dia para a noite...*

Entrevistador: Ou seja...

Aluno 9: *Próxima pergunta.*

Entrevistador: Não, vocês não responderam. É importante ou não então a inteligência emocional para melhorar a relação entre o professor e o aluno?

Todos: *Sim*

Entrevistador: Porque...?

Aluno 11: *Sei lá.*

Entrevistador: Já vos dei o exemplo... de não fazerem o que o professor manda e ser mal-educados com ele...

Aluno 11: *Se ele vai chatear a cabeça é mesmo para uma pessoa ficar doida.*

Aluno 10: *A questão não é chatear a cabeça, ele está a dizer o que é preciso ser feito...*

Aluno 11: *Sim, mas estás maldisposto*

Aluno 10: *tu negando estás a ir contra o professor e isso não ajuda nada na relação entre vocês dois... Por isso acho que é importante a inteligência emocional...*

Entrevistador: Muito bem, agora podemos avançar. Conseguem identificar momentos na sala de aula em que se trabalha a inteligência emocional?

Aluno 10: *Demos o exemplo à pouco, de treinar... tipo o professor está a chatear-nos e não queremos fazer, não vamos estar respondendo de forma alterada com o professor, vamos tentar... Tentar não, vamos responder de maneira adequada, por exemplo, que não queremos fazer, mas colaborando... E isso já é treinar.*

Entrevistador: Mais momentos?

Aluno 9: *É nos conflitos, basicamente.*

Entrevistador: E o que é a afetividade?

Aluno 10: Afetividade? Parece me vir de afetos, logo...

Entrevistador: Afetos, o que é?

Aluno 9: É gostar de algo. Quem tem uma relação afetiva são pessoas que estão próximas...

Entrevistador: Têm uma relação próxima... mais?

Aluno 10: *Relação carinhosa entre aluno e professor... dão-se bem, colaboram um com o outro...*

Entrevistador: Mais C?

Aluno 11: *Deixa-me pensar... é como o M disse...*

Entrevistador: Obrigada, quero coisas diferentes...

Aluno 10: *Pensa na relação com a tua mãe.*

Entrevistador: Caracteriza-me a relação com a tua mãe, então.

Aluno 11: *É boa.*

Entrevistador: Mais coisas?

Aluno 10: *A relação com a tua mãe é a mesma com a tua tia?*

Aluno 11: *Claro que não, a minha mãe é a minha mãe.*

Aluno 9: *Passas mais tempo com ela, não é?*

Aluno 10: *E não só, foi a tua mãe que te mudou as fraldas, deu-te o biberão... Isso vai criando afetos...*

Entrevistador: E mais coisas, então?

Aluno 9: *Respeito...*

Entrevistador: É importante ter uma relação de afetividade com os vossos professores?

Aluno 10: *Já se sabe, porque assim a coisa não vai correr bem.*

Aluno 9: *Se não vamos ter de mudar de escola, como fizemos. Não ficamos assim com vontade de ir às aulas...*

Aluno 10: *Perde-se o interesse.*

Aluno 11: *Não mudei de escola por causa disso...*

Aluno 10: *Eu era assim, motivação 0, interesse 0. Era estar para ali...*

Aluno 9: *Eu era obrigado a ir, mas fazia sempre coisas para ser expulso.*

Aluno 10: *Eu chegava à sala, garrafinha de água em cima da mesa, perna cruzada e ficava no fundo da sala, para ali...*

Aluno 9: *a mim não, eles davam na mesa, eu acordava de vez...*

Aluno 10: *Ai se me fizessem isso... levava com a água no meio da cara!*

Aluno 11: *Se foi uma vez... Professora de português... Eu vim maldisposto...*

Aluno 10: *Isso era um problema que era teu também.*

Aluno 11: *Sim... Eu chego à sala, mala para um canto e cabeça para mesa... passei pelo sono... Ela deu uma pancada ao pé do meu ouvido... Rapaz... queria-lhe matar...*

Entrevistador: Vocês têm uma relação de afetos com os vossos professores? Achem que isso melhora a vossa relação com eles?

Aluno 10: *Já se sabe.*

Entrevistador: E para vocês o que é a motivação?

Aluno 10: *Motivação é aquela coisa dentro da gente que tem aquela vontade de fazer...*

Os professores também pode transmitir motivação, da maneira que eles dão a aula, depende da maneira que eles nos tratam... E se for assim, com uma relação afetiva, como estávamos a falar há pouco, eles vão nos dar mais motivação para ir para a sala, para aprender e para estar ali dentro e para ganhar interesse.

Aluno 9: *É tipo acordar bem, já com aquela coisa “Tão bom hoje à escola”, tenho motivação para vir para aqui.*

Entrevistador: estar nesta escola dá-te motivação para acabares o 9º ano?

Aluno 9: *Sim, porque os professores não são “chatos”, tenho colegas porreiros...*

Entrevistador: O que é que vos dá motivação para ir para as aulas?

Aluno 9: *Depende das aulas, tipo terça... temos matemática e inglês, não dá motivação... Por causa do inglês e é o dia todo.*

Aluno 11: *A mim o que me dá motivação é acabar a escola mais rápido possível.*

Aluno 10: *A mim são os professores, eles têm uma boa relação connosco... E também é diferente porque... as aulas são mais práticas e... é tudo diferente. Também é uma grande ajuda para nós porque para arranjarmos trabalho está muito complicado... precisamos de muito estudo para o futuro... e se não conseguir atingir uma grande escolaridade vai ser difícil, vamos ter de acartar cimentos e blocos... (risos). A motivação é também porque a escola é mais pequenina, não há aquele movimento todo logo de manhã... é uma coisa mais calma... Chegamos aqui, vamos lá cima ao bar, estamos ali num convívio com os professores antes mesmo de começar as aulas... não é logo de pancada, chegamos lá cima vemos se estão bem dispostos ou não... já sabemos como temos lidar, como vai ser a aula, o que vamos fazer, se vai ser mais rigoroso ou não... Sabendo também que a escola tem coisas que me agradam dá mais vontade vir para a escola... Eu e o J, nós fizemos numa folha um texto a dizer que queríamos baguetes na escola e eles colaboraram connosco e agora já temos baguetes para comermos ao almoço. Não é qualquer escola que ia colaborar com dois alunos como nós... e é fora do normal...*

Entrevistador: E para aprender novos conteúdos? O que vos dá motivação quando a professora vos diz “Hoje é matéria nova”?

Aluno 10: *Nada, fecho logo os olhos e abaixo a cabeça.*

Entrevistador: Disseste que gostavas de matemática...

Aluno 10: *Sim, mas trabalhar.... Sou preguiçoso... Eu gostava dos x e y, as equações... Eu era um bom aluno, mas aqueles professores desmotivavam-me, eu baldava-me... Eu estava no 8º ano, passei o 7º à rasca... Eu estava com a mesma turma do ano passado... fui para o 8º ano e isso, chegou mais ou menos metade do segundo período, faltava uma semana... aparecia um dia ou outro... E depois sempre de tabela... No outro 8º ano, logo no início... Eu estava com o I na mesma turma, a professora olhou para nós e viu as nossas coisas e tudo mais e disse “Esses vão dar dores de cabeça” uma cena assim, por causa do meu currículo e num ano, eu fui 3 meses às aulas e o resto sempre a faltar... Ia para o modelo com os meus amigos...*

Entrevistador: e então nada te dá motivação...

Aluno 10: Não

Entrevistador: Mas disseste que gostavas do x e y, quando são coisas que gostas tu interessas-te pela matéria nova...

Aluno 10: *Mas eu já aprendi isso e acho que toda a gente é assim, quando é uma coisa que lhe interessa, todos gostam da matéria....*

Entrevistador: Mas por exemplo, há alunos que gostam consoante as práticas do professor, se é mais prática a aula dele ou se é mais teórica, percebes?

Aluno 10: *Matemática para mim é matemática. É uma cena exata, não tem nada a ver com o português. Português, a parte da gramática para mim não percebo nada...*

Matemática é uma coisa exata... é números, subtrair, multiplicar, adicionar e subtrair e é aquilo e te de dar um resultado lógico. No português é uma coisa que não compreendo...

Aluno 11: *Se a matéria boa, eu vou ter motivação...*

Aluno 10: O que é uma matéria boa para ti?

Aluno 11: *Se eu gostar de uma matéria...*

Aluno 10: *dá-me exemplos de matérias que gostes...*

Aluno 11: *Não sei...*

Entrevistador: Avançando... quais são as matérias que vos motivam mais? Há algum tipo de aula que vos motive?

Aluno 10: *Matemática, Físico-química... Ciências, aulas práticas, eu amo.*

Aluno 9: *Aula prática, sem dúvida.*

Entrevistador: Muito bem... E consideram que a vossa motivação é influenciada por que variáveis? Ou seja, pelo quê? A vossa motivação é influenciada pelo quê?

Aluno 10: *Eu gosto de lógica... de ciência...*

Entrevistador: Sim e mais? Também pode ser influenciada não só pelas disciplinas, mas por outras coisas... pessoas...

Aluno 10: *Sim, também pelo meu futuro... quero ter um bom futuro.*

Aluno 11: *Dá-me motivação para vir para a escola as bicicletas, porque eu gosto muito de andar de bicicleta e eu aqui tenho um dia que posso sair da escola com a senhora C e vamos andar de bicicleta por aí...*

Entrevistador: E quando é que vocês se sentem mais motivados?

Aluno 10: *Quando gostamos da matéria... Quando sabemos que, por exemplo, amanhã temos uma aula prática...*

Aluno 9: *Quando temos visitas de estudo...*

Aluno 10: *Sim... Quando conhecemos coisas novas, assim dizendo...*

Entrevistador: E há algo que os professores façam que vocês consideram que é um sinal de que eles estão preocupados com a vossa motivação?

Aluno 10: *Perguntando se estamos bem, perguntando pela nossa... Como é que eu digo isso... parte emocional... Se está a correr tudo bem no trabalho, se não... Se temos alguma dúvida...*

Aluno 9: *Quando faltamos às aulas, eles ligam-nos logo.*

Aluno 10: *Isso também é interessante, preocupação...*

Entrevistador: E o que é que vos desmotiva?

Aluno 10: *Tudo o que eu disse, mas ao contrário... Quando estamos na sala e eles não querem saber de nós, quando temos uma dúvida e eles avançam com a matéria e ignoram-nos... Eu perdi o ano foi assim... Como o meu currículo não era assim muito amigável... comecei a faltar, mas depois fui para as aulas... só que eu já tinha perdido matéria... E eles só dando matéria, só matéria e eu não ia perceber nada... E eu perguntava, pedia ajuda e eles nada... perdi a motivação toda...*

Aluno 9: *Pois, mas eles podiam ter te dado um resumo, não... Eles desistiram completamente, nem te deram uma oportunidade.*

Entrevistador: Como se vê um aluno motivado?

Aluno 10: *Um aluno que não falta, que é pontual, faz os trabalhos... colabora com os professores...*

Aluno 11: *Não reclama de nada... faz tudo...*

Aluno 9: *Mas isso pode ser porque o papá e a mamã dão pimba, pimba em casa para ele fazer*

Entrevistador: Como se vê um aluno desmotivado?

Aluno 10: *tudo que eu disse, mas ao contrário...*

Aluno 11: *Não tem paciência, está para lá assim... Mala para um canto, dormir um sono...*

Aluno 10: *Pernas cruzadas, não quer saber do que está a dar na aula...*

Aluno 11: *O professor está a falar é como se tivesse falando para o boneco...*

Entrevistador: Consideram que é possível recuperar da desmotivação?

Aluno 10: *Sim, ajudando*

Aluno 9: *Mudando de escola, da escola que está para aqui, para a “Rotas do Futuro”.*

Aluno 10: *Também é verdade! Mas se for assim... Se ele estiver desmotivado e o professor perguntar para saber o que se está a passar e tudo mais, se tem alguma maneira de o ajudar... Se precisa de um tempo fora das aulas para tentar recuperar matéria para também perceber o que se passa dentro da sala de aula...*

Entrevistador: Acha que a relação que vocês têm com os professores influencia na nossa motivação?

Aluno 10: *Sim, porque se for um professor que nos damos bem, uma pessoa sente logo alguma motivação do que se for com o professor que se menos gosta... Isso é lógico... Se gostarmos mais de uma coisa e se me oferecerem duas propostas, vamos para o lado que gostamos. Isso influencia muito, se gostarmos mais de um professor de repente porque são aulas mais práticas ou porque explica melhor... isso tudo depende do gosto do aluno e interesse também.*

Entrevistador: Descrevam-me como seria uma aula ideal.

Aluno 9: *Com o professor a dar matéria e a brincar connosco também*

Aluno 10: *Saber dar matéria e saber... saber o tempo para a aprender e saber o tempo para rir.*

Entrevistador: Muito bem e por fim... descrevam-me um professor que vos dê vontade de aprender novos conteúdos.

Aluno 11: *Um que nos ajuda...*

Aluno 10: *Colabora connosco...*

Aluno 9: *Ri-se connosco...*

Aluno 10: *Sabem recompensar o bem que fazemos...*

Entrevistador: Querem acrescentar mais alguma coisa?

Aluno 10: *Não...*

Entrevistador: Muito obrigada a todos pela vossa participação.

Anexo 7 – Transcrição da entrevista dos alunos da turma 4

Aluno 12: 17 anos; Perdeu uma vez o 9º ano; A mãe tem o 6º ano; vive com a mãe e com o irmão

Aluno 13: 17 anos; Perdeu duas vezes o 9º ano; A mãe e o pai têm o 6º ano; vive com a mãe e com o pai

Aluno 14: 17 anos; Perdeu o 4º ano e o 7º ano; O pai tem o 6º ano; vive num lar de acolhimento

Aluno 15: 18 anos; Perdeu o 3º ano e o 8º ano; A avó tem o 4º ano; vive com avó, o avô e com o tio-avô.

Entrevistador: Gostam de estar nesta escola?

Aluno 14: *Eu gosto*

Aluno 13: *Gosto*

Aluno 15: *Eu também*

Entrevistador: Porquê?

Aluno 13: *Tem mais liberdade, aqui expresso-me mais. No ensino regular nada para nos expressarmos.*

Aluno 15: *Por causa dos horários.*

Aluno 12: *Eu gosto das professoras, das pessoas que estão aqui... é basicamente das pessoas.*

Aluno 14: *Gosto por causa dos horários... das pessoas também e o ambiente é bom...*

Entrevistador: Qual é a vossa disciplina favorita?

Aluno 13: *Matemática.*

Aluno 12: *Eu gosto de todas*

Aluno 14: *inglês...*

Aluno 15: *Eu gosto de música... Mas também de português.*

Entrevistador: E têm algum professor favorito?

Aluno 13: *Não tenho ainda...*

Aluno 15: *A professora C.*

Aluno 14: *Eu também gosto dela.*

Aluno 12: *Gosto de todos...*

Entrevistador: Porque gostam da professora C?

Aluno 15: *Ela é determinada*

Aluno 13: *e ela fala bem connosco... sentimo-nos à vontade a falar com ela.*

Aluno 14: *Sim, eu digo o mesmo...*

Entrevistador: E qual é agora o professor que gostam menos?

Aluno 13: *A professora de inglês. Tenta fazer tudo numa aula e nós não conseguimos...*

Entrevistador: Muita carga de trabalho?

Aluno 13: *Sim.*

Entrevistador: E mais?

Aluno 15: *Eu não sei, estou aqui há pouco tempo, não tenho nenhum que não goste...*

Aluno 12: *Eu gosto de todos...*

Entrevistador: como caracterizam a vossa relação com os professores? São todos iguais? A relação que têm com a professora de português é igual à relação que têm com a professora de inglês, por exemplo?

Aluno 14: *Temos uma relação de amizade... Não é igual com todos... Mas é com quase todos... Mas é uma boa relação.*

Aluno 13: *É quase tudo parecido.*

Entrevistador: E o que é para vocês inteligência emocional?

Aluno 15: *Qualquer coisa com o psicológico*

Aluno 14: *Ser inteligente.*

Entrevistador: Inteligência emocional... pensem lá um bocadinho...

Aluno 13: *Controlar-se...*

Entrevistador: E mais? Lembram-se que falamos nisso no programa que vos dei de orientação vocacional...

Aluno 13: *É ter autocontrolo, não é?*

Entrevistador: Pode ser... Quando vocês estão inseridos ou assistem a uma situação de conflito em sala de aula, como acham que o professor deve reagir para melhorar o ambiente?

Aluno 14: *“Todos calados”.*

Aluno 13: *Aqui é diferente... No liceu eles mandavam-nos logo para a rua, aqui eles não mandam que não podemos sair da escola.*

Entrevistador: Mas como achas que o professor deve reagir?

Aluno 14: *Ajudando... dando atenção...*

Aluno 13: *É isso...*

Aluno 14: *Mandam separar... falam connosco...*

Entrevistador: M, o que achas?

Aluno 12: *Não sei, nunca tive envolvida numa situação assim...*

Entrevistador: Mas com certeza já assististe na turma, o aluno a responder mal ao professor...

Aluno 15: *Foi hoje mesmo...*

Entrevistador: Como é que a professor reagiu?

Todos: *Mal.*

Entrevistador: Mas acham que ela devia ter reagido de outra forma?

Aluno 13: *Não, ela tinha de reagir da maneira que reagiu...*

Entrevistador: Como é que ela reagiu?

Aluno 15: *Brigando e dizendo as verdades.*

Entrevistador: Acham que então, confrontar o aluno é uma boa reação?

Aluno 15: *Não é confrontar...*

Aluno 13: *Não é confrontar, é chamar a atenção para ver se ele melhora.*

Entrevistador: Acham que ter regularmente situações de conflito em sala de aula influencia a vossa relação com o professor?

Aluno 13: *Influencia, o professor não vai ficar bem-disposto depois do conflito.*

Entrevistador: E na vossa aprendizagem?

Aluno14: *Sim.*

Aluno13: *claro, é logo muito tempo perdido ali.*

Entrevistador: E na motivação?

Aluno13: *Sim...*

Entrevistador: E agora, consideram que a inteligência emocional é importante para melhorar a relação que vocês têm com o vosso professor?

Aluno 12: *Eu acho que sim... Se uma pessoa não é instável, ele vai trazer os seus problemas para as outras pessoas...*

Entrevistador: Em que momentos da aula vocês trabalham a inteligência emocional?

Aluno 15: *quando a professora briga connosco... chama-nos a atenção... Quando não estamos a fazer nada...*

Entrevistador: Sim... mais?...

Aluno 13: *É isso, situações de conflito...*

Entrevistador: Ok... O que é a afetividade?

Aluno 13: *Afetos?*

Aluno 15: *Carinho...*

Aluno 13: *Simpatia...*

Aluno 14: *Bondade...*

Entrevistador: Uma relação afetiva com alguém... como é essa relação?

Aluno 12: *Um apego...*

Aluno 15: *Amizade...*

Entrevistador: É importante ter uma relação afetiva com o vosso professor?

Aluno 14: *sim, é importante. Se não... Não sei se está certo...*

Entrevistador: Podes dizer o que quiseses... estás à vontade... aqui não há respostas certas e erradas, é a tua opinião... Todos temos de respeitar.

Aluno 14: *Acho que se não tivermos uma relação de afetos vai dar mau ambiente na sala...*

Aluno 13: *E vai haver respeito entre todos...*

Aluno 14: *Quando precisarmos, ele pode nos ajudar também...*

Aluno 13: *Ele vai confiar em nós e nós nele.*

Aluno 15: *Ele levanta as notas!*

Entrevistador: A sério... (risos) E tu, M?

Aluno 12: *Eu concordo com os meus colegas...*

Entrevistador: Ok... sentem que têm uma relação de afetos com os vossos professores?

Aluno 14: *Sim... Isso melhora a minha relação com eles...*

Aluno 13: *Eu também sinto que tenho.*

Entrevistador: E para vocês, o que é a motivação?

Aluno 14: *Tipo batalhar numa coisa que queremos...*

Aluno 13: *Estar determinado a alcançar os nossos objetivos.*

Aluno 12: *Eu concordo...*

Entrevistador: E o que vos dá motivação para ir para as aulas?

Aluno 15: *O horário.*

Aluno 12: *Acabar a escola*

Aluno 13: *Acabar o 9º ano.*

Aluno 14: *Igual, acabar o 9º ano o estágio.*

Entrevistador: Estás entusiasmada para ires para estágio?

Aluno 14: *Sim, para acabar o 9º ano também, acabar a escolaridade obrigatória e ir trabalhar, ter as minhas coisinhas...*

Entrevistador: E para aprenderem novos conteúdos? Matéria nova, digamos assim...

Aluno 13: *Para ter novos conhecimentos noutras matérias...*

Aluno 12: *Saber um bocadinho de tudo também é bom...*

Aluno 15: *O aprender não ocupa espaço.*

Entrevistador: Quais são as matérias/disciplinas que vos motiva mais? Há algum tipo de aula que vos motiva mais?

Aluno 14: *Cidadania, porque falamos do mundo lá fora e da realidade.*

Entrevistador: Gostam de que tipo de aula? Aquela que a professora fala e fala e vocês estão para ali a ouvir e a escrever e escrever...?

Aluno 13: *Não!*

Entrevistador: Preferem uma aula prática ou teórica?

Aluno 12: *Eu gosto dos dois, metade uma metade outro.*

Aluno 13: *Eu gosto mais da prática, porque sei lá... eu não gosto de ouvir a professora para lá a falar e a berrar...*

Aluno 14: *Gosto de prática também.*

Aluno 15: *Eu gosto da teoria, divertimo-nos mais*

Entrevistador: Divertes-te a ouvir a professora?

Aluno 15: *E a aprender e tudo...*

Entrevistador: Muito bem... A vossa motivação é influenciada por que variáveis? É influenciada pelo quê?

Aluno 12: *Quero ter resultado naquilo.... Estou a pensar no meu futuro...*

Aluno 13: *Eu quero alcançar os meus objetivos...*

Aluno 14: *Quero alcançar algo na vida.*

Aluno 15: *Quero tirar a escolaridade.*

Entrevistador: Sentem que há pessoas que vos ajudam a estarem mais motivados para fazer alguma coisa?

Aluno 13: *Sim, os meus pais...*

Aluno 14: *Sim, a minha psicóloga... minha psiquiatra... As pessoas lá do lar... E eu também.*

Aluno 12: *Não, eu própria... Se for pela cabeça dos outros, estou lixada.*

Aluno 14: *Eu tenho a minha avó, pela vivência de vida dela...*

Entrevistador: E quando é que vocês se sentem mais motivados?

Aluno 15: *Quando estou na aula de música... é uma coisa que eu gosto.*

Aluno 14: *Quando estou no ginásio.*

Aluno 13: *Quando estou a chegar perto do objetivo*

Aluno 12: *às vezes dá-me vontade do nada...*

Entrevistador: Tens alguma situação, algum momento em que te sintas mais motivada?

Aluno 12: *quando estou a ouvir música.*

Entrevistador: Há algo que os professores façam que vocês consideram que é um sinal de que eles estão preocupados com a vossa motivação?

Aluno 14: *“Larga o telemóvel”*

Aluno 15: *“Senta-te direito”*

Aluno 13: *“Larga a conversa”.*

Aluno 12: *Quando nos chama a atenção...*

Entrevistador: E o que é que vos desmotiva?

Aluno 12: *As pessoas*

Aluno 13: *No meu caso é saber que vou ter ficar mais um ano e esse ano foi em vão...*

Aluno 4: *Desmotiva-me.... É.... A vida....*

Aluno 12: *Os problemas?*

Aluno 14: *Não...*

Entrevistador: queres desenvolver? Se não quiseses estás à vontade...

Aluno 14: *É a vida no sentido... A vida...*

Aluno 13: *Vida lá fora?*

Aluno 15: *A vida é dura para os moles.*

Entrevistador: Diz-me uma coisa, estás a dizer isso devido às situações que já viveste?

Aluno 14: *Sim...*

Entrevistador: Está bem. Tudo vai correr bem, não te preocupes. Temos de pensar positivo e vais ver que vai correr tudo bem...

Aluno 14: *Sim... Eu sei...*

Entrevistador: É isso mesmo. Próxima pergunta... Como se vê que um aluno está motivado?

Aluno 14: *Quando está empenhado a escrever, atento ao que a professora está falando... A estudar...*

Entrevistador: E como se vê um aluno desmotivado?

Aluno 14: *Está no telemóvel...*

Aluno 13: *Está afastado do mundo...*

Aluno 14: *Não quer nada no “castanho”.*

Entrevistador: Consideram que é possível recuperar da desmotivação?

Aluno 15: *Sim, pensando ao contrário... tentar resolver mais vezes os problemas, enfrentar.*

Aluno 13: *Começando o zero.*

Aluno 12: *Temos de ter fé, ter o pensamento que vamos errar e vamos começar de novo até dar certo.*

Entrevistador: Açam que a relação com os vossos professores influencia na motivação? Porquê?

Aluno 13: *Sim, aqui há mais respeito... Como tem menos alunos, o professor concentra num aluno e no liceu eles concentram-se em todos os alunos e somos deixados de parte. Aqui não.*

Aluno 15: *Sim, eles são simpáticos e sabem ensinar... dá-me motivação para vir.*

Aluno 12: *Sim, porque se não tivermos uma boa relação com os professores, nós não vamos querer vir...*

Entrevistador: Como seria uma aula ideal para vocês. Descrevam-na.

Aluno 15: *Com brincadeiras... Mas saber brincar.*

Aluno 13: *Uma experiência nova.*

Aluno 15: *Podíamos dizer ao professor para fazermos algo também...*

Entrevistador: Dar sugestões... E mais? Nada?... Ok... A última pergunta... descrevam-me um professor que vos dê vontade de aprender.

Aluno 15: *Como é o nome daquela professora?*

Entrevistador: A professora C?

Aluno 15: *Não, a mediadora... a E... está sempre alegre...*

Aluno 13: *Um professor que faz um pouco de tudo...*

Aluno 15: *Um professor que esteja sempre lá para nós...*

Aluno 14: *Um professor que dê ideias...*

Aluno 13: *Um professor que fale do mundo lá fora e não só de matéria e escola...*

Aluno 12: *Um professor que seja preocupado com os seus alunos.*

Entrevistador: Mais alguma coisa?

Aluno 13: *Não.*

Entrevistador: Ok. Muito obrigada pela vossa disponibilidade e participação!

Anexo 8 - Transcrição da entrevista dos professores

Professor 1: Masculino, 44 anos, Licenciatura em Matemática e Ciência e Pós-Graduação em Tecnologias Educativas; Professor de Matemática; 2º ciclo; Leciona há 14 anos; Nesta escola, leciona há 2 anos; 15 alunos

Professor 2: Feminino, 52 anos, Licenciatura em Português e Inglês e Pós-Graduação em Educação Sexual; Professor de Português e Inglês; 2º ciclo; Leciona há 24 anos; Nesta escola, leciona há 1 ano, mas lecionou há 5 anos; 10 alunos

Professor 3: Feminino, 44 anos, Licenciatura em Português e Francês, Pós-Graduação em Gestão da Informação e Curso livre de espanhol; Professor de Português; 3º ciclo; Leciona há 14 anos; Nesta escola, leciona há 1 ano; 15 alunos (“O que eu acho que é muito aluno para as características destes alunos”)

Professor 4: Feminino, 27 anos, Licenciatura em Ciências Biológicas e da Saúde, Mestrado em Neurobiologia e Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais; Professor de Matemática; 2º ciclo; Leciona há 2 anos; Nesta escola, leciona há 1 ano; 15 alunos

Professor 5: Feminino, 54 anos, Licenciatura em Português e Inglês; Professor de Cidadania e Empregabilidade; 2º ciclo; Leciona há 29 anos; Nesta escola, leciona há 3 anos; 10 alunos

Professor 6: Feminino, 40 anos, Licenciatura em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Pós-Graduação em Vulcanologia e Riscos Geológicos; Professor de Cidadania e Empregabilidade; Todos os ciclos; Leciona há 18 anos; Nesta escola, leciona há 3 anos; 15 alunos

Entrevistador: Boa tarde a todos. Em primeiro lugar, quero agradecer-vos a vossa disponibilidade para colaborar no meu estudo e como já mencionei, esta entrevista tem

como finalidade a realização do estudo que estou a elaborar para a minha dissertação de mestrado em Psicologia Escolar e da Educação, cujo tema é “O papel da relação professor-aluno na motivação escolar: a percepção de jovens em risco e dos professores”.

Estão de acordo em participar no meu estudo?

Todos: *Sim, estamos.*

Entrevistador: Gostam de lecionar nesta escola?

Professor 1: *Gosto bastante, gosto muito*

Entrevistador: Todos gostam?

Todos: *Sim.*

Professor 6: *Sim, até porque estou aqui por opção.*

Entrevistador: Como a descrevem? Que características esta escola tem que a diferencia das outras?

Professor 1: *Na minha opinião é diferente, há uma abordagem diferente. Eu já disse isso há uns tempos, fui entrevistado para um vídeo aqui... Que é a abordagem é completamente diferente... A interação que existe... O próprio enquadramento dos projetos, a sequência programática não é aquela coisa rígida que existe no “suposto” ensino regular. Então, esta estrutura toda que está à volta, as pessoas a apoiarem, não só os professores... Isso faz com que, eu acho que isso tenho uma taxa de... uma margem de sucesso maior... e por isso mesmo é que os jovens vêm para aqui já não tiveram sucesso no hipotético ensino regular e alguns deles... evidentemente não temos 100% de sucesso aqui, mas temos uma taxa de sucesso considerável para o tipo de jovens que vêm cá ter. Eu acho, é a minha opinião.*

Professor 4: *E acrescer isso, também é um bocado adaptado a cada aluno...*

Professor 1: *Sim, foi isso que quis dizer. Como não é rígido...*

Professor 5: *É a flexibilidade*

Professor 2: *Eu quero acrescentar, se calhar também uma relação mais próxima com os alunos... Com os alunos, com o pessoal da escola, ou seja, acabamos por interagir todos para o mesmo fim e nota-se que a coisa funciona porque eu tive aqui há 5 anos e não funcionava assim tão bem... Houve uma mudança também da parte da direção...*

Entrevistador: Agora que falou nisso, que esteve cá há 5 anos, o que é que acha que mudou?

Professor 2: *A direção. A orientação. Eu gosto muito do trabalho do J e da M e da C... De toda a gente.... Enfim, antes não era assim. Era tudo muito mais rígido. Havia muitos mais problemas comportamentais com os alunos... Muita incompreensão da parte delas para connosco e as coisa não funcionavam mesmo... Não funcionavam... Era quase um braço de ferro... E agora o ambiente é outro. Há mais colaboração, sentimo-nos seguros...*

Professor 5: *Há mais harmonia entre todos...*

Professor 2: *Exatamente. Perguntam-nos a opinião, nós participamos nas coisas...*

Professor 3: *eu acho que é uma escola diferente, para alunos diferentes. A postura que eu tenho aqui.. Nesta escola, não tem nada haver com a postura que tenho com os alunos do regular. Claro que eu gosto de criar empatia com todos os alunos, mas é muito diferente.*

Professor 4: *A minha opinião acaba por ser praticamente a mesma, inclusive até fui entrevistada aqui há uns tempos, eu disse exatamente a mesma coisa, disse que aqui funciona tudo como se fossemos uma família, no fundo é isto.*

Professor 5: *Resumindo, flexibilidade, ambiente familiar e a tal empatia que se consegue criar mais facilmente, sim...*

Professor 6: *Juntando tudo o que já foi dito, a fim ao cabo é realmente o trabalho de equipa multidisciplinar que temos... Que faz realmente que a gente consiga avançar e*

as reuniões que vamos tendo, quando é necessário para podermos combinar o que vai ser feito e também temos em conta a história de vida dos miúdos e as problemáticas que eles têm, vamos tentando adequar também tendo em conta... para os conseguir motivar pelo menos a não desistir e a continuar... pelo menos a conseguirem os seus objetivos.

Entrevistador: Como caracterizam a relação que estabelecem habitualmente com os vossos alunos?

Professor 4: *Até é relativamente agradável...*

Professor 1: *É, mas como caracterizam? É assim, a minha abordagem é sempre do ponto de vista... eu tento sempre perceber... são jovens “especiais”, alguns deles... que a maioria deles têm falta de carinho e atenção e são... eu chamo-lhes os “gatos bravos” e eu já lhes disse a eles, os “gatos bravos”, não é? Bufam às pessoas e estão ali todos enriquecidos e não sei quê... E depois aquilo no final eles amansam. Então, a gente deixa-os estar e são aquele tipo de jovens que a gente... isto vai ao encontro do que aqui a nossa colega disse há bocado... sobre uma hipotética direção anterior... eu não sei quem eram, eu não conheci, já conheci isto assim. Que era, se somos agressivos com eles, eles vão ser agressivos ou a dobrar para nós. Não há hipótese. Quando eles são agressivos a gente tem de quebrar e a gente tem de andar aqui com a corda mais ou menos equilibrada. É aquilo que eu sinto. E a minha relação com eles aqui caracteriza-se essencialmente por isso. Tento. Porque também eu nem sempre estou nos melhores dias.*

Professor 2: *Claro, todos nós temos dias bons e maus. Tentamos gerir as situações, as emoções. Qualquer coisa pode...*

Professor 4: *Sim, e nós temos de ver da parte deles, se eles estão num dia bom, se estão num dia mau e às vezes dar-lhes mais ou menos atenção, se eles precisam de espaço, se eles precisam de mais atenção, também é importante perceber isso, ok, precisas ou não*

precisas, queres ir lá fora, não queres ir lá fora, precisas de conversar. Pronto, tudo isso, também influencia para depois a nossa postura na sala de aula com eles.

Professor 5: *É o tal equilíbrio.*

Entrevistador: Mais alguém quer acrescentar algo?

Professor 6: *No fundo, nós temos que ser.. como disse um professor no meu tempo, já há muitos anos... Nós somos os pais, os professores, os amigos, psicólogos, os tios, somos tudo. Conforme o que eles vão precisando naquele dia, nós vamos ser aquele apoio para eles, ou tentamos... Cá está, há os dias bons, os dias menos, mas vamos tentando sempre resolver e levando isso a bom porto.*

Entrevistador: Agora, quando são as práticas que utilizam para construir uma relação mais positiva com os vossos alunos?

Professor 2: *Gomas serve? (risos)*

Professor 6: *Serve, também trago uns chocalatinhos (risos)*

Professor 1: *Na minha opinião, aquilo que dissemos anteriormente já são as práticas que é a nossa perceção emocional, de gerir o momento,... sermos mais velhos que eles, mais experientes e de gerir a emoção no momento da gente contrabalançar com eles. Que às vezes é muito difícil.*

Professor 2: *Tentar não reagir*

Professor 1: *É a parte principal aí. Eu acho que o segredo da equipa, uma equipa que funcione aqui está aí... Em ter um grupo de... professores, até os técnicos que acompanham... muitas vezes têm que respirar fundo mil vezes... eles têm que ter uma paciência... este grupo de pessoas que trabalham aqui são fantásticos nisso, porque eles todos... Todas... Porque homens somos poucos....*

Professor 5: *E estão sempre em cima do acontecimento. Todas sabem o que se passa com cada um.*

Professor 1: Todas têm muita paciência, têm um jogo enorme. E acho que isso é uma principal estratégia.

Professor 5: E sabem, estão dentro do assunto, estão bem informadas, sabem como devem gerir. É verdade.

Professor 2: Eles testam a nossa paciência.

Professor 1: Constantemente.

Professor 2: Tostam e testam, as duas coisas. Até é mesmo para ver se nos desafia. Eu normalmente, tento não reagir negativamente pelo menos, mas de vez em quando não consigo, às vezes não funciona. Mas é uma coisa que se nota, continuamente... andamos sempre à prova de... não é de balas... à prova de testes... A testar-nos se vamos, se não vamos... Há dias que se conseguem lidar bem, há dias que conseguimos dar a volta, mas há dias que não se consegue.

Professor 5: Há dias que eles conseguem-nos olhar nos olhos, há dias que não conseguem, que é algo que eu... eu gosto de falar com a pessoa...

Professor 6: Há dias que eles vêm “Professora, eu vou partir isto tudo! Eu sou doido!” e eu respondo “Oh querido, se tu és doido, eu sou doida e meia.” (risos) Entrar assim um bocado... Entrar naquela “ok, tu és doido, tu fazes isso. Eu faço pior”. De certa maneira, entrar na brincadeira, mas mostrar que quem manda aqui sou eu. Por outro lado, a gente tenta tipo conquistá-los pela barriga, como se dizia antigamente, um docinho... Já fiz uns crepes, já se fez umas coisas aí, por exemplo o ano passado fizemos pizza, ou seja, eles sentem-se, de certa maneira acarinhados por nós e são coisas que isto até lhes faz falta eles terem aquilo “Vamos lanchar isso de graça? É oferecido?” E eles ficam também embebidos que foram mimados.

Professor 5: *A mim já me conhecem pela professora das bolachinhas (risos). E perguntam-me “A professora trouxe bolachinhas?” e eu respondo “Não trouxe, mas vou ali ao mercadinho buscar”.*

Professor 1: *E isto vai ao encontro daquilo que eu disse dos “gatos bravos”. Muitos deles são tratados sem carinho e sem amor... Eu não estou em casa deles para ver, mas percebemos isso... Um simples toque, às vezes a gente chega-se a eles e eles ficam logo... Parece mesmo os “gatos bravos”. Eles não estão habituados a ter atenção.... Muito deles não estão...*

Professor 2: *Eles não estão habituados ao elogio... Eu, por exemplo, costumo fazer festas quando os vejo. Eu sou assim e eles já reagem positivamente, aliás os alunos das outras turmas também já reagem (risos).*

Professor 5: *São os tais mminhos...*

Professor 6: *E acrescentando ao que a colega estava a dizer, os outros alunos das outras turmas... E realmente é isso, nós temos as nossas turmas digamos “oficiais”, mas a fim ao cabo todos os alunos são nossos também.*

Professor 2: *E às vezes quando me cruzo com algum, às vezes paro e conversa, eu faço questão porque eles não estão habituados a este tipo de coisas e por isso eu tento fazer. Eu faço isso no meu dia a dia à minha mãe, aos meus sobrinhos etc. E tento agir da mesma maneira com eles. Quando me perguntam “Mas porque é que a professora está a dizer isso?” E eu respondo que faço isso com a minha família, que não tem mal nenhum e já aceitam. Mas ao princípio perguntavam. Sabem é que sou muito emotiva, não se nota, não é? Eu tanto faço um carinho como me zango e ao princípio eles ficavam assim meio na dúvida e agora já acham piada e já não reclamam.*

Entrevistador: *Exatamente... vamos passar à próxima pergunta. Que práticas gostariam de modificar para melhorar a vossa relação com os alunos?*

Professor 3: *Eu acho que nós já fazemos o nosso melhor, por isso...*

Professor 2: *Com os instrumentos que nós temos, eu acho que já fazemos o melhor.*

Professor 5: *E com a flexibilidade do currículo, nós já conseguimos... Não estou a ver agora...*

Professor 3: *é claro que... Práticas com os alunos... eu gostaria de ter mais computador aqui...*

Professor 5: *Sim, sim, mas isso é material...*

Entrevistador: *Mas são vocês como professores... é mais se as vossas práticas que vocês têm em sala de aula com eles, falta algo ou se deviam alterar algo?*

Professor 5: *É a flexibilidade como eu já disse, já damos o nosso melhor. Agora a nível de material, claro que se tivéssemos mais computadores, por exemplo, melhorava talvez...*

Entrevistador: *Ou seja, isto já não depende de vocês, sentem que no que depende de vocês, estão a dar o vosso melhor para uma boa relação.*

Professor 5: *Sim, sim, não depende de nós esta parte, por isso eu digo que nós já fazemos o melhor para tal.*

Professor 1: *Mas a nível de recursos, não creio que isso... fosse fazer muita diferença, porque eles nunca estão satisfeitos com nada.*

Professor 2: *Sim, é verdade.*

Professor 1: *Chego a uma aula e digo que vamos fazer uma aula diferente, vamos fazer uma caminhada, por exemplo, eles dizem logo “olha não vim para escola para caminhar”, ou “vamos lá fora, vamos ver a horta” e eles dizem “não vim para aqui para trabalhar na horta”. Até mesmo quando digo que hoje vamos ver um filmes, eles dizem que vão dormir e não querem ver o filme...*

Professor 3: *Até porque... ontem estávamos a ver um filme e praticamente eu, as mediadoras e um aluno meu é que estava a ver o filme, o resto não estava.*

Professor 1: *Mas resumindo e voltando à questão, há sempre coisas que podemos melhorar, mas aquilo é muito pontual, às vezes há situações aí.. Mas os recursos são muito importantes, são sempre uma mais-valia.*

Professor 5: *Em cidadania, e faço muita pesquisa e eles têm que usar os telemóveis e por vezes a internet nem sempre é a melhor... E por vezes atrasa um pouco o trabalho, mas isso não é nada que não se dê a volta.*

Entrevistador: Sim, claro... Agora, que características um professor deve ter para melhorar a relação com os seus alunos? E que também beneficia na sua profissão?

Professor 1: *A primeira é a paciência, uma dose de paciência e inteligência emocional, muito grande. E a empatia, também.*

Professor 5: *Já respondeu. É mesmo isso.*

Professor 4: *É que mesmo principalmente a paciência.*

Professor 2: *Tem de haver algum equilíbrio, porque uma pessoa que não seja muito equilibrada e que esteja dependente da reação dos alunos acaba por ficar...*

Entrevistador: Sim, é mais ou menos como o Professor R disse, inteligência emocional...

Professor 2: *Sim, tem de haver algum equilíbrio, se não vais abaixo... não é?*

Entrevistador: E agora falaram em inteligência emocional... Como é que definem o que é a inteligência emocional?

Professor 1: *É precisamente isso, a inteligência emocional é ver os momentos e conseguir articular os conhecimentos com aquilo que é o feeling do momento, do espírito dos alunos e dos professores, também... E toda a gente que está dentro da sala de aula, porque temos as técnicas que estão lá, da equipa multidisciplinar que estão lá*

connosco. E temos que gerir sempre... conciliar aquilo tudo, toda a informação do momento e isso... E a inteligência emocional acho que vem daí... conseguirmos gerir da melhor forma as emoções consoante a situação...

Professor 3: *Não só as nossas como os dos alunos...*

Professor 4: *E não ser tanto aquela ação-reação.*

Professor 6: *Aprovado, é isto mesmo...*

Entrevistador: Alguém tem mais alguma coisa a acrescentar sobre o que é a inteligência emocional?

Professor 6: *Não, porque foi muito bem respondido, é mesmo isso, gerir as nossas emoções e as dos alunos.*

Entrevistador: Muito bem... E quando se encontram numa situação de conflito em sala de aula, que estratégias utilizam para melhorar a situação?

Professor 4: *Tentar perceber o que se passa, falar de uma forma calma... ok... E se isso não funcionar, eu acho que a melhor forma é mesmo....*

Professor 2: *Recuar...*

Professor 4: *Não, é encaminhar para as técnicas responsáveis, para alguma das mediadoras e isso acho que é a melhor forma...*

Professor 1: *O que a Professora S disse está certo... Eu tento sempre... Aprendi isto há muitos anos... Isolar. Este tipo de alunos ou este tipo de pessoas, quando os confrontamos, no grupo, eles funcionam como um gangue, eles reagem... E se os confrontamos, se os abordamos tranquilamente, sozinhos... Apanhamo-los no corredor... Lá está é inteligência emocional. Eu, muitas vezes, acontece a situação e eu na hora não digo nada. Depois passado um bocado, passado uma hora, apanho-os e falo com eles... Quando eu era diretor de turma, que não é o caso aqui, eu normalmente, tirava-os da sala e ligava aos pais diretamente e punha os a falar com os*

pais sozinhos, sem ser à frente dos outros e... Eles sozinhos funcionam diferente do que em frente ao “gangue” e... é uma das estratégias que uso. Se os confrontar no grupo, nunca dá certo, eu nunca consegui.

Professor 2: É assim, eu também tento evitar os confrontos, tento... ou isolar o aluno como ele faz ou então pedir para ele ir falar com a sua mediadora, tirá-lo do grupo. Porque os ânimos... Aquilo é combustível... Eles exaltam-se...

Professor 5: É o poder do grupo...

Professor 2: Eles exaltam-se e temos tendência a perder o controlo... Às vezes, conseguimos controlar sem problema nenhum... Mas outras... é preciso ajuda... ou eles vão lá ter com elas ou elas vêm à sala, já me aconteceu, depende do aluno, depende do tipo de conflito que é... Se é connosco ou se é entre eles... Muita coisa depende da hora da situação...

Professor 6: E muitas vezes, também é a própria falta de medicação... Grande parte dos problemas comportamentais... Principalmente quando eles deixam de tomar sem ser por ordem médica ou esquecem-se e não tomam... e aquilo depois eles ficam completamente descontrolados e passam-se do nada e por mais que mantenhamos a calma... Eu tive um que tive toda a calma possível e imaginária e chegou a um ponto que... ok... vais falar com a mediadora e antes nós conseguimos ter uma conversa e ele não se conseguia controlar e para não haver, para ele não se atirar aos outros eu tive que me meter e dizer “acabou vamos embora os dois” e foi aos berros por aí a fora...

Professor 2: É porque nós temos de pensar no aluno, nos outros alunos e em nós. Estamos a falar de miúdos que têm o corpo de um adulto, bastante grande... Há uma série de fatores que temos de ter em conta quando reagimos deste género, não estou para levar um soco não é?

Professor 6: E muitos já são adultos legalmente...

Entrevistador: E acham que ter conflitos em sala de aula influencia a relação pedagógica, o processo de aprendizagem dos alunos e a motivação?

Todos: Claro.

Entrevistador: Como?

Professor 6: *Quando não estão motivados, estão distraídos com o conflito e estão com a cabeça noutra sítio... aí realmente vai influenciar a própria aprendizagem e até mesmo o nosso próprio raciocínio do que estávamos a fazer e perdemos o fio à meada...*

Entrevistador: E consideram que a inteligência emocional é importante para fortalecer a relação professor-aluno? De que forma?

Professor 3: *Acho que já respondemos isso*

Professor 1: *A gestão da emoção do momento faz com que haja um equilíbrio...*

Entrevistador: Sim... E utilizam estratégias ou práticas para o desenvolvimento da inteligência emocional em sala de aula?

Professor 6: *Ai sim... Muito.*

Entrevistador: Pode dar alguns exemplos? Com que objetivos?

Professor 6: *Por exemplo, a atividade que fizemos que foi através de temáticas que os alunos sugeriram que queriam falar, desde de drogas, sexualidade, transtornos alimentares... A questão da própria aparência física... Pronto, muitos deles... Como eram temas que iam de encontro ao que eles queriam... Ao serem confrontados com os temas que eles próprios escolheram, eles também começam a ver até que ponto eles sabiam sobre o próprio tema e até que ponto aquele tema os afeta. Temos um caso de uma miúda que tem trauma a nível de gordura, tem mesmo trauma e vê-se sempre como uma pessoa mais forte e não é, e quando se falou do tema a miúda... viu-se logo na miúda que aquilo estava a atingir-lhe. E no final, ela veio falar comigo e tivemos mais*

de 20 minutos a falar sobre isso porque ela sentiu que precisava de desenvolver essa parte e estivemos a falar. E quem diz isso diz, por exemplo, alunos homossexuais, inclusive a parte da afetividade, falamos sobre isso, o vínculo e acabamos por descobrir que apesar de serem homossexuais não aceitam a homossexualidade no sexo oposto, por exemplo e através disso...

Entrevistador: Algum professor aqui não utiliza estratégias na sala de aula?

Professor 5: *Todos nós, de uma maneira ou de outro utilizamos.*

Entrevistador: Mas por exemplo, a Professora C dá Cidadania, o Professor R e a Professora S dão matemática, que estratégias utilizam nas vossas aulas?

Professor 6: *Eu não sou de matemática mas posso dar um exemplo. Temos um quadrado tem os seus próprios cantos, passamos para um círculo, outra forma geométrica, que é uma forma perfeita, corrijam-me se estiver errada... mas sendo a forma perfeita que não tem cantos, não tem isolamentos, não tem nada, é união e por aí fora...*

Professor 3: *Por exemplo, quando pedimos uma atividade e o aluno diz “não sei fazer isso, não sei e não sei”. Eu às vezes digo “pronto, a professora vai fazer contigo” e assim é mais fácil ele avançar.*

Professor 5: *é o apoio.*

Professor 4: *Ou então “vamos fazer em conjunto”*

Professor 1: *Quase sempre eu faço isso, eu trabalho com pequenos grupos, recentemente. Mudei a estratégia... Lá está fui adaptando, nós vamos nos adaptando... Com os pequenos grupos, eles estão todos a trabalhar em ritmos diferentes que é para não haver um parado e outro a trabalhar e então eles não têm desculpa, mas eles têm o seu ritmo. De vez em quando eles param, vão ao telefone, eu não digo nada e passado*

um bocado eu sento-me ao pé deles e pergunto como está a correr o trabalho e vamos andando e vai se fazendo.

Professor 2: *Eu trabalho muito com autoestima dos alunos... Eles são muito inseguros, na leitura, na interpretação, na própria escrita de textos e eu trabalho muito nisso e faço ver-lhe “olha afinal consegues fazer isso”*

Professor 3: *É o reforço positivo.*

Professor 2: *Exato, e eles são extremamente críticos, ou seja, não de si mas dos outros... São incapazes de ver os seus erros e estão prontos a apontar o dedo. E eu costumo utilizar isso para fazer-lhes ver. Quer no inglês quer no português. Porque a imagem que eles têm de si e a imagem que eles têm dos outros... é completamente diferente... Uns têm uma autoestima muito elevada, outros muito baixa...*

Professor 4: *E às vezes eles têm noção que têm muita dificuldade, que não estão a acompanhar os outros e a defesa deles “não sei, eu não faço”. Recusam-se. Mas quando a gente se senta ao pé deles e dizemos “ok, eu estou aqui, eu vou te ajudar”, nós vemos logo outro tipo de atitude, do género, estão se a sentir apoiados ou especiais e eles conseguem. Ao seu ritmo.*

Entrevistador: Sim, o apoio é fundamental... E o que é que consideram ser a afetividade?

Professor 2: *É tudo, os afetos estão sempre em todo lado, em tudo mesmo*

Entrevistador: Deem-me uma definição do que é para vocês.

Professor 2: *Afetividade? A forma como interagimos com eles, dizer “que bom chegaste hoje a tempo”...*

Professor 5: *O próprio tom de voz...*

Professor 2: *O tom de voz, o sorrir, fazê-lo sentir bem-vindo. O elogiar, dizer “estás tão bonito hoje”... nos pequenos gestos do dia a dia.*

Professor 5: Às vezes basta sorrir...

Professor 6: A afetividade está associado à “Rotas do Futuro”. Nós temos a relação professor, aluno, mediadoras...

Professor 5: No início até quando se falou que se isso é uma espécie de uma família, acho que diz tudo.

Professor 2: Desde o momento que eles entram na sala de aula... Aliás, na escola. Estar com eles, fá-los sentir bem-vindos.

Entrevistador: Eu acho que a fim ao cabo acabaram de responder à próxima questão que é como é que caracterizam uma relação afetiva...

Todos: Sim, sim. Acabamos de responder isso.

Entrevistador: Tendo em conta, então, isso que disseram acham então que é importante ter uma relação de afetividade com os vossos alunos?

Todos: sim, totalmente.

Entrevistador: De que forma acham...?

Professor 6: Já foi dito, explicado...

Professor 1: Principalmente por causa deles

Professor 2: É por causa deles, é é. Um aluno quando gosta de um professor aprende muito mais facilmente. Ele sem querer ele quer agradar-nos, presta atenção, não quer faltar...

Professor 4: Está muito mais motivado.

Professor 2: E nós também! Eu tive um aluno, era um excelente aluno e começou a faltar repentinamente e fiquei preocupada com ele e depois perguntei a tanta gente e eu depois vi-o e perguntei diretamente e ele não respondeu bem, eu até fiquei triste, desiludiu-me... O facto dele afinal não gostar de mim ou de não gostar da escola.

Entrevistador: Ou seja, ter uma relação de afeto com os alunos melhora muito a vossa relação com eles...

Professor 2: *Melhora, melhora o empenho...*

Professor 3: *Vou te dar um exemplo. Quando as aulas não correm ou não correm como deveria correr, eu fico maldisposta. Tem haver com a minha afetividade, não é?*

Entrevistador: Sim... E agora, como descrevem o que é a motivação?

Professor 3: *é a predisposição que o aluno tem para alguma coisa, neste caso.*

Professor 1: *A motivação é isso mesmo, é o concílio que existe entre o querer e a vontade. Eu acho que... Não só, mas é o que eu sinto. Eles têm pouca, mesmo que estejam muito bem, há um preconceito... Há um conceito pré estabelecido... não só com as matemáticas... Há um conceito pré estabelecido que é a escola “uh vou agora trabalhar”, aquela coisa, não sei se isso vem de berço ou não, se é pelo convívio que eles têm...*

Professor 4: *Mas por aquilo que eu vejo.... Eu acho que é geral, não é particularmente aqui.*

Professor 1: *Não, não, a motivação tem de ser trabalhada no concílio das expectativas.*

Professor 5: *Mas estar muito tempo com o mesmo tema... Tem que se variar um pouco a atividade ou até mesmo o tema. Não estar muito tempo.*

Entrevistador: O que acham que motiva os alunos para frequência das aulas e para a aquisição de conhecimentos?

Professor 1: *É o facto das mediadoras terem os telefones dos pais deles, é o que os motiva a vir às aulas...*

Professor 5: *É, em grande parte é...*

Professor 1: *Neste momento, ainda é uma fase... Apesar da brincadeira... É, neste momento, a responsabilidade deles, muitas vezes, sentimos que vem também do rigor,*

do acompanhamento, do trabalho estar a ser bem feito. Não aparecerem e eles sabem que alguém vai perguntar e faz com que eles não façam as coisas como eles querem e de certa forma mantêm algum ritmo, o que é bom. A disciplina é uma coisa que se aprende ou por cópia de aprendizagem, convivência ou por exigência.

Professor 3: *Eu acho que a motivação dos alunos não tem a ver só com o facto de...*

Por exemplo, um aluno pode gostar muito daquele professor, mas se ele estiver motivado a faltar, ele vai faltar mesmo gostando daquele professor... Percebes? Há muitas coisas por detrás disso... Tem a ver com as tais regras, o controlo que há, em casa.. E não só.

Professor 6: *Mas também por outro lado, alguns estão a vir pelo oposto. Porque nas outras escolas eles eram postos de parte, eram discriminados, eram os rebeldes... e aqui eles estão se a sentir apoiados, importantes, porque eles têm uma função, por exemplo na radio, eu tenho o teatro, eu tenho que ir para o ensaio e até eles vêm sem ser nas suas horas de aulas porque sentem que aqui estão seguros. Não me refiro a todos, como é obvio, mas um ou outro até vêm antes da hora. A nível de motivação.*

Entrevistador: *Sim, sim. E consideram há matérias que influenciam a motivação?*

Professor 6: *Sim, por exemplo em cidadania, tenho essa vantagem em relação aos meus colegas, porque eu tenho uma abrangência de temas... Se eu quero falar de uma coisa... Ou se eles dizem querem falar sobre algum problema, eu pergunto o que se passa e dali até podemos tirar algo importante, uma questão social, aproveitar para fazer dinâmicas, mais funcionais para o dia a dia. Tenho essa vantagem, por ser menos académico...*

Professor 5: *Eu tenho um exemplo. Eu também sou de cidadania e estamos a falar sobre o Dia Internacional da Mulher. A semana passada aquilo gerou um debate aceso, um deles até se defendeu a dizer que a mulher não quer igualdade, quer superioridade.*

Olhem foi interessantíssimo e parte do que eu tinha planeado... E acabamos de nos concentrar no debate e foi bastante interessante. Foi sobre a igualdade, superioridade, a desigualdade... acabou por puxar outros temas. Não pode ser muito tempo com a mesma coisa, se não...

Professor 1: *É, tem este problema...*

Professor 5: *Aliás, eles têm as suas próprias paragens por alguma razão, são os 2 intervalos que eles fazem da manhã.*

Professor 1: *e se lhes perguntarmos, eles dizem que são escravizados... (risos).*

Entrevistador: E que práticas pedagógicas vocês têm para motivar os alunos?

Professor 1: *A Professora V compra-lhes gomas que eu sei (risos)*

Professor 5: *Eu compro bolachinhas!*

Professor 4: *Eu compro chocalatinhos.*

Entrevistador: Por exemplo, aqui nesta escola não há tanto a teoria, é mais prática...

Professor 6: *O próprio trabalho de projeto, as várias abrangências nas atividades diárias, como poderem participar nas artes circenses, no futebol de rua, no beach tennis, o ciclismo... e mesmo as atividades que vamos tendo na sala de aula para elaborar os projetos...*

Professor 1: *Indo especificamente às disciplinas, no meu caso a matemática. Eu tento sempre... Porque nós estamos a formar jovens... Não estamos a formar jovens para ir para a universidade... Para se especializarem ou serem formados, sabemos disso..*

Então eu tenho lhes dizer que é o saber fazer. O que é que é a vida hoje em dia, nada mais nada menos do que a resolução de problemas no dia a dia e de tomar decisões...

Questões simples às vezes.. Por exemplo eu não quero que eles sejam os matemáticos, ter cálculo mental, uma coisa fabulosa, há um ou outro que se destaca. Eu não me importo nada que eles usem calculador, eu digo-lhes “usem calculadora”, eu quero é

que eles que percebam a problemática e a situação em questão, por isso é que se chama Matemática para a Vida. E desta problemática, eles arranjam uma solução. Nós no dia a dia, e isto é um problema de muitos professores, não aqui mas os académicos, que já cheguei a ter essas discussões... Querem formar cientistas e não... Porque as pessoas um dia vão para o mercado de trabalho e já trabalhei fora do ensino muitos anos também e eu não me lembro de uma fórmula qualquer, não quer dizer que eu seja um mau matemático. Porque eu tenho uma capacidade de perceber que preciso daquilo e ter em conta a informação e resolvo um problema e então parece... isso parece uma coisa... É certo não atingimos um nível elevadíssimo aqui mas tenta-se fazer e creio que os meus colegas... Também pelo que eu vejo trabalham nessa dimensão.

Professor 2: *É, como eles todos têm telemóvel, eu incentivo e digo “vai ver, vai procurar, pesquisa sobre isso”.*

Professor 1: *Só o eles procurarem, encontrarem a informação e filtrarem, já é muito bom.*

Professor 3: *Eu também... Eu sou professora de português, eu não sei tudo. Às vezes surge-me uma palavra e eu digo mesmo “Eu não tenho a certeza, vamos procurar”. Procura aí no telemóvel.*

Entrevistador: E a motivação é influenciada por que variáveis?

Professor 1: *Principalmente pelos pares. Os pares são a maior influência que eles têm, são colegas deles. A influência do grupo dos mais fortes, o que é que eles vão fazer e então é o que eu falei há bocado, a tal história do gangue... Quando há conflito, isolar. Porque eu acho que os pares são a maior influência que eles têm.*

Professor 2: *Por exemplo na minha turma, eu tenho um exemplo o R, que era um ótimo aluno, ele fez dois módulos até janeiro e depois veio o G e o B e ele mudou completamente a sua postura, a sua atitude, começou a ser agressivo e brusco e agora*

vai reprovar porque falta. A dinâmica da sala de aula mudou por completo com a chegada daqueles dois alunos. E eu tenho uma pena imenso porque o R estava nas mãos, tinha 14 e 15, sabia as coisas e de repente não aparece mais.

Entrevistador: Quando consideram que os alunos estão motivados?

Professor 6: *Ao fazerem-nos uma questão, quererem saber mais...*

Professor 1: *Ao participarem.*

Professor 6: *Se não estão a mexer constantemente nos telemóveis. É um bom indicador que eles estão motivados.*

Entrevistador: E como consideram a motivação dos alunos quando faz a sua planificação das aulas? Achem que é uma variável importante ao planearem as vossas aulas?

Professor 2: *Sim.*

Professor 6: *Sem dúvida.*

Professor 2: *Até porque a gente tem que ter capacidade de adaptá-las durante a aula, se não está a correr bem, modificar a dinâmica... O outro dia aconteceu-me isso (risos). Eles não estavam atentos, não estavam a aderir... E tive que interromper...*

Entrevistador: E como identificam que o aluno está desmotivado?

Professor 1: *É o oposto do que a professora C disse.*

Professor 6: *Está a mexer no telemóvel, está a olhar para anteontem...*

Professor 1: *Quando estão sempre a perguntar se já podem ir para intervalo, se podem sair mais cedo... Casa de banho... Há tantos sinais... ou até os que dormem na sala, deitam a cabeça e pronto...*

Entrevistador: O que leva à desmotivação, na vossa opinião?

Professor 1: *Como já dissemos, são os pares... Tudo...*

Professor 3: *Eu posso acrescentar também... O ambiente em casa, influencia muito a motivação... Não é só os pares.*

Professor 1: *O estado de espírito deles depois...*

Professor 4: *Eles entram para dentro da sala, já... Pesados... E só por aí, o resto da própria aula já não será igual.*

Professor 5: *Eu tinha um aluno, que trabalhava numa padaria, ele fazia uma direta e às 9h da manhã estava aí... a dormir... cheguei a apanha-lo a dormir por aí... na sala...*

Professor 6: *Eu tenho um aluno e ele está sempre aí, é raro faltar.*

Professor 4: *E vem super bem-disposto.*

Entrevistador: *Pois, ele está sempre ali na rádio, no bar... e acham que é possível recuperar um aluno desmotivado?*

Professor 5: *Se é possível recuperar?...*

Professor 2: *Não é impossível, mas também...*

Professor 1: *Tanto que acho que a motivação... É assim... Eles têm variações, tem a ver com o estado de humor deles... Eu tenho alunos que chegam aí e... parece que não existem... que não estão cá e depois tem outros dias que fazem e andam e estão bem-dispostos.*

Professor 4: *Mas também depende dos objetivos deles também...*

Professor 1: *Em alguns casos tem muita influencia o estado espirito deles...*

Professor 2: *Aliás tem muita influência.. Eles são adolescentes, é normal. Com todas as coisas que a adolescência traz, os altos, os baixos, as experiências, boas e más...*

Professor 4: *O facto de não conseguirem ainda controlar a sua parte emocional... e acabarem por misturar tudo...*

Professor 2: *Estão naquela fase do amor... Macacada não é, quando corre bem corre, se não corre bem é uma grandessíssima de uma desgraça... Portanto nós estamos a viver com eles um momento complicado...*

Professor 3: *E a verdade é que a gente não consegue controlar tudo... Eu no outro dia assisti a alunos que ficam aqui na hora do almoço e eu perguntei a um “Não vais almoçar?” e ele “Não, agora só quando chegar a casa”. Como é que um aluno pode estar motivado com a barriga a dar horas para a aprender? Não pode!*

Professor 2: *Isso tem a ver com a família...*

Entrevistador: O contexto familiar é um aspeto muito importante... Agora... Consideram que relação que estabelecem com os vossos alunos influencia na motivação dos mesmos? De que modo?

Professor 6: *Foi como a professora T disse, um aluno que gosta do professor é meio caminho andado...*

Professor 5: *A empatia pelo professor já é meio caminho andado*

Entrevistador: E descrevam-me uma aula vossa. Que fatores consideram chave para fortalecer a relação com os alunos e a motivação dos mesmos?

Professor 2: *Ter uma relação de franqueza, honestidade, ou seja, eu tento ser o mais franca possível com eles... Eles não são tolos, têm problemas a vários níveis, mas não são tolos... Porque eles já estão habituados a serem maltratados ou enganados e mesmo que tenha de dar negativa eu falo com eles, “achas que mereces ou achas que não?”. Eu falo muito com eles.*

Professor 5: *Sim, sermos genuínos com eles, empatizar com eles... Fazê-los entender as coisas, se é justo se não...*

Professor 4: *Ah o outro dia... eles estavam me sempre a pedir chocolates e eu disse “eu não vou trazer porque vocês não fizeram por merecê-lo. ...”*

Entrevistador: Exatamente, eles também têm de perceber que não pode ser como eles querem... E por último, que estratégias pode um professor utilizar para motivar os alunos a aprender novos conteúdos?

Professor 3: *É a tal coisa... O reforço positivo*

Professor 2: *Elogiá-los, apoiá-los... tratá-los com toda a dignidade de seres humanos que são.*

Professor 6: *E como adultos! É importante referir isso...*

Entrevistador: Chegamos ao fim da nossa entrevista... Mais uma vez quero vos agradecer pela vossa disponibilidade.

Professor 5: *Olha, para terminar deixa-me só ler aqui uma frase, que encontrei nas minhas pesquisas. Achei interessantíssimo. É da Maria Montessori, uma educadora do início do século XX. “As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, neste dia estaremos a educar para a paz.”.*

Entrevistador: Nem mais... Muito obrigada Professora N. Não podia ter acabado da melhor maneira. Obrigada a todos.

Todos: *Obrigada nós. Boa sorte.*

Anexo 9 – Tabela da análise categorial

Dimensões e subdimensões		Participantes	Análise	Citações
"Rota do Futuro" vs Ensino Regular		Professores	A "Rota do Futuro" caracteriza-se por ser uma escola diferente. Não é muito rígida, é uma escola que se preocupa com o bem estar dos alunos e em criar uma ligação positiva com os mesmos a fim de alcançarem sucesso escolar.	<i>P1 "a abordagem é completamente diferente..."; "que os jovens vêm para aqui já não tiveram sucesso no hipotético ensino regular e alguns deles... evidentemente não temos 100% de sucesso aqui, mas temos uma taxa de sucesso considerável para o tipo de jovens que vêm cá ter." P4 "adaptado a cada aluno..."; "que aqui funciona tudo como se fossemos uma família" P2 "relação mais próxima com os alunos..." P3 "é uma escola diferente, para alunos diferentes. A postura que eu tenho aqui... Nesta escola, não tem nada haver com a postura que tenho com os alunos do regular." P6 "(...) ...é realmente o trabalho de equipa multidisciplinar que temos... Que faz realmente que a gente consiga avançar e as reuniões que vamos tendo, quando é necessário para podermos combinar o que vai ser feito e também temos em conta a história de vida dos miúdos e as problemáticas que eles têm, vamos tentando adequar também tendo em conta... para os conseguir motivar pelo menos a não desistir e a continuar... pelo menos a conseguirem os seus objetivos"</i>
		Alunos	O sistema de ensino é diferente das escolas regular, visto que há uma menor carga horária, de trabalho e abordam temas relevantes e diferentes na sala de aula, algo que agrada os alunos. Para além disso, a ligação que existe entre alunos, professores e técnicos é algo importante para eles, pois há sempre uma preocupação e um foco da parte da equipa para com os alunos.	<i>A2 "As aulas são mais curtas, é melhor..."; "Nós conversamos muito. Conversamos sobre tudo, desde drogas, sexualidade, tudo." A4 "Eles não vêm para aqui só dar aulas e ganhar dinheiro"; "os horários são acessíveis e os professores são bem-dispostos..." A1 "Eles sabem lidar com os alunos..."; "Eles preocupam-se conosco..." A5 "vim para esta escola e mudei completamente"; "Eu gosto porque é mais prática e não teórica. Os professores são mais compreensíveis... que estejamos a passar por alguma coisa ou alguma coisa na sala, se formos falar com eles, eles compreendem melhor, não como aqueles que tínhamos nas outras escolas..."; "Não é uma escola com 300 alunos, somos poucos... (...) Por um lado, nós conhecemos a escola toda... Mas não vejo coisas tão negativas..." A6 "Aqui as informações que te dão são mais úteis." A7 "Aqui aprendemos mais sobre a vida..."; "Quando elas vêm ter comigo e estão ali comigo a falar, eu percebo que a pessoa parou para me dizer "J, não devias de fazer isso assim..." já sei que a pessoa que está a dizer aquilo quer o meu bem." A10 "Aqui temos uma ligação com os professores que na escola normal... No ensino regular não temos..."; "(...) ...conseguimos ter uma relação, uma convivência... e estamos todos lá no bar no convívio." A3 "Eles querem nos ajudar a dar um bom futuro..." A13 "Tem mais liberdade, aqui expresse-me mais. No ensino regular não dá para nos expressarmos."</i>
Relação professor - aluno	Características dos professores	Professores	Para que esta escola funcione com este tipo de alunos, os professores caracterizam-se por ter empatia com os alunos, serem muito pacientes e mais importante é conseguirem ter inteligência emocional .	<i>P1 "A primeira é a paciência, uma dose de paciência e inteligência emocional, muito grande. E a empatia, também."</i>

Relação professor - aluno	Características dos professores	Alunos	Professor que menos gostam	Professores que não sejam compreensíveis, que demonstrem superioridade perante os alunos, que têm práticas mais teóricas e com muita carga de trabalho numa aula só, são docentes que os alunos não apreciam. Relataram momentos impactantes para a caracterização dos professores	A1 "É muito arrogante conosco..." A4 "É a maneira como ela fala conosco..." A5 "Ela foi injusta comigo." A6 "às vezes, os professores abusam do poder deles..." A8 "Senhora, eu só peguei com ela por um simples motivo. (...) falei com ela aos gritos e eu calei-me para não a mandar para set países diferentes, peguei no telemóvel e o D já estava há tanto tempo no telemóvel e a senhora C chegou à sala e ela diz-me "Oh I desliga o telemóvel" (...) Nem foi porque não disse nada ao D, mas foi diretamente para mim "Oh I, desliga já o telemóvel", nem foi "Vocês que desliguem os telemóveis", não foi logo diretamente para mim... Fiquei doido senhora!" A7 "(...)...a falar alto comigo... Quem é ele para falar daquela maneira comigo e depois a levantar-se da cadeira, tipo a mostrar que era superior a mim." A10 "Eu não gosto muito é das aulas..."; "(...) as aulas delas são "boring", aborrecidas e não quero.; ela tem muita pouca ou falta de qualidade ali..." A13 "Tenta fazer tudo numa aula e nós não conseguimos..."
			Professor que mais gostam	Para haver uma ligação mais positiva, os alunos demonstram que um professor que seja compreensível, que não os julgue e que tenham uma relação de amizade com eles, é o tipo de professor que mais gostam.	A4 "É a melhor professora, ela compreende-nos...; Ela não nos julga." A2 "Ele sabe distinguir a tua fase adulta e sabe distinguir a nossa adolescência. Sabe mostrar a convivência entre dois lados, por isso é que ele se dá com todos nós." A6 "Serem professores e mais velhos mas levam-nos na base da amizade..." A9 "Nós falamos sobre várias coisas da vida, ela percebe-nos..."
	Relação professor-aluno	Professores		Para uma boa relação entre o professor e o aluno, denota-se que, nesta escola, os professores preocupam-se muito com o estado emocional dos alunos, visto que caso percebam que um aluno não está bem, tentam apoiá-lo ao longo do dia para que o mesmo se sinta melhor.	P1 "(...) são jovens "especiais", alguns deles... que a maioria deles têm falta de carinho e atenção e são... eu chamo-lhes os "gatos bravos"; (...) se somos agressivos com eles, eles vão ser agressivos ou a do brar para nós. Não há hipótese. Quando eles são agressivos a gente tem de quebrar e a gente tem de andar aqui com a corda mais ou menos equilibrada." P2 "(...) todos nós temos dias bons e maus. Tentamos gerir as situações, as emoções." P4 "se estão num dia mau e às vezes dar-lhes mais ou menos atenção, se eles precisam de espaço, se eles precisam de mais atenção, também é importante perceber isso, ok, precisas ou não precisas, queres ir lá fora, não queres ir lá fora, precisas de conversar. Pronto, nido isso, também influencia para depois a nossa postura na sala de aula com eles." P6 " Nós somos os pais, os professores, os amigos, psicólogos, os tios, somos tudo."; "o que eles vão precisando naquele dia, nós vamos ser aquele apoio para eles, ou tentamos..."
			Alunos	Quanto à opinião dos alunos, estes afirmam ter uma boa relação com todos, porém valorizam muito o respeito um pelo outro.	A4 "Há professores e professores... Há uns que a gente dá-se mais e outros não... Isso é assim..." A8 "(...) eu tenho uma boa relação com todos (...); O meu respeito para a senhora é mesmo respeito que tenho com os outros, se alguém me faltar ao respeito, aí as coisas mudam." A10 "Não, eu dou-me bem com todos, mas claro que cada um é tem o seu estilo, mas não me dou mal com ninguém." A14 "Temos uma relação de amizade... Não é igual com todos... Mas é com quase todos... Mas é uma boa relação"
Relação professor - aluno e as emoções	Inteligência Emocional	Professores		Os professores mostram ter algum conhecimento sobre esta competência.	P1 "conseguimos gerir da melhor forma as emoções consoante a situação..." P6 "(...) gerir as nossas emoções e as dos alunos."

Relação professor - aluno e as emoções	Inteligência Emocional	Alunos	Há uma falta de conhecimento sobre o que é inteligência emocional. Poucos alunos chegaram ao verdadeiro significado da palavra, pois, muitos foram pelo sentido da palavra e acabaram chegar a uma conclusão, enquanto outros não sabiam o que era.	A4 "(...) Saber gerir bem os seus sentimentos?" A1 "Eu também não, mas deve ser qualquer coisa das emoções." A3 "Inteligência emocional... Talvez uma pessoa que resolve bem os problemas..." A10 "Eu também não sei (...) ...é saber usar as emoções... saber estar dentro de uma sala não é a mesma coisa que estar cá fora, no intervalo ou fora da escola. Dentro da sala tens de estar ali calmo, não vais estar aos berros e isso como estás lá fora. Saber estar nos sítios...; Sim, é saber lidar e não ter de demonstrar para as outras pessoas que estás triste. Por exemplo, nós vimos mais irritados de casa, com um problema... Os professores não vêm para aqui nem os alunos descarregar com os professores, nem os professores com os alunos... porque? Porque os problemas que são de fora são de fora, os que são de cá de dentro são resolvidos cá dentro." A13 "É ter autoc controlo, não é?"
	Trabalhar inteligência emocional	Professores	Os professores acabam por não trabalhar exclusivamente na inteligência emocional, no entanto trabalham outros aspetos, como a autoestima e abordam temas relacionados com a adolescência, em sala de aula.	P6 "Por exemplo, a atividade que fizemos que foi através de temáticas que os alunos sugeriram que queriam falar, desde de drogas, sexualidade, transtornos alimentares..." P3 "quando pedimos uma atividade e o aluno diz "não sei fazer isso, não sei e não sei". Eu às vezes digo "pronto, a professora vai fazer contigo" e assim é mais fácil il ele avançar." P1 "eu trabalho com pequenos grupos, recentemente (...) ... eles estão todos a trabalhar em ritmos diferentes que é para não haver um parado e outro a trabalhar e então eles não têm desculpa, mas eles têm o seu ritmo." P2 "Eu trabalho muito com autoestima dos alunos... Eles são muito inseguros... (...) Porque a imagem que eles têm de si e a imagem que eles têm dos outros... é completamente diferente... Uns têm uma autoestima muito elevada, outros muito baixa..."
		Alunos	Os alunos demonstram que situações de conflito em sala de aula são momentos onde se trabalha a inteligência emocional. Ainda, estes afirmam ser importante	A3 "Quando o professor diz alguma coisa que não nos agrada e tentar guardar aquilo para nós e entrar logo e já a matar... Porque sim, estamos basicamente a treinar a raiva... A9 "É nos conflitos, basicamente" A14 "quando a professora briga connosco... chama-nos a atenção... Quando não estamos a fazer nada..." A2 "Também temos de saber gerir os nossos sentimentos quando estamos em conflito, não atirar logo "pedras" ao professor..."; A2 "Sim... Momentos em trabalho de grupo, por exemplo... Mesmo que se não gostarmos da pessoa, temos de saber gerir os nossos sentimentos..." A6 "Por exemplo, eu para lidar com as minhas emoções, vou treinar..."

Relação professor - aluno e as emoções	Conflito em sala de aula	Alunos	a maioria dos alunos afirmam que ter regularmente estas situações de conflito influenciam negativamente para a aprendizagem, relação professor e aluno e motivação escolar.	A2 "Acalmar os alunos e tentar entender a razão pela qual está havendo a discussão"; "Também temos de saber gerir os nossos sentimentos quando estamos em conflito, não atirar logo "pedras" ao professor." A3 "Não gritar com os alunos." A4 "Acalmar os alunos e tentar entender a razão pela qual está havendo a discussão" A5 "Tem de saber pedir desculpa também." A6 "Sim, vai haver muitas paragens na matéria..." A7 "Se é um professor que está sempre a meter-se contigo, vens para a aula e tu já não te vais sentir à vontade para estar ali..."; "Eu depois mandei-lhe para um sítio... Eu não aguento! Como é? Quem é ele para falar daquela maneira comigo e depois a levantar-se da cadeira, tipo a mostrar que era superior a mim. Para mim, uma pessoa que tipo.... Estou a começar aqui contigo e estávamos a ter um bate-boca e tu levantas-te dessa mesa... O meu pensamento é tu estás a levantar-te para ficares superior a mim. Eu fico inferior e tu ficas a falar comigo com superioridade. Eu não gosto."; "A mim aconteceu isso. Eu entrava na sala e a professora já dizia "Se começares a falar vais para a rua" e eu tinha acabado de entrar na sala, nem tinha aberto a boca e já estava a começar a pegar comigo e ia-me embora. Já ficava desmotivada. Por isso nunca aparecia. Se fosse outro professor a dizer "Vá lá J, chegaste atrasada, senta-te aqui e vou te explicar isso, já perdeste isso." Não, é logo "Senta-te e cala-te!". Minha mãe que está ali." A8 "Sim, vai haver muitas paragens na matéria..."; "Tem de tentar ser compreensivo, falar com os alunos... Perceber o que se passou entre os dois..."; "Pior mesmo foi ele dizer "Desaparece da minha frente e não sei quê". Foi muito mau"; "Sete horas seguidas de aulas, muita coisa para processar... Os professores... Calhava estar mais cansado naquele hora de aula, podia ter feito o resto da aula e tudo, mas estava mais cansado e deixava uma coisa ou outra por fazer era logo "Não fizeste nada", mas aos berros... Mais um problema." A9 "Sim, eu já não vou estar muito motivado para ir às aulas, mas vou na mesma porque isso já me aconteceu, mas eu fui na mesma." A10 "mandar para a rua"; "falar com a mãe e com o pai" A11 "Não é confrontar, é chamar a atenção para ver se ele melhora; influencia, o professor não vai ficar bem-disposto depois do conflito.";
Relação professor - aluno e as emoções	Afetividade na relação pedagógica	Professores	Os professores afirmam que a afetividade está associada ao elogio e ao apoio dado aos alunos pelos mesmos. Uma relação de afetividade com os alunos, segundo os professores, ajuda a melhorar a relação de ambos e na motivação escolar do aluno.	P1 "a maioria deles tem falta de carinho e atenção" P2 "O tom de voz, o sorriso, fazê-lo sentir bem-vindo. O elogiar, dizer "estás tão bonito hoje..."; Um aluno quando gosta de um professor aprende muito mais facilmente. Ele sem querer ele quer agradar-nos, presta atenção, não quer faltar..." nos pequenos gestos do dia a dia." "Eles não estão habituados ao elogio" P6 "A afetividade está associado à Percurso. Nós temos a relação professor, aluno, mediadoras..."; "Já fiz uns crepes, já se fez umas coisas aí, por exemplo o ano passado fizemos pizza, ou seja, eles sentem-se, de certa maneira acarinados por nós e são coisas que isto até lhes faz falta eles terem aquilo "Vamos lanchar isso de graça? É oferecido?" E eles ficam também embebidos que foram mimados" P2: "Um aluno quando gosta de um professor aprende muito mais facilmente. Ele sem querer ele quer agradar-nos, presta atenção, não quer faltar..." nos pequenos gestos do dia a dia."; P3 "Está muito mais motivado."

Relação professor - aluno e as emoções	Afetividade na relação pedagógica	Alunos	A afetividade, para os alunos, é vista como a relação que eles próprios têm com a sua mãe. É caracterizada por ser uma ligação positiva entre duas pessoas e a maioria dos alunos demonstram que ter uma relação de afetos com o professor realmente melhora a ligação entre os dois e o ambiente em sala de aula.	A4 "É tipo... ter um carinho por ela...; Claro, para todos se darem bem..."; A4: Não devemos dar confiança a mais, devemos ir dando conforme ela merece..."; A3 "Não ser muito arrogante com a pessoa..."; A14 "Acho que se não tivermos uma relação de afetos vai dar mau ambiente na sala..."; A13 "E vai haver respeito entre todos..."; A7 "Eu acho que não. A parte do respeito sim, mas por exemplo não tem de haver carinho, não tem de haver..."; "Não, eu pelo menos não tenho" A6 "Nem pensar, não me vou atirar a um professor agora..."; A3 "Uma relação afetiva é o que tens, o que sentes pela tua mãe... É igual mas com outras pessoas, obviamente que gostas da tua mãe, mas sem ser essa parte. O resto é tudo igual." A10 "Relação carinhosa entre aluno e professor... dão-se bem, colaboram um com o outro...; Pensa na relação com a tua mãe" "Ter respeito pela pessoa; "Confiança"; "Não ser muito arrogante com a pessoa"; "É ser leal"; "Amor..."; "Relação carinhosa entre aluno e professor... dão-se bem, colaboram um com o outro..."; "É dar carinho... Ser atencioso...";
Motivação Escolar	Motivação escolar	Professores		P3 "É a predisposição que o aluno tem para alguma coisa, neste caso." P1 "(...)é o concílio que existe entre o querer e a vontade. (...) "
		Alunos	Os alunos acabam por associar a motivação a alcançarem os seus objetivos e de certa forma a quererem melhorar a sua pessoa.	A2 "Motivação para mim é uma coisa que motiva a ser melhor, a querer crescer... querer ser melhor para mim e para todos..." A6 "Eu acho que motivação é uma força que vem de dentro... dá-te energia para fazeres o que pretendes." A3 "Temos que meter na nossa cabeça "Eu quero isso e vou conseguir" e realmente fazer os possíveis... A10 "Motivação é aquela coisa dentro da gente que tem aquela vontade de fazer..." A14 "Tipo bata-lhar numa coisa que queremos..." A13 "Estar de terminado a alcançar os nossos objetivos."
	Motivos para frequência das aulas e novos conteúdos	Professores	Na perspectiva dos professores, os alunos acabam por vir às aulas porque têm alguém que se preocupam e que insistem com eles para comparecerem. De igual modo, um dos professores afirmou ser o controlo que há em contexto familiar e também, o facto de nesta escola ser considerados importantes e sentirem que não estão sozinhos, enquanto que nas escolas de ensino regular eram discriminados devido ao comportamento disruptivo.	P1 "É o facto das mediadoras terem os telefones dos pais deles, é o que os motiva a vir às aulas..." P3 "Eu acho que a motivação dos alunos (...) um aluno pode gostar muito daquele professor, mas se ele estiver motivado a faltar, ele vai faltar mesmo gostando daquele professor... (...) Há muitas coisas por detrás disso... Tem a ver com as tais regras, o controlo que há, em casa. E não só." P6 "(...) alguns estão a vir pelo oposto. Porque nas outras escolas eles eram postos de parte, eram discriminados, eram os rebeldes... e aqui eles estão se a sentir apoiados, importantes... (...) "
		Alunos	Os alunos mostram que para frequentarem as aulas desta escola é o facto de haver uma boa relação com os professores, de haver aulas práticas e a equipa multidisciplinar valorizar as ideias deles. Por outro lado, há alunos que mostram que os únicos motivos são o facto de querem alcançar um bom futuro e ainda, há um aluno que afirma que o que lhe motiva é não querer ter um processo na CPCJ.	A10 "A mim são os professores, eles têm uma boa relação connosco... E também é diferente porque... as aulas são mais práticas e... é tudo diferente; Eu e o J, nós fizemos numa folha um texto a dizer que queríamos baguetes na escola e eles colaboraram connosco e agora já temos baguetes para comermos ao almoço. Não é qualquer escola que ia colaborar com dois alunos como nós..." A13 "Acabar o 9º ano." A5 "eu estou aqui para não ir para a CPCJ, basicamente." A6 "A minha motivação para vir para a escola é conseguir um futuro melhor" A3 "Ter um bom trabalho."
	Fatores que influenciam a motivação escolar	Professores	Os pares são a principal variável que influencia a motivação dos alunos.	P1 "Os pares são a maior influência que eles têm..." P2 "Por exemplo na minha turma, eu tenho um exemplo o R, que era um ótimo aluno, ele fez dois módulos até janeiro e depois veio o G e o B e ele mudou completamente a sua postura (...) "

Motivação Escolar	Fatores que influenciam a motivação escolar	Alunos	Os fatores que influenciam a motivação dos alunos é muito diversa, passa por obterem um futuro melhor, agradar e terem o apoio de pessoas que estão próximas deles e atividades extracurriculares.	<i>A3 "É a minha namorada." A2 "Ter um futuro melhor." A7 "Conseguir aquilo que nós queremos, eu tenho um objetivo e tenho que fazer por aquele objetivo." A3 "Eu sou muito influenciado também por causa da minha mãe, por causa da CPCJ... Não muito por causa da CPCJ, eles dizem-me as coisas e entrava 100 e saía a 300... Mas agora a minha mãe... A minha mãe fica magoada, quase que chorava... E foi isso que mexeu comigo..." A11 "Dá-me motivação para vir para a escola as bicicletas, porque eu gosto muito de andar de bicicleta e eu aqui tenho um dia que posso sair da escola com a senhora C e vamos andar de bicicleta por aí..."</i>
	Fatores que levam a faltar às aulas	Professores	Os pares e o ambiente familiar são aspetos que fazem com que os alunos estejam desmotivados a nível escolar	<i>P1 "Como já dissemos, são os pares... Tudo..." P3 "Eu posso acrescentar também... O ambiente em casa, influencia muito a motivação... Não é só os pares."</i>
		Alunos	A atitude dos professores perante certas situações, a carga horária, de trabalho e a persistência para conseguir alcançar algo e não obter sucesso, são fatores de desmotivação para os alunos.	<i>A4 "A professora de inglês." A2 "Ter muito carga horária." A6 "(...) A atitude de certas pessoas..." A7 "Quando uma pessoa quer muito uma coisa e não está a dar certo... Isso desmotiva." A3 "antes desmotivava-me tudo, basicamente... Professores, horários, colegas de turma... Tudo. Tudo em si desmotivava-me..." A10 "Quando estamos na sala e eles não querem saber de nós, quando temos uma dívida e eles avançam com a matéria e ignoram-nos... Eu perdi o ano foi assim..."</i>
	Motivação e relação professor-aluno	Professores	Segundo os professores, ter uma relação de genuinidade, honestidade, justiça e de empatia ajuda na motivação dos alunos.	<i>P2 "Ter uma relação de franqueza, honestidade, ou seja, eu tento ser o mais francamente possível com eles..." P3 "Sim, sermos genuínos com eles, empatizar com eles... Fazê-los entender as coisas, se é justo se não..."</i>
		Alunos	Para os alunos, ter uma ligação positiva com o professor, ter pouca carga de trabalho, manter uma relação de respeito entre os dois e haver uma preocupação com cada um dos alunos, aumenta a motivação dos mesmos.	<i>A10 "Sim, porque se for um professor que nos damos bem, uma pessoa sente logo alguma motivação do que se for com o professor que se menos gosta... Isso é lógico..."; "A mim são os professores, eles têm uma boa relação conosco... (...) Chegamos aqui, vamos lá cima ao bar, estamos ali num convívio com os professores antes mesmo de começar as aulas... não é logo de pancada, chegamos lá cima vemos se estão bem dispostos ou não... já sabemos como temos lidar, como vai ser a aula, o que vamos fazer, se vai ser mais rigoroso ou não... Sabendo também que a escola tem coisas que me agradam dá mais vontade de vir para a escola..." A2 "Sim, porque eles se são bons e porreiros conosco nós vamos à aula, não é? E se eles não nos dão aquela carga de trabalho e isso..." A7 "A mim aconteceu isso. Eu entrava na sala e a professora já dizia "Se começares a falar vais para a rua" e eu tinha acabado de entrar na sala, nem tinha aberto a boca e já estava a começar a pegar comigo e ia-me embora. Já ficava desmotivada." A13 "Sim, aqui há mais respeito... Como tem menos alunos, o professor concentra num aluno e no liceu eles concentram-se em todos os alunos e somos deixados de parte. Aqui não." A12 "(...) se não tivermos uma boa relação com os professores, nós não vamos querer vir..."</i>
	Estratégias para motivar os alunos	Professores	Apoiar os alunos quando é necessário e saber lidar com eles são estratégias para motivar os alunos, na perspectiva do professor. E, para além disso, oferecem doçaria aos alunos como forma de recompensá-los.	<i>P3 "(...) O reforço positivo" P2 "Elogiá-los, apoiá-los... Tratá-los com toda a dignidade de seres humanos que são." P2 "Serve, também trago uns chocolates (risos)"</i>
		Alunos	Na perspectiva dos alunos, o que é fundamental para os motivar é especialmente a relação que existe entre os professores e alunos. Demonstrar preocupação, compreensão, recompensá-los e abordar temas para além das disciplinas são fatores que motivam os alunos. Revelou-se alguma indiferença por parte do reforço positivo associado aos doces.	<i>A13 "Um professor que fale do mundo lá fora e não só de matéria e escola..." A12 "Um professor que seja preocupado com os seus alunos." A2 "Eles sabem lidar conosco." A3 "Um professor minimamente compreensivo...; chegar à aula e querer aprender, uma brincadeira lá de vez em quando e ela reage mas não mal como os outros..."; "Ela pensa que vamos nos calar porque queremos gomas..."; A6 "É estúpido..." A10 "Sabem recompensar o bem que fazemos..."</i>